

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS E REPRODUÇÃO
DA FORÇA DE TRABALHO URBANA

Maria Elzenita Braga Alves de Oliveira

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO - 1988

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS
E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE
TRABALHO URBANA

Maria Elzenita Braga Alves de Oliveira

Di 5 2.
346.334.
0 4.
4.2.

OP-V-VO 864

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
DEZEMBRO - 1988

MARIA ELZENITA BRAGA ALVES DE OLIVEIRA

TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS
E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE
TRABALHO URBANA

Dissertação apresentada ao curso
de Mestrado em Ciências Sociais
da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Mestre.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Política
e Trabalho

ORIENTADORA: Ângela M^a Tude de Souza

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
DEZEMBRO - 1988



O48t Oliveira, Maria Elzenita Braga Alves de
Trajetorias ocupacionais e reproducao da forza de
trabalho humana / Maria Elzenita Braga Alves de Oliveira. -
Joao Pessoa, 1988.
2 v.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias Sociais) -
Universidade Federal da Paraiba, Centro de Ciencias
Humanas, Letras e Artes.

1. Sociologia do Trabalho 2. Reproducao da Forca de
Trabalho 3. Mercado de Trabalho 4. Moradia 5. Dissertacao
I. Souza, Angela Maria Tude de, Profa. II. Azais,
Christian, Prof. III. Universidade Federal da Paraiba -
Joao Pessoa (PB) IV. Título

CDU 316.334.22(043)

TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS
E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE
TRABALHO URBANA

Maria Elzenita Braga Alves de Oliveira

ÂNGELA MARIA TUDE DE SOUZA
ORIENTADORA

CHRISTIAN AZAIS
CO-ORIENTADOR
Componente da Banca

DEIS ELUCY SIQUEIRA
Componente da Banca

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
DEZEMBRO / 1988

TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS E
REPRODUÇÃO DA FORÇA DE
TRABALHO URBANA

0148t

OLIVEIRA, Maria Elzenita Braga Alves de
Trajetórias Ocupacionais e reprodução
da força de trabalho urbana. João
Pessoa, Universidade Federal da Pa
raíba - Mestrado em Ciências Sociais,
1988, (Dissertação de Mestrado).

p. 203

1. REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO
2. MERCADO DE TRABALHO, 3. MORADIA

I Título

CDU: 331 024+331.6/641.1 (813.31)

NOTÍCIAS SOBRE A ILHA DO BISPO

S U M Á R I O

V. II

Apresentação

Levantamento de Notícias de Jornais

S U M Á R I O

V. I

Apresentação	10
Lista de Tabelas	12
Lista de Ilustrações	14
Siglas	15
Resumo	17
Introdução	18
Capítulo 1	
Em busca do entendimento: proposta teórico-metodológica	23
Capítulo 2	
Desenvolvimento capitalista e mercado de trabalho	47
Capítulo 3	
Urbanização de João Pessoa: heterogeneidade de classes e estratégias habitacionais	70
Capítulo 4	
Trajetórias ocupacionais e reprodução da força de trabalho	94
Capítulo 5	
O "locus" das diferentes formas de (inserção) reprodução	142
Conclusão	172
Resume	177
Referências Bibliográficas	178
Índice Geral	185
Anexos	188

APRESENTAÇÃO

Neste segundo volume, referente ao estudo das "Trajetórias Ocupacionais e Reprodução da Força de Trabalho Urbana," encontram-se os resumos feitos com base em levantamento de notícias de jornais da cidade, particularmente "A UNIÃO" e "O NORTE".

O objetivo de tal procedimento foi o de reunir elementos que permitissem subsidiar as análises de situações concretas a partir do recurso à memória jornalística, ou seja, ao registro documentado.

Embora não apareçam citados em sua grande maioria, não se pode deixar de realçar sua importância no desvendamento da formação dessas áreas, das mudanças que se registraram no decorrer do tempo com a definição de seu(s) uso(s) segundo os diferentes conteúdos profissionais e de classe.

O levantamento de notícias referente à Ilha do Bispo inicia-se na década de 1930, quando ali se instalou a indústria de Cimento Portella. Quanto às favelas, o noticiário cobriu a fase posterior a 1982. Para ambas áreas, o trabalho estendeu-se até a fase final da pesquisa de campo, ou seja, setembro de 1987.

Vale ainda salientar que a intenção de coletar notícias sobre problemas ligados à habitação, sobretudo no que respeita às favelas, foi o de atualizar ou melhor poder comprovar a validade das análises sobre o processo de favelização incluído no item 3.2.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	24.08.35	CONDE DOLABELLA E Dr. CARVALHO BRITO.	O Presidente da Companhia de Cimento Portland da Paraíba e altos industriais brasileiros, Conde Alfredo Dolabella Portella, vêm até aqui especialmente para assistir à inauguração da grande fábrica de cimento da Ilha do Índio Pyragibe acompanhado do Dr. Carvalho Brito.
A UNIÃO	06.09.35	AS GRANDES FESTAS QUE SERÃO PROMOVIDAS NESTA CAPITAL - AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA PÁTRIA.	Fábrica de Cimento da Ilha do Índio Pyragibe; a inauguração desse importante centro industrial verificar-se-á amanhã com seguinte programa: * missa nas dependências da fábrica às 7:00 h; * 13:00 inauguração oficial com comparecimento de todas as autoridades estaduais e federais.
A UNIÃO	07.09.35	INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE CIMENTO.	Compareceu para a inauguração da Fábrica, o governador do Estado, representantes dos Ministérios da Aviação, do Trabalho e da Marinha. Falou na oportunidade o presidente Conde Dolabella, o Governador do Estado, etc.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	20.12.35	FESTEJO DE NATAL NA POVOAÇÃO ÍNDIO PYRAGIBE.	Estão decorrendo em meio a comemorações os preparativos para festas natalinas com que os habitantes da comunidade vão comemorar as vésperas do Natal. A festa terá todo apoio da Fábrica que colaborará com a iluminação, como também uma salva de fogos que será queimada na hora da missa.
A UNIÃO	01.05.36	INAUGURAÇÃO HOJE DA PONTE ÍNDIO PYRAGIBE.	Em resposta ao telegrama que lhe foi dirigido o governador do Estado agradeceu à comissão organizadora dos festejos, com participação na pessoa do Secretário Celso Mariz.
A UNIÃO	07.05.36	A INAUGURAÇÃO DA PONTE ÍNDIO PYRAGIBE.	Na inauguração, estiveram presentes o governador interino do Estado e outras autoridades. Na ocasião também falou o presidente do comitê pró-povoação Índio Pyragibe, formado pelos operários da fábrica de cimento. O líder dos operários e presidente da comissão ressaltou a importância da construção da ponte que veio trazer benefícios àquela comunidade.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	10.05.36	ALUNOS DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE PERNAMBUCO VISITAM A FÁBRICA DE CIMENTO PORTLAND DE JOÃO PESSOA.	Encontravam-se, desde ontem, nesta capital, fazendo uma visita à fábrica de cimento, alunos da cadeira de Química Tecnológica e Materiais de Construção da Escola de Engenharia de Pernambuco, junto com os alunos da cadeira de Química Analítica de Resistência de Materiais. Foram efetuados ensaios dos Materiais, e a fabricação de cimento desde a retirada da matéria-prima até sua fase final.
A UNIÃO	02.06.36	DISCURSA O PRESIDENTE DO COMITÊ PRÓ-POVOAÇÃO ÍNDIO PYRAGIBE.	Dando continuidade aos festejos após a volta do governador do Estado do sul do país, fez pronunciamento em frente ao Instituto da Ordem dos Advogados, o presidente do Comitê Pró-Povoação Índio Pyragibe, manifestando agradecimentos pelos benefícios que o governador vem levando àquela comunidade durante seu mandato.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	03.09.36	CERTIFICADO EXCELÊNCIA DO CIMENTO DA PARAHYBA : FOI APROVADO A QUALIDADE DO CIMENTO PARAIBANO.	Campanhia Parahyba de Cimento Portland S/A. Certificado da Excelência do cimento da Parahyba. Estudado pelo Instituto de Pesquisa Tecnológica do Estado de São Paulo. Anexo à Escola Politécnica. Ensaio Oficial nº 7441. Resultados obtidos constata _m que é de boa qualida _d e.
A UNIÃO	24.10.36	UM GRANDE EMBARQUE DE CIMENTO PARAIBANO.	Pelos vapores "Campeiro" e "Arassú" Lloyd Brasileiro a Companhia Paraibana de Cimento Portland deste Estado acaba de fazer o maior embarque de cimento, no Brasil, num total de 22.000 sacos, sendo 600 toneladas para a Bahia e 400 toneladas para Fortaleza. Esse fato vem demonstrar a excelência do produto paraibano, que está se firmando dia a dia nos mercados nacionais.
A UNIÃO	30.04.37	A INAUGURAÇÃO AMANHÃ DA PONTE DA ILHA ÍNDIO PYRAGIBE.	A construção da ponte Índio Pyragibe sempre se constituiu numa necessidade das mais importantes para aquele bairro, cujos habitantes vinham plei

NOME DO	DATA DA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA		
			<p>teando desde algum tempo. Compreendendo o motivo <u>des</u>sa aspiração, o Governo do Estado resolveu logo empreender tão importante medida. Antes serviam-se da velha ponte (Greart Western) que era um <u>cons</u>tante perigo para os que a atravessavam. A <u>maio</u>ria dos habitantes do bairro Índio Pyragibe <u>pre</u>feriam se comunicar com a cidade pelo bairro de Cruz das Armas, fazendo assim, uma grande volta. A nova ponte será <u>inaugu</u>rada amanhã, festivamente. Sendo orador da <u>solenida</u>de o jornalista Adherbal Pyragibe.</p>
A UNIÃO	12.06.37	CIMENTO PORTLAND DA PARAÍBA.	<p>Por intermédio de <u>funcio</u>nários da fábrica de <u>ci</u>mento da Paraíba, foi <u>da</u>do à redação um projeto de propaganda, daquele <u>es</u>tabelecimento fabril.</p> <p>Pelo menos se pode <u>verifi</u>car a boa qualidade do <u>ci</u>mento paraibano empregado em construções de pontes e edifícios de grande <u>por</u>te.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	18.07.37	O CONHECIDO INDUSTRIAL VISITOU O "SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS".	O Conde Dolabella Portella foi acolhido dos comerciantes com o qual manteve uma cordial palestra sobre assuntos de legislação social e industrial. Convidado para visitar o ambulatório do Sindicato Conde Dolabella Portella aceitou com satisfação, prometendo realizar essa visita na próxima semana, após o seu regresso de Recife.
A UNIÃO	24.07.37	SEGUIU PARA RIO CONDE DOLABELLA PORTELLA.	Após alguns dias de permanência nesta capital voltou ontem a Recife, devendo retornar ao Rio, onde reside. O conde, chefe de importantes empresas manufactureiras do país, entre as quais a fábrica de cimento Portland da Paraíba S/A, manifestou a sua boa impressão do progresso do Estado, acompanhados pelos diretores da fábrica.
A UNIÃO	07.08.37	A DATA DA FUNDAÇÃO DA CIDADE ÍNDIO PYRAGIBE.	Por iniciativa do Comitê Pró-Povoação Índio Pyragibe foi organizado um programa para os associados proletários desta cidade.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------



dade. A convite, o ilustre historiador conterrâneo Professor Coriolano de Medeiros pronunciou ali uma oportuna palestra, evocando a atuação de Pyragibe e a sua influência na colonização da cidade. Dando segmento, realizou - se uma romaria ao local onde foi erguido um monumento ao legendário chefe Tabajara. O líder operário fez algum comentário sobre aquela homenagem. Teve também um grande comício pela candidatura do Ministro José Américo à presidência.

A UNIÃO 28.04.40 PÓ DA FÁBRICA DO CIMENTO.

A respeito do despreendimento de pó da fábrica de cimento, os poderes públicos do Estado vêm providenciando medida para sua pronta solução, com a colaboração da prefeitura da capital. O resultado da reunião, diretores da fábrica com prefeito, não teve uma solução definitiva para este grave problema.

Fábrica confirmou com documentos que já tomou as

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			devidas providências para comprar o filtro que solucionará este problema, ele vem da Europa. Prevista a chegada para 2 de maio.
A UNIÃO	14.06.40	CHEGARÁ NOS PRÓXIMOS DIAS O FILTRO ELEX.	Em ofício enviado ao Prefeito da cidade, o Dr. Orlando Stiebler, diretor da companhia da Paraíba de Cimento Portland S/A, comunicou ter chegado no Rio de Janeiro o eletrofiltro vindo da Suíça. A peça tem uma grande importância para aquela fábrica dada sua função de captador de pó.
O NORTE	03.01.60	SEGUNDO ANO DO GOVERNO PEDRO GONDIM: INAUGURAÇÕES.	Às 17:00 horas inauguração da Biblioteca popular no Centro Social da Ilha do Bispo.
O NORTE	04.06.60	A FÁBRICA DE CIMENTO PODERÁ FECHAR.	Fábrica de Cimento: O Senhor Waldemar Pio Chaves apresentou um projeto-lei que autoriza construção de um mercado no bairro Índio Pyragibe, Ilha do Bispo, bem como uma feira livre. Continuando seu discurso, ele enfatiza as notícias da fábrica de cimento que esta na eminência de fechar.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

Na forma regimental, com audiência no plenário em regime de urgência, requereu um apelo ao Governador do Estado no sentido que interfira junto ao Presidente da República a fim de serem tomadas urgências para escoamento de nosso produto, de vez que a falta de navios está acarretando sérias dificuldades, podendo até paralisar a fábrica de cimento, a única indústria em nossa capital.

O NORTE	10.01.61	OPERÁRIOS DO CIMENTO TERÃO 10% DE INSALUBRIDADE.	
---------	----------	--	--

Em reunião realizada ontem na Delegacia Regional do Trabalho, entre os dirigentes da fábrica de cimento Portland e do Sindicato na Indústria de Cimento e seus advogados, foi assinado um acordo para pagamento ao pessoal daquela empresa da taxa de 10%.

A Fábrica de Cimento Portland firmou acordo de pagamento adicional na base de 10% a partir de março, com essa medida foi evitada a greve que

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			já estava sendo organizada pelos operários.
A UNIÃO	02.04.65	HABITANTES DA ILHA VERÃO O VO UNIÃO.	<p>O Esporte Clube União prosseguirá domingo com a série de amistosos que vem realizando com pequenos clubes, sejam do interior ou da capital quando na Ilha do Bispo terá pela frente a grandiosa representação local do Maguari. Domingo na Ilha do Bispo, à tarde, no Estádio Robson Espínola estarão se defrontando as equipes 5 de Agosto na categoria juvenis do Maguari. Este evento será prestigiado pelo grande público local. Isto constitui uma atração desportiva da povoação do Índio Pyragibe. Dado a esta exibição de domingo na Ilha do Bispo, União receberá do Maguari apenas 50 mil cruzeiros, que valerá somente para o pagamento do transporte.</p>
A UNIÃO	04.04.65	HOJE NA ILHA DO BISPO JUVENIL DO 5 DE AGOSTO.	<p>Hoje à tarde, na preliminar de União e Maguari na Ilha do Bispo, estarão se defrontando os quadros</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			do 5 de Agosto juvenil e do Maguari Aspirantes. O cortejo promete levar <u>mo</u> vimentação uma vez que <u>am</u> bos contendores estão bem preparados, aguardan <u>do</u> a hora do embate.
A UNIÃO	19.04.65	SÃO JOÃO NA ILHA DO BISPO.	As famílias residentes na Avenida Redenção, na Ilha do Bispo, como vêm <u>fazen</u> do todos os anos, estão organizando para o dia vinte e três do corrente um programa intenso de festividades, em <u>homena</u> gem ao santo protetor.
A UNIÃO	02.12.66	CRISE DA FALTA DE CIMENTO FOI COMENTADA NA SESÃO DE ONTEM.	A crise da falta de <u>cimen</u> to na capital e a venda clandestina do produto, no câmbio negro, foi o assun <u>to</u> tratado na Assembléia pelo deputado Sebastião Ca <u>lixto</u> . O orador disse que, ultimamente a fábrica de cimento de João Pessoa es <u>tá</u> com um forno em funcio <u>namento</u> . A produção em decorrência é quase insu <u>ficiente</u> para abastecer o mercado. Aproveitando-se disso, alguns comercian <u>tes</u> estão ocultando o pro <u>duto</u> para vendê-lo no câ <u>m</u>

NOME DO	DATA DA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA		<p>bio negro, a preços exorbitantes, ou então, exportam-no para Estados vizinhos, também a preços mais altos. Isso vem prejudicando enormemente as inúmeras construções em andamento nesta Capital, motivo porque a SUNAB, no sentido de evitar não só o câmbio negro do cimento, como também a sua exportação para outros Estados.</p>
A UNIÃO	27.08.66	PREFEITURA VAI A ILHA DO BISPO.	<p>Com o pensamento voltado para o pronto cumprimento de sua meta administrativa em seu curto período de governo frente a Prefeitura da Capital, o Senhor Damásio Franca com incansável na assistência aos mais variados setores urbanos e suburbanos de João Pessoa.</p> <p>Assim que, através do Departamento de bem - estar público e edilidade, vem empreendendo no populoso subúrbio da Ilha do Bispo, às margens do Sanhauá, uma série de serviços, tais como: terraplenagem em diversas ruas.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	11.01.70	PREFEITURA VAI AOS BAIRROS EM 70.	<p>A Prefeitura Municipal iniciou 70 com 48 frentes de trabalho, destacando-se como prioridade a pavimentação da Av. Redenção na Ilha do Bispo, a 3 quilômetros do centro de João Pessoa, que é um bairro proletário: os homens trabalham na fábrica de cimento ou na estação da rede ferroviária, as mulheres se dedicam aos afazeres caseiros, e as crianças estudam no grupo do Estado se houver vagas, ou perambulam pelas ruas.</p> <p>A luz é pouca, não tem água, o grupo escolar em condições precárias, não tem esgotos, etc. A única obra implantada pela administração atual é o calçamento da Av. Redenção.</p> <p>O maior problema da Ilha do Bispo é a falta d'água, que impede até o funcionamento da assistência aos doentes do bairro. O serviço de esgoto também não existe: a lama escorre pelas ruas fazendo berço para muriçocas e outros insetos nocivos à saúde.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	16.01.70	PREFEITURA VAI APLICAR 60 MILHÕES: REDENÇÃO.	Sessenta mil cruzeiros novos serão empregados pela administração do Prefeito Damásio Franca na pavimentação da Av. Redenção, principal artéria do bairro da Ilha do Bispo, sendo que outros melhoramentos também estão previstos no plano de educação e saúde.
O NORTE	11.10.70	ARENA REUNIU O POVO DA ILHA NA REDENÇÃO.	A Arena mostrou, à noite, na Ilha do Bispo que o povo está ao lado de seus candidatos, reunindo toda a população daquele bairro na Avenida Redenção, onde promoveu seu segundo grande comício-debate em João Pessoa e o Prefeito Damásio Franca inaugurou 4 Km de pavimentação daquela artéria.
O NORTE	25.04.71	ILHA POLUÍDA.	A poluição do ar, na Ilha do Bispo, subúrbio de João Pessoa data de muitos anos, é anterior mesmo à invenção do vocábulo pelos urbanistas norte-americanos. Agora que o termo ganha destaque nos planos integridos de desenvolvimento e preocupa grande parte dos cientistas do mundo, além

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

de ser uma variável do desenvolvimento tecnológico, nada mais oportuno que falar-se também em poluição na Paraíba, um Estado, afinal de contas, suficientemente desenvolvido para não ter problemas dessa ordem.

Cidades onde não existem ar poluído não interessam aos investidores, pelo menos para certas pessoas que em vez de se interessarem pelo jarro posto na janela de uma casa, se interessam antes pelo valor da casa, em termos de orçamento habitacional. Quanto mais poluído o ar de uma cidade mais essa desgraça significa que a cidade é desenvolvida.

Nos termos da Ilha do Bispo, uma boa razão para acreditarmos no desenvolvimento industrial da Paraíba. A fuligem expelida pelos bueiros da fábrica de cimento começa a tostar os verdes já escassos da povoação, sem contar que já se introduziu numa boa e indefesa quantidade de pulmões, associado ao

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

não menos devastador ba
cilo de Koch.

O problema como qualquer
outro depende praticament
te de apenas duas soluç
ões: a primeira, seria ret
tirar a fábrica, a segund
a, retirar os moradores
da Ilha, para longe dela.
Ambas as soluções são
inviáveis por enquanto ,
pois, de um lado, a retirad
a da fábrica poderia ser
para outro Estado um prej
uízo da nossa economia,
e de outro lado, a retirad
a da população de dentro
da nuvem de fuligem só
seria possível através de
uma operação quase tão
dispendiosa quanto a dos
soldados americanos que
estão no Vietnã.

A fábrica adquiriu, ao
que se sabe, equipamento
moderno que engole os seus
próprios gases o que reduz
iu muito as proporções da
poluição na Ilha, no ent
tanto, os moradores contin
uam temerosos de que
não lhes sobre uma única
árvore e de que seus bem
rebocados pulmões não sup
ortem a vida toda ã corç

NOME DO	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
					<p>rosão da atmosfera púm blea.</p> <p>A Câmara Municipal não concorda com essa lenta destruição da comunidade insular, sobretudo, tendo em conta a quantidade de eleitores que podem ã al tura do próximo pleito não estar em condições de votar.</p> <p>Mas, tenha ou não, carac terísticas de humor negro, ou mais precisamente de humor poluído, a verdade é que o problema da Ilha do Bispo precisa ser estu dado com carinho. Mais do que as árvores resse quidas, penosamente desfo lhadas, existe igualdade sob ameaça de destruição. Muitas árvores de apare lhos respiratórios rebo cados por dentro e por fo ra, pela poeira do cimen to, em sua lenta e coti diana passagem pelas vi das de centenas de pes soas da Ilha.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	13.10.71	ILHA POLUÍDA.	<p>A poluição do mar, poluição da ilha. No caso - Ilha do Bispo. Até pouco tempo, esta era uma questão de que se tinha notícia apenas. Ninguém, pelo menos em toda a João Pessoa, sabia ao certo o que era poluição. Não havia experimentado suas consequências.</p> <p>Agora, entretanto, a população da Ilha do Bispo, muitas vezes ignorando-lhe o próprio nome, não lhe ignora os efeitos sobre os pulmões, os móveis e a tranqüilidade em geral. Os que se queixam de sua trágica realidade, informam que os filtros da fábrica de cimento são desligados à noite e a fumaça de suas chaminés, então cai sobre a povoação, pesada e sufocante, prendendo a respiração e provocando náuseas.</p> <p>Durante o dia, não. A fábrica é uma das mais modernas do país e dá a impressão de estar parada, tal a pureza do ar que a circunda. Durante a noite, no entanto, com os filtros</p>

NOME DO	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
					<p>desligados, ela volta à sua antiga condição de agente poluidor da atmosfera, dizem os habitantes da Ilha.</p> <p>Convenhamos que os habitantes da Ilha não têm nenhuma prevenção contra a fábrica de cimento, elemento dinamizador do processo de industrialização em andamento entre nós. Inclusive, a maioria deles trabalha na fábrica e dela retira o indispensável para seu sustento. Convido isso, adiantamos que eles geralmente pouco informados do que seja poluição fizessem a denúncia se não existisse um motivo.</p>
O NORTE	19.09.72	PROPÍCIO	DEVE ACABAR COM POLUIÇÃO NA ILHA DO BISPO: CALISTO.		<p>O Deputado Sebastião Calisto falou mais uma vez na Assembléia sobre o problema de poluição do ar na Ilha do Bispo, em decorrência do funcionamento da fábrica de cimento naquela área.</p> <p>Enquanto isso, o Deputado Assis Camelo assegurava que o Senhor Propício Caldas viajou a São Paulo, interessado no encontro de</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

uma fórmula que possa solucionar o problema, e o Deputado José Fernandes de Lima dizia que não se trata de um caso insolúvel. Basta que a indústria de cimento coloque filtros em suas instalações como é obrigada a fazer, por lei, e a Ilha do Bispo e a vizinha cidade de Bayeux deixarão de ser invadidas pelo pó expelido da fábrica.

O NORTE	21.09.72	TÉCNICO DIZ QUE NA ILHA NÃO HÁ POLUIÇÃO, MAS PÓ.	O Engenheiro Antônio Kawalewski, diretor técnico da CIMEPAR, informou a O NORTE que a empresa já possui moderno e eficiente sistema de captação de pó, de tal modo perfeito que ao funcionar nas condições normais, dá a impressão de que a fábrica está parada, pela total ausência de pó.
---------	----------	--	---

Não há poluição na Ilha do Bispo - disse Kawalewski - mas somente, em algumas horas e de alguns dias, alguma poeira. Este pó é calcáreo, substância natural encontrada em grande quantidade na crosta terrestre, especialmente na

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

Paraíba, de que é uma das maiores riquezas.

Assim - prosseguiu - não há verdade em dizer que a fumaça que se exala das chaminés da CIMEPAR provoca a doença conhecida sob o nome de silicose, que é produzida pela sílica, e, jamais, pelo calcáreo. Para ilustrar, cita ele que existem na CIMEPAR vários com muitos anos de trabalho na fábrica, e que vários nunca se afastaram do serviço por motivos de doença. Há inclusive estudos no Brasil e nos Estados Unidos da América indicando que a poeira de calcáreo não é perniciosa ao organismo.

O Diretor Técnico da CIMEPAR disse ainda que a indústria está recebendo e já recebeu da Krupp, firma responsável pelo projeto, parte do equipamento de um verdadeiro condicionador de gases, que, complementando o equipamento existente, vai dar condições de eliminar totalmente a poeira do calcáreo.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	10.01.73	PROTEGENDO A BOCA.	Crianças de 3 a 13 anos da Ilha do Bispo para lá aguardam a vez de serem atendidos pelo dentista. É o andamento da campanha "povo sadio, boca limpa", levada a efeito pelo SESSO (Secretaria de Saúde do Município).
O NORTE	18.04.73	CIMEPAR INSTALA TORRE PARA ACABAR A POEIRA.	Todos os equipamentos necessários para o perfeito funcionamento da torre de refrigeração e condicionamento de gases, que está sendo construída pela CIMEPAR, trazidos em sua maior parte da Alemanha, e desembarcados no Porto de Cabedelo, encontram-se em adiantada fase de montagem na fábrica de cimento Zebu, localizada na povoação Índio Piragi-be em nossa capital, o que significa que essa iniciativa demonstra que a CIMEPAR não está alheia ao problema, muito pelo contrário, há tempo que vem se preparando para eliminar o despreendimento do pó de suas chaminés, acabando com o clima de mal estar, existente, na cidade, e principalmente na Ilha do Bispo.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	03.06.73	GOVERNO EXIGE E MATARAZZO VAI ACABAR COM A POLUIÇÃO.	Nesse encontro, o chefe do governo reiterou reclamações já feitas anteriormente, contra a poluição resultante do originário pó da fábrica de cimento na Ilha do Bispo, o ministro Ernani Sátiro disse que não era mais possível temporizar com a situação, tanto pela gravidade do fato como pelo clamor público. O Senhor Matarazzo concordou com a procedência da reclamação e esclareceu ao governador que realmente tinha havido um erro no projeto de construção dos filtros que deviam evitar a expansão do pó, mas que já se encontram em adiantado estado as obras da construção da torre de resfriamento, que resolverá definitivamente o problema.
O NORTE	12.06.73	COMUNITÁRIO CONSEGUE TRANSPORTE PARA ILHA.	O coronel Clodoaldo Passos Fialho, Diretor do Serviço Municipal de Trânsito, atendendo ao apelo que foi formulado pelo presidente do Conselho Comunitário da Povoação Índio Piragibe (Ilha do Bispo),

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			conseguiu mediante entendimento mantido com o empresário Manoel Pereira Neto, proprietário da Empresa Viação Roger, uma linha de coletivos para aquele bairro.
O NORTE	17.07.73	TRABALHOS NA PIRAGIBE ENGARRAFAM O TRÂNSITO.	Um engarrafamento sem precedentes está resultando da realização das obras da Prefeitura na rua Índio Piragibe, no trabalho de reposição asfáltica. A situação é agravada pelas escavações feitas pela CAGEPA visando a renovar o sistema de esgotos da cidade.
O NORTE	02.10.73	DEPUTADO ACUSA CIMEPAR DE LUDIBRIAR POVO E GOVERNO.	Afirmando que os dirigentes da CIMEPAR ludibriaram o povo e o Governador Ernani Sátiro quando anunciaram que acabariam a poluição da fábrica em 75 dias, o deputado Ruy Gouveia anunciou ontem na Assembléia Legislativa que vai contratar um advogado para intentar, em juízo, ação comunitária contra a indústria, "por não ter resolvido o problema da poluição na Ilha do Bispo".

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	04.10.73	SÁTYRO EXAMINA POLUIÇÃO NA ILHA.	<p>O Governador Ernani Sátyro resolveu ontem constituir comissão de alto nível para examinar em profundidade o problema da poluição, resultante da expedição de pó calcáreo, pela CIMEPAR. A empresa informa que cumpriu suas promessas e a poeira está reduzida ao ponto mínimo verificável em fábrica da mesma natureza em qualquer parte.</p> <p>O problema da poluição do ar, provocada pela fábrica de cimento ZEBU, voltou a ser abordado na Câmara Municipal de João Pessoa, na busca de uma solução para o grave mal. Disse o parlamentar emedebista que os anunciados filtros que viriam acabar com a fuligem expelida pelas chaminés "ou são obsoletos ou não se adaptam à maquinaria da fábrica"; o certo é que a situação permanece crítica, com a saúde da população da Ilha do Bispo e de toda a cidade, condenada.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	31.11.73	DEPUTADOS AINDA NÃO DIAGNOSTICARAM A POLUIÇÃO.	A Comissão Especial de Deputados que examina a poluição do ar provocada pela fábrica de cimento CIMEPAR estará, até a próxima semana, concluindo seus trabalhos e apresentando relatório ao plenário da Assembléia Legislativa, devendo, inclusive, sugerir providências a serem tomadas sobre o assunto.
O NORTE	01.12.73	COMISSÃO DIVULGA O RELATÓRIO.	A conclusão a que chegou a Comissão criada pelo governador para estudar o problema da poluição provocada pela fábrica de cimento da Ilha do Bispo, foi de que "ou o material instalado não foi bem dimensionado à capacidade de produção da fábrica, ou se o foi, não está sendo utilizado a contento por deficiência operacional". Em sua parte final, sugere a comissão "a criação de uma Comissão Permanente de Defesa do Meio Ambiente, que façam necessárias com poderes para opinar conclusivamente sobre assuntos técnicos de sua especialidade".

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

A comissão documentou-se com o cadastramento torácico, verificando os seguintes resultados: dos 301 operários da fábrica, 297 resultados normais e 4 resultados suspeitos, com um índice de 13,3%.

Dos habitantes da Ilha do Bispo num total de 1.021, apresentaram-se 901 resultados normais, 113 resultados ilegíveis (ocasionados por defeitos técnicos e de revelações) e 7 resultados suspeitos, com um índice de 7,5%.

A comissão encerra estas e outras considerações, pedindo vênha para emitir os seguintes conceitos : "ocorreu realmente uma clamorosa poluição, por parte da Companhia de Cimento (CIMEPAR), quando o funcionamento de sua nova fábrica, em 1971, que passou a usar o processo via seca, substituindo o tradicional processo via úmida.

"Pelos exames feitos no material colhido em vários pontos, constatou-se que continua ocorrendo dis

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			persão de poeiras calcáreas, causando constrangimento a todos".
O NORTE	14.12.73	CIMEPAR É MULTADA POR POLUIR ÁGUA DE RIACHO.	A capitania dos Portos da Paraíba multou a CIMEPAR em Cr\$ 62.400,00 ao constatar que a fábrica de cimento estava poluindo as águas de um pequeno afluente do Sanhauá com óleos e outros detritos industriais. A fábrica é a terceira indústria paraibana a sofrer esse tipo de penalidade.
O NORTE	15.01.74	GOVERNO DEIXA PROBLEMA DA POLUIÇÃO COM A SETRASS.	Quem vai ter que resolver o problema da poluição da Ilha do Bispo e outros igualmente graves de sua população é a Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais, foi o que assegurou o Governador Ernani Sátiro à comissão que, em nome do Conselho Comunitário da Povoação Índio Piragibe, fez entrega ontem ao chefe do Executivo de memorial, contendo reivindicações.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	17.02.74	ESTAÇÃO ELÉTRICA DE ÍNDIO PIRAGIBE EM CONSTRUÇÃO (1933).	<p>Ao contrário do que ocorreu com a inauguração da primeira usina elétrica da cidade, ocorrida em 1912, não teve caráter festivo a da Usina Ilha Índio Piragibe, em 22 de março de 1935, pelo então Governador Argemiro de Figueiredo.</p> <p>Em sua edição de 23 de março daquele ano, A UNIÃO assim informou sobre o acontecimento:</p> <p>"Verificou-se ontem a inauguração das Instalações da Central Elétrica, localizada na Povoação Índio Piragybe, vultuosa iniciativa do Governo do Estado, destinado a solucionar o problema do fornecimento de luz e energia elétrica à cidade".</p>
O NORTE	27.04.74	ILHA DO BISPO TERÁ DIAGNÓSTICO HOJE.	<p>O levantamento que dez assistentes sociais fizeram na Ilha do Bispo, por determinação do Secretário do Trabalho, deverá ser entregue hoje ao Sr. José Alves de Oliveira, com as conclusões a que chegaram sobre a situação sócio-econômica do bairro, prin</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

principalmente de habitantes que residem em terrenos da CIMEPAR.

O trabalho foi solicitado pelo governador em atenção a um memorial que o Arcebispo Dom José Maria Pires e líderes sindicais da Ilha do Bispo enviaram há algum tempo, descrevendo, sobretudo, a questão da poluição e das desapropriações pela fábrica de cimento, segundo o documento, abaixo de seu valor.

O NORTE 10.05.74 QUAL É O PÓ?

Está aqui no jornal(O NORTE) que a CIMEPAR vai desapropriar vinte ruas na Ilha do Bispo e deslocar seus moradores para um tal loteamento São José, reservado pela Prefeitura para esse fim.

A notícia é bem circunstanciada, mas não diz a razão pela qual vão deslocar as primeiras 159 famílias da Ilha e relocalizá-las num novo conjunto.

O motivo alegado para a desapropriação das vinte ruas, cinco na primeira

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

etapa, vem se dar por causa do pozinho de cimento, mas não os convence, primeiro porque, assim como o organismo não subsiste sem ferro, água e outros minerais, não pode prescindir, também, do cimento. E depois porque, se a causa do desmonte é o pó, então vai cair a cidade inteira. Isto é, onde o pozinho entrar, entra a picareta. Por mais bilionários que sejam os Matarazzo, não os acredito bastante fortes para desmontarem cinquenta mil prédios, alguns de mais de um milhão, promovendo a realocação de 250 mil pessoenses!

Porque o pó, apesar dos ventos sudeste ou leste oeste, invade ou senta em todas as direções infiltrando-se não somente nos telhados, móveis e veículos, como até na nossa dieta. Há casos tão graves de infiltração mesmo por tenuíssima incidência, que atravessam o couro cabeludo, transpõem a moleira, e levam o sujeito a

NOME DO	DATA DA			SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA		
				enxergar e sentir pô em todos os quatro elementos.
O NORTE	18.06.74	ILHA VAI PARA O NOVAIS.	O	<p>O Prefeito Dorgival Terceiro Neto desapropriou glebas de terras no loteamento São José, no bairro dos Novais, com declaração expressa de urgência, destinadas à realocação de famílias residentes na Ilha do Bispo. Como se sabe, as famílias residentes na Ilha do Bispo deixarão aquele bairro, tendo em vista a poluição da fábrica de cimento.</p>
O NORTE	07.07.74	QUEDA E COICE.	O	<p>O relatório do Secretário José Alves, apresentado na Assembléia Legislativa, é um sinal dos tempos. Estão ali com a evidência documentária, em números e em papel, todas as coisas que todo mundo já sabia por ciência própria, quer dizer, prejuízo próprio. Todo mundo tinha e tem consciência do manto de cimento, de poeira, que nos envolve.</p> <p>O que se tira do trabalho do Secretário é a certeza do interesse do Governo, da possibilidade de solu</p>

NOME DO	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	26.04.75			QUASE DE CALAMIDADE PÚBLICA A SITUAÇÃO DA ILHA DO BISPO.	<p>ção, e principalmente da imensa miséria que reina na Ilha do Bispo.</p> <p>Há pobreza demais na Ilha do Bispo. Mais da metade das famílias recebe por mês menos de 200 cruzeiros.</p> <p>Com o seu único grupo escolar em ruínas, lavanderia pública sem funcionar, já cinco meses, as ruas quase todas intransitáveis, postes de iluminação pública sem lâmpada e a saúde da população sob constante ameaça de densa poeira calcárea expelida pela fábrica de cimento. É a situação em que se encontra a Ilha do Bispo, núcleo onde vivem mais de 10 mil pessoas de baixíssimo poder aquisitivo.</p> <p>Entre as características da Ilha do Bispo estão famílias numerosas, cujos chefes são operários que recebem salário mínimo ou não tem profissão ou ocupação definida nem permanente. Há muitos casos em que a responsabilidade sobre a família, normal</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

mente de mais de quatro filhos, é da mãe, que para sustentá-los recorre à lavagem de roupas, atividade que há mais de cinco meses não se pode desenvolver, simplesmente porque a lavanderia pública está sem funcionar.

O NORTE	04.05.75	UMA CIDADE INCHADA.	IN
---------	----------	---------------------	----

João Pessoa, como as demais capitais do Brasil, não passa daquilo que os sociólogos convencionaram chamar de "cidade inchada". Problemas sócio-econômicos estão aflorando, sem que soluções venham à tona, enquanto o cinturão de favelas miseráveis aos poucos vai cercando o cérebro do Estado, atrofiando-o.

Situado a Oeste do centro da Capital, a Ilha do Bispo é outro bairro problema. Seus dez mil habitantes também vivem acossados pelas mesmas dificuldades existentes entre os que moram em ambiente muito populoso. Se os moradores do Rôger têm lixo como "quebragalho", os da Ilha têm a maré com os seus caranguejos e si



NOME DO	DATA DA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA		
			<p>ris. É bastante conhecida a luta que mantêm os residentes da Ilha do Bispo, contra a poluição provocada pela fábrica de cimento, que lentamente os vêm matando. É um bairro totalmente esquecido dos poderes públicos, cujas vistas estão voltada para a parte central da capital.</p> <p>O Bispo Dom José Maria Pires tem se referido ao ru moroso caso, através de pálidas interpretações jornalísticas. O governo do Estado, no decorrer de seu período administrativo, tem determinado a criação de comissões técnicas para o estudo e solução do impasse, sem que até agora as aspirações dos sofrendores moradores da Ilha do Bispo sejam satisfeitas plenamente.</p>
O NORTE	28.05.76	GALERIA PLUVIAL DESABA COM AS CHUVAS DE ONTEM: ILHA DO BISPO.	<p>Na Ilha do Bispo, os moradores estão deixando suas residências invadidas pelas águas, principalmente na vila Santa Joana, nas proximidades do Matadouro.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	24.09.76	VEREADOR CONTRA POLUIÇÃO LANÇADA NA ILHA DO BISPO.	Ocupando a tribuna da Câmara Municipal, o vereador Derivaldo Domingos Mendonça comentou, ontem, que aumentou diariamente a poluição lançada sobre a Ilha do Bispo, ameaçando a saúde da população "que está bastante comprometida, já que a fábrica de cimento ali existente ainda não instalou filtros capazes de evitar a poluição no bairro".
O NORTE	31.11.76	INSALUBRIDADE RECLAMADA POR OPERÁRIOS DA CIMEPAR.	Alegam os operários que ao contrário do que se esperava - e disso toda a população de João Pessoa é testemunha - com a nova fábrica aumentou a poluição, não apenas na Ilha do Bispo, mas em grande parte da cidade, motivando protestos, interferências de autoridades e muitos casos comprovados de doenças do aparelho respiratório, o que levou a CIMEPAR a instalar um filtro que apenas ameniza um pouco a situação, sem contudo resolver o problema.

NO ME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	28.01.77	ÁREAS CRÍTICAS COMEÇAM A PREOCUPAR MORADORES (NA ILHA DO BISPO UM VELHO PROBLEMA).	Com a chegada das primeiras chuvas, as áreas críticas da Capital já começam a apresentar problemas, segundo declarações de moradores prejudicados que reclamam do entupimento de galerias pluviais e outras vias de escoamento, o que contribuiu para o alagamento das respectivas artérias.
O NORTE	15.04.77	BAIRROS RECLAMAM UMA MELHOR ASSISTÊNCIA DA PREFEITURA.	Dentre todos os bairros da capital, a Ilha do Bispo e o Alto do Mateus, onde residem as populações mais pobres de João Pessoa, são os que se encontram sem assistência da administração municipal.
O NORTE	08.04.78	COMISSÃO DE VEREADORES EXAMINOU A INTERDIÇÃO DE RUAS NA ILHA DO BISPO.	A interdição de ruas da Ilha do Bispo, "pela Indústria Matarazzo, foi examinada por uma comissão de vereadores constituída de Cabral Batista, Bonifácio Lobo e Francisco Saldanha, quem vai elaborar, até o fim da semana, um relatório sobre a situação, a ser distribuído com as autoridades e a imprensa.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	09.05.78	PEDIDA A SINDI CÂNCIA PARA ILHA.	<p>O Governador Ivan Bichara e o Prefeito Hermano Augusto de Almeida determinaram a abertura de sindicâncias para apurar as denúncias de que a Indústria Matarazzo estaria interditando, com cerca de arame farpado, várias ruas da Ilha do Bispo.</p> <p>A informação foi prestada ontem pelo vereador João Cabral Batista, explicando que esteve com o governador e o prefeito, aos quais relatou todas "as irregularidades que vem cometendo a fábrica contra a população, criando sérios problemas de ordem social".</p> <p>O vereador Cabral Batista, autor da denúncia, informou que as duas autoridades viram o problema com grande preocupação, "achando mesmo que foi uma colaboração do vereador trazer a denúncia ao conhecimento da opinião pública".</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	11.07.78	MORADORES DA ILHA DO BISPO MAIS UMA VEZ CONTRA A POLUIÇÃO.	<p>Sem ser mais novidades, uma vez mais que os habitantes da Ilha do Bispo, Bayeux, Cordão Encarnado e parte de Cruz das Armas reclamaram ontem a reportagem do eterno problema da poluição causada pela fábrica de cimento Portland, a CIMEPAR.</p> <p>Um deles, Jerônimo Leite Silva, de 23 anos, rua Alfredo Portela, declarou não mais suportar tal situação que "já reclamou o clímax" obrigando sua bandada para outro bairro. Resignados com as indenizações feitas pela CIMEPAR, moradores da Ilha incrementaram o êxodo, "pois não desejam escarrar poeira". No entanto, 50% da população da Ilha do Bispo trabalhava ou depende da própria fábrica, sendo quase inviável seu deslocamento para outros bairros menos poluídos.</p>
O NORTE	15.12.78	BAIRROS POLUÍDOS E SEM ÁGUA DA CAPITAL LANÇAM SINAL DE ALERTA AS AUTORIDADES.	<p>Na Ilha do Bispo, além do problema d'água, existe a poluição da fábrica ali situada, que põe em má situação a saúde de muita gente residente no local.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
A UNIÃO	24.11.81	DRT NÃO RECEBEU AS MÁQUINAS PARA MEDIR O TEOR DA POLUIÇÃO.	A Delegacia Regional do Trabalho até ontem não tinha recebido os aparelhos para medir o teor da poluição da CIMEPAR, solicitados ao Ministério do Trabalho, há mais de oito dias, informou o Setor de Comunicação Social do DRT, em João Pessoa.
A UNIÃO	26.11.81	TRABALHADORES PEDIRAM UMA AUDIÊNCIA COM MINISTRO PARA DEBATER POLUIÇÃO.	O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa enviou ofício ao Ministério do Trabalho solicitando audiência com o ministro Murilo Macêdo, a segunda quinzena de dezembro próximo, para a presidência da entidade relatar todos os problemas causados pela poluição e pela falta de condições de trabalho na Companhia de Cimento Portland, CIMEPAR, instalada na Ilha do Bispo, em João Pessoa. Medidas urgentes, segundo o Ministro, precisam ser tomadas pelos órgãos governamentais, visando a diminuição dos riscos de acidentes de trabalho na

NOME DO	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
					<p>CIMEPAR, inclusive porque acrescentou, oficialmente estão comprovadas as <u>pés</u> <u>simas</u> condições de <u>traba</u> <u>lho</u> na fábrica, conforme apurou a fiscalização rea <u>lizada</u> pela Divisão de Medicina e Segurança da Delegacia Regional do Tra <u>balho</u> em outubro último.</p>
O NORTE	28.12.81		SINDICATO PEDE URGENTES MEDIDAS CONTRA POLUIÇÃO.		<p>O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas In <u>dústrias</u> de Cal e Gesso de João Pessoa, Antônio Rocha de Oliveira, infor <u>mou</u> ontem que encaminhou ao Ministério do Trabalho um pedido de urgência nas providências que impedi <u>rão</u> alto índice de polui <u>ção</u> provocada pela Compa <u>nhia</u> Paraíba de Cimento Portland - CIMEPAR.</p> <p>Engenheiros da Delegacia do Trabalho identificaram, através de provas <u>técni</u> <u>cas</u>, que toda a área <u>ci</u> <u>cunvizinha</u> à fábrica está poluída e causando proble <u>mas</u> à população. Um laudo técnico foi redigido e en <u>caminhado</u> às <u>autorida</u> <u>des</u>.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	29.12.81	AUDIÊNCIA VAI DE CIDADIR POLUIÇÃO DA CIMEPAR.	O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa aguarda para os primeiros dias de janeiro próximo uma audiência com o Ministro do Trabalho, Murilo Macêdo, para discussão, provocada pela fábrica de cimento CIMEPAR, instalada na Ilha do Bispo, periferia de João Pessoa.
O NORTE	13.01.82	SINDICATOS DE CAL E GESSO FAZEM REIVINDICAÇÃO PARA SUA HIGIENE E SEGURANÇA.	O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cal e Gesso, Antônio Rocha, viajou à Brasília para manter contato com o Secretário de Segurança e Higiene do Trabalho do Ministério do Trabalho, onde fez a entrega de um documento contando todas as reivindicações dos trabalhadores dessa indústria no Estado.
O NORTE	23.11.83	TRABALHADORES SE QUEIXAM DE ALIMENTAÇÃO PRECÁRIA.	Alimentação precária fornecida pelo restaurante da Companhia de Cimento - CIMEPAR, falta de distribuição do equipamento de segurança para os operários e falta de iluminação suficiente consti

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			tuem em algumas das principais falhas detectadas dentro da empresa pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa, Antônio Rocha de Oliveira.
O NORTE	28.10.84	SINDICATO DIZ QUE NÃO HÁ SEGURANÇA PARA OPERÁRIOS.	Não são os ecologistas tão preocupados com os problemas causados pela CIMEPAR, mas também os seus próprios empregados. Segundo denunciou o presidente do Sindicato do Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa, Antônio Rocha, os operários que trabalham na transformação do carvão vegetal correm riscos de cegueira total, pois a fábrica não dispõe de equipamentos de proteção individual e o perigo de acidentes é iminente.
O NORTE	13.11.84	POLUIÇÃO NA ILHA AGRAVA AS DOENÇAS.	Moradores da Ilha do Bispo e bairros adjacentes vêm tendo seus problemas respiratórios, alérgicos e de ulcerações cutâneas agravados nos últimos tempos. Ontem, a Associação dos Protetores e Amigos

NOME DO	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
					da Natureza (APAN) quei <u>xou-se</u> da queima de car <u>vão</u> pela CIMEPAR, a quem atribui a elevação dos ín <u>dic</u> es da poluição na área.
O NORTE	17.01.86		SINDICATO DENUN <u>CIA</u> POLUIÇÃO NA FÁBRICA CIMEPAR (NO POSTO DE SAÚ <u>DE</u> FALTA EQUIPA <u>MENTOS</u>).		Muitos moradores reclama <u>ram</u> do atendimento do ún <u>ic</u> o Posto Médico existente na Ilha do Bispo, desta <u>ca</u> ndo a constante falta de remédios, material de exames e "descuidos" dos médicos no sentido de atender melhor os residen <u>tes</u> da localidade. Segun <u>do</u> informou Maria do So <u>co</u> rru Cavalcanti, "os mé <u>d</u> icos não consultam nin <u>gu</u> ém, porque raramente aparecem e não dispomos de nenhum tipo de medica <u>mento</u> . Explicou ainda que as crianças residentes nas proximidades da fábrica de cimento sofrem de pro <u>ble</u> mas respiratórios, mas não recebem tratamento mé <u>d</u> ico, visto que o posto funciona precariamente em termos de existência de material para exames e aplicação de injeções "a garganta arde de tal modo que até parece fogo e os

NOME DO	DATA DA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA		
A UNIÃO	20.02.86	FALTAM SEGURANÇA E HIGIENE NOS LOCAIS DE TRABALHO (SINDICATO DENUNCIA FÁBRICA DE CIMENTO).	<p>médicos, quando estão no posto, dizem que não tem medicamento. Os médicos responsáveis pelo atendimento dos moradores da Ilha do Bispo aparecem apenas para assinar o "ponto de frequência" e não para consultar as pessoas doentes por causa da poluição da fábrica.</p> <p>A Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa se reunirá no próximo sábado, às 10 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e do Mobiliário da Capital, com o Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias - CNTI, Antônio Calixto Ramos, para tratar de vários problemas que vêm aflingindo a categoria.</p> <p>Antônio Rocha informou que as empresas não vêm cumprindo com alguns itens exigidos por lei, como perfeita higiene e segurança no ambiente de tra</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			balho, falta de Equipamentos de Proteção Individual - EPI, como máscaras, luvas, capacetes, etc., bem como a demissão de cinco vigilantes de ambas as indústrias.
O MOMENTO	23.01.87	TRABALHADORES AMEÇAM DEFLAGRAR A GREVE POR TEMPO INDETERMINADO.	Os trabalhadores das fábricas de Cimento CIMEPAR e ITAPITANGA, localizadas na Ilha do Bispo, poderão deflagrar uma greve geral por tempo indeterminado a partir de segunda-feira, caso não haja acordo com os patrões, na reunião que será realizada amanhã, às 10 horas na própria CIMEPAR. Foi o que informou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa, Antônio Rocha de Oliveira.
A UNIÃO	27.08.87	ASSESSOR QUER MELHORAR ASSISTÊNCIA A SINDICATOS.	É pretensão nossa realizarmos um trabalho, conjuntamente com as entidades sindicais, no sentido de ampliar a assessoria para prestarmos maior assistência as entidades sindicais da área urbana,

NOME DO	DATA DA		
JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			<p>como criação de uma assessoria jurídica, assessoria de planejamento com função de reformar casas de operários e construção de outras e, especificamente, se fazer um elo de ligação entre o Governo e as entidades sindicais no que diz respeito aos problemas das classes trabalhadoras paraibanas.</p>
A UNIÃO	29.09.87	CIMEPAR GATILHOS.	<p>DEVE A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de João Pessoa realiza, hoje, às 17:30 horas na sede da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Paraíba, assembléia com a categoria para discutir uma série de problemas como, por exemplo, os resíduos do Gatilho Salarial não pagos pela diretoria da CIMEPAR.</p>

NOTÍCIAS SOBRE JOÃO PESSOA

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	03.01.82	CASA PRÓPRIA EM 82: Financiamento para Quatromilhões.	O Ministério do Interior ao apresentar balanço das atividades do Ministério e de seus órgãos vinculados, no ano de 81, destacou que até o final do governo do Presidente da República 4 milhões e 4 mil financiamentos para aquisição da casa própria com prioridade para as populações de baixa renda familiar serão tranquilamente superados, uma vez que pelas projeções de técnicos do BNH pode-se contar com um total de 4 milhões e 760 novas moradias, contratadas para até 1985, com amplas possibilidades de chegar a 5 milhões. O Ministro falou que em relação ao PROMORAR até 1981 foram aplicados cerca de 50 bilhões na execução do Programa de substituição de favelas, mocambos e palafitas por moradias condignas: ainda espera aplicar no desenvolvimento do PROMORAR 50 bilhões em 1982.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	09.01.82	PREFEITURA DISTRIBUI ÁGUA DO ALTO DO CÉU".	A Prefeitura de João Pessoa distribui água potável a mais de três mil famílias do "Alto do Céu" em Mandacaru. A distribuição está sendo feita em caminhão-pipa.
O NORTE	13.01.82	ALTO DO CÉU.	Foi construído um acesso ao Alto do Céu. Esse acesso permitirá que os coletivos façam o itinerário até a área do Alto do Céu.
O NORTE	13.01.82	AGORA A LUTA É CONTRA O TREM EM MANDACARU.	A comissão de moradores da Associação de Mandacaru denuncia à redação do jornal a construção de um muro que separa Mandacaru do Alto do Céu. O muro foi construído pela Rede Ferroviária Federal.
O NORTE	16.01.82	MORADORES DO ALTO DO CÉU AGRADECEM O ACESSO.	Haverá uma organização popular para comemorar a inauguração da linha do trem que servirá àqueles moradores.
O NORTE	19.01.82	O PREFEITO SE REUNE COM OS MORADORES DO BAIRRO.	Os moradores do Alto do Céu se reuniram com o Prefeito para discutir o acesso de coletivo e a continuação do abastecimento d'água pelos caminhões-pipas.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	28.01.82	DERRUBADA DE MURO EM MANDACARU MOTIVA REUNIÃO COM SECRETÁRIO.	O Secretário dos Transportes reuniu-se com o superintendente da Rede Ferroviária na Paraíba e moradores de Mandacaru. A reunião foi na Associação Comunitária. O muro está sendo chamado pelos moradores de "muro da vergonha". O muro atinge outras localidades próximas: Salinas de Ribamar, Beira Molhada e Porto do Tota.
O NORTE	06.02.82	FAVELADOS VÃO SOLICITAR ELETRIFICAÇÃO À SAELPA.	Os moradores da "Favela Gauchinha" terão uma audiência com a SAELPA para conseguir energia elétrica para as demais ruas daquela favela. Os mais prejudicados são as lavadeiras que têm de passar roupa com ferro a brasa.
O NORTE	10.02.82	MORADORES DO "NINHO DA PERUA" TEMEM AS CHUVAS.	Os moradores pedem à Prefeitura que termine a construção do canal que serve de escoamento da lagoa; com a chegada do inverno, o "Ninho da Perua" fica com as ruas totalmente alagadas, causando maiores prejuízos para a comunidade.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	12.02.82	MORADORES INSIS <u>T</u> EM NA DERRUBADA DE MURO QUE DIVI <u>D</u> E O BAIRRO.	Os moradores de Mandacaru vão decidir em Assembléia a hora e data da saída da passeata que terminará em frente ao Palácio do <u>G</u> overno. O representante responsável da Rede Ferroviária Federal disse que a construção do muro é <u>p</u> ara evitar evasão de renda na parada do trem.
O NORTE	26.02.82	REDE FERROVIÁRIA NÃO VAI DERRUBAR O MURO DA PARADA DE MANDACARU.	Superintendente da Rede Ferroviária declarou à <u>i</u> mprensa que não fará a <u>d</u> errubada do muro localizado em Mandacaru que divide o bairro em dois, fechando a rua Felipe Camarão e o acesso de um pequeno <u>c</u> omércio existente naquela área, prejudicando mais de quinze mil pessoas.
O NORTE	04.03.82	MANDACARU E ALTO DO CÉU, MAIS AVE <u>N</u> IDAS.	Foi aberto o tráfego para os coletivos de Mandacaru até o Alto do Céu; <u>p</u> refeito ouviu um apelo dos <u>m</u> oradores para que <u>i</u> nterviesse junto ao governador na construção do muro.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	09.03.82	MANDACARU VOLTA A EXIGIR UMA SAÍDA PARA O PROBLEMA DO MURO.	Os habitantes de Mandacaru afirmam que não estão recebendo apoio das autoridades para o problema do muro. O governador promete aos moradores pedir verba a Ministro dos Transportes para solucionar o problema.
O NORTE	10.03.82	MAIS DE UM TRILHÃO NA CONTA FGTS.	<p>Pelo regulamento do FGTS, elaborado pelo BNH, os Bancos depositários são obrigados a fornecer aos optantes de abril um extrato anual, contendo as informações necessárias para acompanhamento dessas contas.</p> <p>A empresa que deixar de efetuar os depósitos devidos ao FGTS, no prazo fixado, ficará sujeita a uma multa de 5% sobre o débito em atraso quando este não exceder de 30 dias, 10% quando ultrapassar a 30 e não exceder de 180 dias, e 10% por fração em semestre, limitado a 30%, quando for superior a 180 dias.</p> <p>O Fundo de Garantia por Tempo de Serviço tem servido ao trabalhador como pecúlio e como seguro desemprego. Co</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			mo pecúlio, quando é levantado por motivos de aposentadoria, invalidez ou para a compra de moradia pelo Sistema Financeiro de Habitação (S.F.H.). Como seguro desemprego, nos casos de dispensa do trabalho.
O NORTE	01.04.82	FAVELADOS DISCUTEM SOBRE TERRA.	10 moradores das favelas Gauchinha e Vila da Palha, representando os seus respectivos núcleos habitacionais, estiveram reunidos ontem, na Secretaria do Planejamento do Estado, para discutirem com os técnicos da pasta os problemas que existem em torno da posse dos terrenos onde estão localizados. A única decisão adotada pelas partes foi a de definir a compra das posses, a partir da identificação dos proprietários para posterior entendimento.
O NORTE	01.04.82	FAVELADOS PEDEM À PREFEITURA UM COLETOR DE LIXO.	Na favela do Bairro da Torre não passa carro coletor e nem há um depósito permanente de lixo, o que faz com que os resíduos das casas sejam jogados as ruas

O NORTE	DATA DA	JORNAL	NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
---------	---------	--------	---------	-------------------	--------------------



No final de janeiro, uma comissão de moradores procurou o prefeito da capital, expôs o problema e solicitou que pelo menos ele mandasse colocar um depôsito para o lixo. O prefeito enviou a comissão ao Secretário dos Serviços Urbanos que pediu que os moradores voltassem a expor suas queixas no final de fevereiro.

O NORTE	16.04.82	DENÚNCIA DA	FA	VELA SATURNINO.	
---------	----------	-------------	----	-----------------	--

Os moradores da favela Saturnino de Brito, que sôo recebem respostas evasivas, enviaram três comissoes ao SETOP, mas nada adiantou. Os moradores reclamam das ruas que não são pavimentadas e por isso os carros não podem trafegar, como também serviços de distribuição de gás, táxis, ambulâncias, etc.

O NORTE	16.04.82	FAVELADOS TERÃO	O APOIO DA SECRE	TARIA DO PLANEJA	MENTO.
---------	----------	-----------------	------------------	------------------	--------

O Secretário do Planejamento, em reunião mantida com os representantes das favelas: Ernani Sático, Beira Rio, Vila da Palha e Gauchinha, assegurou a regularidade da propriedade da terra pelos seus ocu

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			pantes, através do apoio de populações pobres residentes nas periferias urbanas. Participou também do encontro o presidente da CODEL.
O NORTE	23.04.82	MORADORES DO NINHO DA PERUA PEDEM MELHORAMENTO DAS VIAS DE ACESSO.	Uma comissão de moradores da favela Ninho da Perua (Bairro dos Novais) está disposta a ir ao Prefeito para pedir tratores e aterro para melhorar as vias que dão acesso àquela localidade.
O NORTE	27.04.82	FAVELA PEDE ÁGUA E LUZ EM PALÁCIO.	A ausência de uma infraestrutura mínima em termos essenciais de moradia levou os moradores da Favela Recreio do Altiplano Cabo Branco a reivindicar no Palácio do Governo, mas não foram atendidos, pois o chefe do Executivo estava gripado.
O NORTE	29.04.82	FAVELADOS DO GRUPO VENDEM AS CASAS CONSTRUÍDAS PELO GOVERNO.	O Conjunto Glauce Burity, construído para abrigar os moradores das favelas localizadas nas proximidades dos conjuntos residenciais Ernani Sátiro, Costa e Silva, além dos residentes no Jardim Itabaiana,

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			Vila da Palha e Grotão, está servindo de comércio entre os próprios favelados e pessoas interessadas nas modestas residências para negociá-las posteriormente, ou mesmo para derrubá-las e nos locais construir casas melhores, segundo afirmações de várias pessoas residentes naquele local.
O NORTE	30.04.82	FAVELADOS RECEBEM PROPOSTAS PARA TIRAR EMPRÉSTIMO.	Representantes das Favelas Gauchinha, Vila da Palha, Ernani Sátiro e Beira Rio estiveram reunidos na Secretaria do Planejamento, objetivando a realização de um cadastro de todos os moradores, visando a posse dos terrenos. Na oportunidade, também, foi apresentada para favelados uma proposta de concessão de empréstimo para pequenas atividades produtivas.
O NORTE	16.05.82	PROTESTO CONTRA O MURO DA RFFSA.	A exemplo do que aconteceu em Mandacaru, os moradores de Bayeux reclamam que a construção do muro nas proximidades da Estação Ferroviária deixou boa parte dos habitantes ilhados.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
CORREIO DA PARAÍBA	29.05.82	CHUVA: TRAGÉDIA NOS BAIRROS DA PERIFERIA.	<p>Na Beira Rio, ao lado da Rui Carneiro, uma das principais artérias que dá acesso às praias da capital está a favela Beira Rio. Ali, as casas estão construídas dentro de buracos cavados no monte em que está instalada a favela. A parte mais baixa da comunidade é banhada pelo Rio Jaguaribe e nesse local residem 200 famílias. Estas famílias para sobreviver lavam roupas, carros, alguns são vigilantes, outros pedreiros e uma grande maioria não faz nada.</p> <p>No Geisel: um dos bairros mais castigados pelas chuvas é o conjunto Ernesto Geisel. Ali, como nas favelas, grande quantidade de casas foram invadidas pelas águas, principalmente aquelas não beneficiadas por calçamento.</p> <p>Cidade dos Funcionários : as chuvas já destruíram boa parte das ruas asfaltadas na pista da Cidade dos Funcionários em frente ao Mercado de Oitizeiro, causando muitos acidentes.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
CORREIO DA PARAÍBA		AUMENTO NO ALUGUEL E DESEMPREGO CAUSAM PROLIFERAÇÃO DAS FAVELAS.	<p>O problema da moradia nas capitais do país se agrava a cada dia em consequência dos constantes aumentos de aluguéis e das prestações da casa própria, além do desemprego que cresce em progressão geométrica, não dando condições aos menos afortunados de viver condignamente ou até mesmo sobreviver.</p> <p>Em João Pessoa, as famílias que residem nestes locais, na sua maioria, só voltam para o lar na parte da noite após fazerem um longo itinerário, em busca de alimento para os menores que ficam em casa.</p>
O NORTE	03.06.82	FAVELADOS VÃO SER BENEFICIADOS COM A DOAÇÃO DE TERRENOS.	<p>O programa visa, inicialmente, atender as três favelas: Gauchinha, que solicitou uma área de 3.500m², para cerca de 91 casas, Ernani Sátiro com 28.860m² num total de 175 casas, Vila da Palha que terá doações de terras ainda não definidas pela CODEL, órgão que está coordenando o Programa.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	03.06.82	PREFEITURA DOARÁ TERRENOS PARA FAVELADOS DE CONJUNTO.	O prefeito assinou ante projeto de lei que será enviado à consideração da câmara municipal, autorizando a desmembrar em lotes e fazer doação de dois terrenos do patrimônio do município, localizados no Distrito Industrial, para a construção de moradias dos atuais posseiros, moradores da Favela Ernani Sático e Gauchinha.
O NORTE	20.06.82	GOVERNADOR VAI DOAR TERRENOS DA CINEP PARA FAVELADOS.	O Governador enviou à Assembleia Legislativa mensagem de lei que propõe a doação de terrenos pertencentes à CINEP para os favelados que moram em área do Distrito Industrial, Gauchinha e Vila da Palha.
O NORTE	21.06.82	FAVELA DISCUTE PLANO PARA AQUISIÇÃO DE TERRENO PELO BNH.	O presidente da Associação de Moradores União da Beira Rio informou que haverá reunião com representantes da Companhia de Habitação Popular, do BNH e moradores da favela, oportunidade em que serão debatidos assuntos referentes à compra de terreno ao BNH e, posteriormente, o loteamento para os moradores da Beira Rio.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	07.07.82	CODEL LEGALIZA OS LOTES DOS FAVELADOS.	O Secretário do Planejamento, através da CODEL, em conjunto com a Secretaria do Planejamento Municipal, iniciará os trabalhos da legalização dos lotes da favela Ernani Sátiro, de acordo com cadastramento feito pela equipe da CODEL, e pela própria comunidade. Após legalização dos lotes, cerca de 772 pessoas residentes na favela serão beneficiadas com a construção de moradias definitivas.
O NORTE	09.08.82	FAVELADOS FAZEM MUTIRÃO PARA CONSEGUIR ÁGUA.	Os moradores das favelas dos conjuntos dos Bancários e Anatólia estão bebendo água poluída proveniente do Rio Timbó e de cacimbões, tendo em vista que nestas localidades não existe água encanada pela CAGEPA, que deveria já estar beneficiando cerca de 300 famílias.
O NORTE	17.08.82	MORADORES DO ALTO DO MATEUS PEDIRAM AO PREFEITO PAVIMENTAÇÃO DE ACESSO.	Uma comissão de moradores do Alto do Mateus esteve com o prefeito, oportunidade em que foi entregue ao chefe do Executivo Municipal um abaixo-assinado con

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			tendo 659 assinaturas, solicitando melhoria no acesso ao bairro, terraplenagem e a volta dos coletivos.
O NORTE	26.08.82	PESQUISA DESEMPREGO E A SITUAÇÃO DAS FAVELAS.	Em apenas seis meses 42.092 pessoas perderam o emprego na Paraíba; 72% da população ativa da Paraíba recebem um salário mínimo, sendo que 16% desta porcentagem não têm renda fixa; cerca de seis milhões de paraibanos deixaram o interior e se deslocaram para os grandes centros urbanos.
O NORTE	28.08.82	JUSTIÇA REALIZA DESPEJO DE FAVELADOS NO ERNANI SÁTIRO.	Por determinação do Juiz Oficial de Justiça, foi iniciado o despejo dos moradores da Favela Ernani Sátiro; após derrubar todas as casas para nada construírem, a área está sendo reservada para atividades esportiva o que foi publicado no Diário Oficial do dia 27/08/82. Os moradores, na sua maioria, vigilantes, lavadeiras, carroceiros e empregadas domésticas. A operação teve sempre a presença de policiais.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	10.09.82	CONFUSÃO ATRAI POLÍCIA A LOCAL ONDE FISCAIS DERUBAM CASAS.	Na Cidade Padre Zé, foram derrubados casebres <u>con</u> struídos no terreno da <u>Pre</u> feitura e doados ao Centro Comunitário local, <u>deixa</u> ndo diversas pessoas <u>desa</u> brigadas, incluindo <u>crian</u> ças e mulheres grávidas. A polícia esteve no local para garantir a operação.
O NORTE	11.09.82	FAVELADOS ENVIAM ABAIXO - ASSINADO ÀS AUTORIDADES.	Moradores do Jardim CEPOL enviaram um abaixo-assina <u>do</u> com 900 assinaturas com apelo para o atendimento de necessidades básicas do bairro. Sendo a cópia do mesmo documento que foi en <u>vi</u> ado em 15 de julho de 1981. O movimento tem o apoio de outras comunida <u>des</u> ; a empresa de ônibus retirou os ônibus daquele percurso por falta de con <u>di</u> ções.
O NORTE	13.09.82	ESQUISTOSSOMOSE AU <u>ME</u> NTA NAS FAVE <u>LA</u> S E LAGOAS DE OITIZEIRO.	Estudos realizados pela <u>Se</u> cretaria de Saúde e SUCAM <u>con</u> cluíram que as lagoas do contorno de Oitizeiro- "As Beiras Molhadas"- têm uma incidência de 92% de esquistossomose. A respon <u>sabi</u> lidade por tal índice de contaminação é das <u>fa</u>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			<p>velas da área, cujas casas não possuem esgotos, fossas e outras melhorias sanitárias.</p> <p>As pessoas mais aptas a contraírem a doença vulgarmente conhecida como "barriga d'água" são as crianças que se banham nas águas poluídas e as dezenas de lavadeiras que trabalham no local.</p>
O NORTE	16.09.82	DESABRIGADOS CONTINUAM A OCUPAR TERRENO APESAR DE AMEAÇA POLICIAL.	<p>800 famílias estão alojadas no loteamento Nossa Senhora das Graças, nas proximidades do Jardim Veneza. Os moradores dizem que só invadiram o local por não ter condições financeiras para pagar um aluguel, ganhando um salário mínimo.</p> <p>Outro problema que acontece é a infiltração de pessoas que já possuem casas e se misturam, construindo mais de uma casa no mesmo local.</p>
O NORTE	17.09.82	POLÍCIA DESALOJA FAVELADOS E LEVA ADVOGADOS PRESOS.	<p>Forte contingente policial promoveu, ontem, a derrubada dos casebres vagos no Jardim Veneza onde ocor</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			reram 3 prisões; duas delas de estagiários do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Assessoria e Educação Popular.
O NORTE	18.09.82	POSSEIROS NÃO VOLTAM E ÁREA ESTÁ CERCADA.	Totalmente desocupado pelos posseiros, o loteamento Nossa Senhora das Graças no Jardim Veneza começou a ser cercado por proprietários dos terrenos.
O NORTE	21.09.82	POSSEIROS FAZEM MARCHA E RECEBEM PROMESSA DE AJUDA.	Uma parte das pessoas que foram desalojadas pela polícia do Jardim Veneza esteve na prefeitura e recebeu a promessa do prefeito de que iria levar o problema ao conhecimento do governador. Garantiu ajudá-los se procurarem resolver sempre de forma pacífica.
O NORTE	22.09.82	GOVERNADOR RECEBE 2 DOS 40 FAVELADOS E OS MANDA AO PREFEITO.	O governador recebeu apenas 2 dos 40 favelados, que tiveram derrubadas suas casas no loteamento Nossa Senhora das Graças, invadido por cerca de 800 famílias pobres. O governador explicou a essas duas pessoas que não receberia os outros 38, "elas estão sen

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			do orientadas por um partido político contrário ao meu", segundo relato dos próprios beneficiados pela audiência.
O NORTE	23.09.82	DESABRIGADOS DO JARDIM VENEZA IN VADEM PALÁCIO.	100 pessoas que foram desabrigadas do loteamento Jardim Veneza compareceram ao Palácio da Redenção onde tiveram audiência com o governador e denunciaram a violência cometida pelos policiais e pediram local para suas moradias.
O NORTE	30.09.82	FAVELA SATURNINO DE BRITO RECLAMA CONTRA OS BURACOS.	Moradores da favela Saturnino de Brito criaram uma comissão Pró-Associação dos Moradores para reivindicar melhores condições ao Prefeito, pois o local não tem energia elétrica e a encanação que leva água encontra-se quebrada.
O NORTE	28.10.82	FAVELADOS QUEREM SOLUÇÃO DO GOVERNO PARA SEU CASO.	Assembléia que haverá, decidirá se os moradores voltam ou não para local onde foram expulsos - loteamento Nossa Senhora das Graças, no Jardim Veneza, onde os desabrigados estão em quintais residenciais ou em casa de familiares.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	16.01.83	POUPANÇA COM RENTABILIDADE DE 88,8%.	O presidente da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (ABECIP) anunciou que a expectativa de rentabilidade da caderneta de poupança é de 88,8% para 83, sendo de 10,47%, o ganho real estimulado, sem considerar o incentivo fiscal.
O NORTE	26.01.83	BNH ESTUDA A LIBERAÇÃO DO FGTS PARA CONSTRUIR CASAS.	A sistemática de liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em favor dos assalariados optantes, poderá sofrer modificações relativamente à hipótese de sua utilização na fase de construção das moradias financiadas pelo SFH.
O NORTE	27.02.83	FAVELADOS SAEM EM PASSEATA REIVINDICANDO POSSE DE TERRA.	Favelados vão sair em passeata para que o governo desaproprie terras cedidas pelos deputados, setenta e dois hectares para os moradores do Jardim Veneza e de outras favelas.
O NORTE	28.01.83	DOAÇÃO DE TERRA.	O Chefe do Gabinete Civil recebeu uma comissão dos favelados do Jardim Veneza

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			za e das Indústrias que solicitam a doação de lotes na localidade Rio do Meio, em Bayeux.
O NORTE	10.02.83	SEIS MIL PESSOAS REIVINDICAM ÁGUA ENCANADA PARA SUA FAVELA.	Os favelados estão tomando a água poluída do rio, com seguida com grande sacrifício em filas que têm início na madrugada. Os moradores pedem drenagem do rio e construção de casas, como foi prometido no projeto Pró-Bairro do Governo.
O NORTE	22.02.83	SETRASS ENVIA PROJETO SOBRE FAVELAS À SUDENE.	Projetos elaborados por técnicos e assistentes sociais da Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais, para favorecer populações de baixa renda de João Pessoa e Campina Grande, foram enviados à SUDENE. A preocupação desses projetos é a de apoiar as massas migradas que formam áreas nas periferias da Capital e Campina Grande.
O NORTE	27.03.83	FUNDAÇÃO DO TRABALHO ANUNCIA PROJETO PARA ÁREAS PERIFÉRICAS.	Encaminhamento de projetos, visando a captação de recursos para execução de Programa da FUNSAT, recém-criada, foi o principal motivo da viagem para Bra

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			<p>sília, da presidenta da instituição.</p> <p>A presidenta manteve um acordo com o presidente do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), para implantar um Núcleo de Pesquisa que trabalhará junto à FUNSAT facilitando os trabalhos de levantamento das necessidades e as aspirações das comunidades carentes.</p>
O NORTE	28.03.83	JOÃO PESSOA "ABRIGA" MAIS UMA FAVE LA.	<p>Nas proximidades da Favela Manguinhos, à margem da BR 101, no município de Bayeux, começa a se formar uma nova favela com o nome de "Coréia" sobre muita lama, onde a maré sobe duas vezes por mês causando inundação, mas ninguém pretende deixar seu lar.</p>
O NORTE	14.04.83	CEHAP CONVOCA A POLÍCIA PARA DESALOJAR FAMÍLIAS INVASORAS.	<p>Dez casas foram invadidas por populares no conjunto Mangabeira, construído pela CEHAP. As famílias invasoras se instalaram com todos os seus pertences nas casas e se recusaram a sair, alegando que</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			não têm onde morar. A polícia militar compareceu ao local, requisitada pelo presidente da CEHAP. Os quarenta policiais da PM permanecerão na área até que todas as casas sejam distribuídas, evitando assim que ocorram novas invasões.
O NORTE	21.04.83	CRESCE A FAVELA NA BEIRA RIO E AUMENTAM OS SEUS PROBLEMAS.	Apesar da proibição da Prefeitura no sentido de evitar o crescimento de favela na área de João Pessoa, o que se observa na favela Radier na Beira Rio é que ela aumenta a cada dia. O grande problema que foi constatado é que muitos moradores já foram contemplados com casa no Conjunto Grotão e Mangabeira, mas que tiveram que vender por não ter condição para se alimentar.
O NORTE	26.04.83	RIO POLUÍDO PIOR A SAÚDE DAS CRIANÇAS NA FAVELA BEIRA RIO.	Fica cada vez mais difícil a condição de moradia da favela Beira Rio nas proximidades da Rui Carneiro; o grande problema é a poluição do rio Jaguaribe, onde são jogados bichos mortos, grande quan

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			tidade de óleo de carros; e existe um terminal de esgoto, instalado pela CAGEPA.
O NORTE	26.04.83	FAVELADOS NÃO RECEBEM BEM CADASTRAMENTO DA CEHAP.	Sem conseguir explicar direito os critérios da remoção dos moradores da Favela Beira Rio para área do cajueiro, os funcionários deixam muita gente descontente. O que parece é que os moradores terão de desembolsar 300 mil cruzeiros, quantia esta muito elevada para os moradores.
O NORTE	11.05.83	EMBAIXADOR VÊ AS FAVELAS DE JOÃO PESSOA.	Mostrar a real situação das favelas de João Pessoa, objetivando com isso conseguir verbas do governo alemão, através dos seus organismos sociais, FUNSAT/Prefeitura da Capital estão trabalhando em conjunto. A presidenta da Fundação Social do Trabalho em companhia do Embaixador Alemão e o governador visitaram as favelas: Beira Rio e Boca do Lixo.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	16.05.83	DESABRIGADOS QUE REM CASA DO MUTIRÃO.	Duas famílias que moram debaixo do Viaduto Dorgival Terceiro Neto há mais de 2 anos apelaram à presidente da FUNSAT, para concretização da doação dos lotes de terreno localizados em Imaculada, Bayeux.
O NORTE	20.05.83	AGENTES DO BNH ESPERAM NORMAS SOBRE O AUMENTO.	Os agentes financeiros ainda não receberam a resolução do Banco Nacional de Habitação que determina a semestralidade para as prestações da casa própria, informou o diretor do Paraiban Crédito Imobiliário. Acrescentando que a resolução do BNH será apreciada durante reunião que a Associação Nordestina de Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança vai realizar em Recife.
O NORTE	05.06.83	PRESTAÇÃO DA CASA PRÓPRIA VAI TER AUMENTO IGUAL AO SALÁRIO.	O Presidente da República, por sugestão do Ministro do Interior, deverá adotar no início da semana providências drásticas para resolver o problema criado pelo brutal aumento das prestações da casa própria 130% previsto para o último mês.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	17.06.83	PRESIDENTE DO BNH DIZ QUE O REAJUSTE É DE 113%.	Em resposta a uma pergunta do senador do PDS - sobre o aumento das prestações da casa própria, financiada pelo Banco Nacional de Habitação, o presidente do Órgão garantiu que o mutuário pagará no máximo 113% de elevação, pois, ela será de acordo com o reajuste salarial ocorrido durante o ano.
O NORTE	19.06.83	DISTRITOS INDUSTRIAIS TERÃO NOVOS CONJUNTOS CONSTRUÍDOS PELO BNH.	O Ministro do Interior de terminou ao BNH para construção de dois conjuntos habitacionais nos Distritos Industriais de João Pessoa e Campina Grande, destinados aos empregados das fábricas ali localizadas. A medida foi tomada pelo Ministro durante encontro que manteve no Palácio da Redenção com uma comitiva de empresários, liderada pelo Diretor Presidente da CINEP.
O NORTE	26.06.83	TRABALHADORES VÃO DEBATER DESEMPREGO NO PRÓXIMO DIA 17.	Preocupada com as constantes demissões de operários, que caracterizam na Paraíba um quadro de desemprego em massa, a Federação

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			ração dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado programou um debate em sua sede com todos os sindicatos e seus filiados.
O NORTE	03.08.83	500 FAMÍLIAS INVADEM O CRISTO MAS SÃO EVACUADAS PARA OUTROS TERRENOS.	Mais de 500 famílias foram transferidas em caminhões da Prefeitura de João Pessoa da Favela do Conjunto 13 de Maio. A invasão durou 15 dias, numa faixa de terra localizada no Cristo Redentor sob uma rede elétrica.
O NORTE	11.08.83	REMANEJAMENTO DE FAMÍLIAS PARA O SÍTIO TIMBÓ.	As famílias faveladas que foram transferidas recentemente para um terreno no Jardim Itabaiana, Cristo Redentor, foram retiradas por funcionários da Prefeitura havendo denúncia de atos de violência. Foram transferidas para o sítio Timbó, terreno da Prefeitura, nos Bancários.
O NORTE	12.08.83	DESABRIGADOS VOLTAM AO BAIRRO DO CRISTO COM AUTORIZAÇÃO DA FUNSAT.	O grupo de desabrigados que foi transferido pela Prefeitura do Jardim Itabaiana no Cristo Redentor para o sítio Timbó nos Bancários esteve acampado

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			na frente da sede da FUNSAT e depois de mantida reunião com a presidente do Órgão recebeu permissão de voltar para o mesmo local, no Cristo, mesmo debaixo de uma rede de alta tensão.
O NORTE	18.10.83	MAIS VERBAS DO BNH PARA MANGABEIRA.	O Secretário de Saneamento e Habitação do Estado viajou para o Rio de Janeiro onde manterá contato com o presidente do BNH, no sentido de alocar recursos destinados à execução do Conjunto Residencial Mangabeira III.
O NORTE	22.10.83	BNH NÃO SABE COMO FICARÁ PRESTAÇÃO DE CASA PRÓPRIA PARA CLASSE MÉDIA.	O Banco Nacional de Habitação começou a analisar ontem o Decreto-Lei 2.045 que limita os reajustes das prestações da casa própria em 80% do INPC para definir nos próximos dias as normas que serão transmitidas aos Agentes do Sistema Financeiro da Habitação. Até agora, os técnicos do BNH não sabem como ficará o reajuste da prestação do mutuário de classe média que terá correção salarial abaixo dos 80% do índice de preços.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	18.12.83	CATADORES DE LIXO MOSTRAM INSATISFAÇÃO COM MEDIDAS.	<p>A maioria dos catadores de lixo da Boca do Lixo no Baixo Róger mostrou-se insatisfeita com as últimas determinações impostas pela Prefeitura.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Catadores foram cadastrados, só assim podem ter suas funções, crianças de 5 anos até os mais idosos. - Exigência de uma foto 3 X 4 e uma taxa de Cr\$ 50,00, para ser empregada no uniforme. - Foi proibido sair do local com lixo para vender fora a quem melhor pagar.
O NORTE	15.01.85	BAIXO RÓGER VAI PROMOVER MANIFESTAÇÃO.	<p>Associação dos Moradores do Baixo Róger, através de sua diretoria, realizará uma passeata com a participação de todos os catadores de lixo do Baixo Róger. A manifestação iniciará na comunidade e terminará diante da Prefeitura.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	24.05.84	NOVOS DESABAMENTOS DEIXAM MAIS 50 PESSOAS SEM ABRIGO NO PADRE ZÉ.	Caíram cerca de 10 casebres na Cidade Padre Zé por não suportar as chuvas. Aproximadamente 50 pessoas pediram providências ao Governo do Estado, para as condições precárias de vida em que se encontram.
O NORTE	27.05.84	INICIA CONSTRUÇÃO DE CASA PARA DESABRIGADOS.	O Governo do Estado inicia construção de casas para os favelados desabrigados em João Pessoa. Serão também executados os trabalhos de desobstrução de galerias pluviais, canais para o escoamento das águas e a construção de muro de arrimo para barreira que desabou sobre a favela Beira Rio.
O NORTE	12.06.84	DESABRIGADOS TÊM CASA DENTRO DE 60 DIAS.	Caso as condições climáticas permaneçam estáveis, dentro de 60 dias serão concluídas 211 casas em construção na favela Beira Rio pela FUNSAT e o BNH destinadas a abrigar as vítimas do desabamento da Barreira na favela, causando 6 mortes. As novas casas medem 15 X 7m, tendo um vão, que receberão gratuitamente.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	11.07.84	FAVELADOS RECORREM AO GOVERNO PARA CONTER CONSTANTES AMEAÇAS.	Uma comissão de mais de 20 moradores da Favela Beira Rio denunciou ontem ao Coordenador do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Assessoria de Educação Popular, que têm sofrido ameaças praticadas por um antigo possessoro na área, que agora alega ser proprietário.
O NORTE	20.07.84	FAVELADOS VÃO CRIAR UMA ENTIDADE DE REPRESENTATIVA.	O encontro estadual de favelados discutirá a criação de uma entidade que represente todos habitantes das favelas paraibanas. O objetivo do movimento é encampar as lutas em torno da ocupação do solo paraibano, conforme informou o vice-presidente da Associação União Beira Rio recém-chegado do IV Encontro Nacional do Movimento de Defesa dos Favelados.
O NORTE	18.09.84	MORADORES CRITICAM FAVELA BEIRA RIO EM ESTADO DE CALAMIDADE.	Duas ou mais famílias residindo sob o mesmo teto, este é o quadro de 50 famílias na favela Beira Rio, famílias que tiveram suas casas destruídas pelas chuvas. Junto com a

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------



advogada do Centro de Defesa dos Direitos Humanos; a comissão de favelados pediu providência ao Governo do Estado, na sede João de Barro, recebendo do coordenador do programa a resposta que os materiais de construção estarão à disposição dentro de um mês.

O NORTE	29.09.84	PREFEITO SE DISPÕE A DOAR TERRENO PARA OS FAVELADOS.	Visando a solucionar um problema da capital que é a realocação da Favela Saturnino de Brito, através do Projeto Renascer da FUNSAT, o prefeito enviou, ontem, à Câmara Municipal, um projeto-lei, autorizando a doação de terreno à CEHAP, onde serão construídas novas casas dos favelados.
O NORTE	06.10.84	LÍDERES COMUNITÁRIOS PEDEM SEGURANÇA E MELHOR CONDIÇÃO.	Reunido com o governador, no Palácio da Redenção de quem reivindicaram a reativação da construção civil, como forma de criar mercado de trabalho digno, segurança nos bairros, adoção de um programa de energia a nível estadual, para amenizar os sofrimentos das camadas mais pobres da população.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	03.02.85	CRISE LEVA SERVIDOR DA PREFEITURA A DISPUTAR LIXO COM CATADORES DO RÓGER.	A desvalorização do salário vem trazendo para os catadores de objetos do lixo do Róger concorrentes inesperados. Os servidores da limpeza urbana ganham entre 57 e 120 mil cruzeiros e também estão catando objetos nos caminhos.
O NORTE	17.08.85	DESABRIGADOS ENFRENTAM A MISÉRIA.	Na Favela Padre Hildon Bandeira, às margens da Avenida José Américo de Almeida, 15 famílias estão desabrigadas vivendo em miséria. Estão abrigadas num acampamento de 20 metros quadrados, coberto por uma lona, a maioria delas sendo crianças de 0 a 12 anos; elas vêm sendo assistidas pela Defesa Civil do Estado.
O NORTE	01.09.85	FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA VÃO RECEBER ALIMENTOS.	O plano de superalimentação, que visa a atender as crianças carentes e mulheres gestantes e nutrizes de famílias com renda de até dois salários mínimos, será implantado na Paraíba este mês.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	30.09.85	FAMÍLIAS AMEAÇAM INVADIR TERRENO PRÓXIMO À MODELO.	Catorze famílias que estão há cinco meses alojadas nas salas de aula do Grupo Escolar Frei Afonso, no Bairro do Róger, ameaçam invadir um terreno situado nas proximidades da penitenciária do bairro, caso não seja começada a construção de um conjunto Mutirão prometido pela FUNSAT.
O NORTE	01.12.85	SEM MORADIA, POPULARES CONSTROEM NOVA FAVELA.	Cerca de seis famílias estão residindo há mais de três meses numa calçada de aproximadamente 1,20m de largura que fica por trás dos hospitais Clementino Fraga e Napoleão Laureano, em Jaguaribe. Os casebres não têm nenhuma condição de moradia e são feitos com madeira, papelão, plástico, lona, palha e algumas telhas.
O NORTE	11.01.86	CATADORES DE LIXO DO RÓGER QUE REM MELHORES CONDIÇÕES PARA TRABALHAR.	A diretoria da Associação dos Moradores do Baixo-Róger entregará um documento ao prefeito, expondo os problemas que atingem cerca de 600 famílias de catadores de lixo. O documento denuncia as con

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			dições subhumanas em que vivem os trabalhadores do lixão.
O NORTE	18.01.86	RIO JAGUARIBE AMEAÇA FAMÍLIAS QUE REIVINDICAM MUDANÇAS PARA OUTRAS ÁREAS.	Cerca de trinta famílias que residem às margens do Rio Jaguaribe, nas proximidades do IBDF, estão temendo a chegada do inverno, pois continuam vivendo atualmente em precárias condições, já que tiveram suas casas invadidas no último inverno e foram obrigadas a viver em barracos de latão nos mesmos locais.
O NORTE	30.01.86	FUNSAT REMOVE FAMÍLIAS.	23 famílias da favela Cachorro Assado foram removidas para o conjunto Projeto de Cabedelo situado às margens da BR 230, num trabalho realizado pela Fundação Social do Trabalho dentro do programa de irradiação de submoradia que objetiva promover melhoria da qualidade de vida de baixa renda da grande João Pessoa.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	16.02.86	CATADORES DO RÔGER RECLAMAM CRIAÇÃO DA FÁBRICA DE PROCESSAMENTO DE LIXO.	O presidente da Associação dos Moradores do Bairro Rôger cobrou ontem do refeito a implantação da indústria de processamento do lixo de João Pessoa para a fabricação de fertilizantes ou gás combustível. A presidente afirma que a venda do lixo catado já não dá para sobreviver e que o acúmulo que já dura 20 anos está deixando os moradores com uma saúde precária.
O NORTE	27.02.86	INVASÃO.	O policiamento é reforçado no Conjunto dos Motoristas, construído pela FUNSAT, para impedir novas invasões de residências daquele conjunto: 30 famílias já invadiram algumas casas e estão pressionadas a deixarem o local.
O NORTE	28.02.86	INVASÃO DE CASAS PROVOCA TUMULTOS ENTRE PROPRIETÁRIOS E OS OCUPANTES.	Mais de 30 casas do Conjunto dos Motoristas, no Alto do Mateus, foram ocupadas desde a última sexta-feira por famílias que não tinham onde morar. A ocupação vem trazendo muitos tumultos entre os pro

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			prietários, que alegam que alguns invasores não necessitam delas mais do que eles, em sua moradia.
O NORTE	14.03.86	FAVELAS TEMEM QUE BARREIRAS CAIAM SOBRE AS CASAS.	A preocupação maior dos moradores da Favela Beira Rio é com relação a um bueiro situado entre a barreira e as casas que devido ao volume das águas do rio Jaguaribe e da chuva poderia estourar e provocar maiores danos no local.
O NORTE	15.03.86	CHUVAS INUNDAM RUAS E AMEAÇAM VIDAS EM FAVELAS.	As chuvas já provocaram várias inundações de ruas e casas e uma área das mais afetadas é a da favela do Timbó, no Conjunto dos Bancários, onde 100 pessoas estão desabrigadas e o restante dos moradores estão com suas casas ameaçadas a desabar.
O NORTE	18.03.86	COMUNIDADES RECEBEM VISITA DO PREFEITO.	Tomando providências urgentes de desobstrução de galerias, coleta de lixo, serviço de terraplenagem e recuperação de vias de acesso, medidas que constam do Programa de Prioridades Sociais da

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			Prefeitura de João Pessoa. As áreas visitadas são atingidas pelas chuvas, entre as quais a favela Gauchinha, Ninho da Perua, Buraco do Cão em Cruz das Armas.
O NORTE	10.04.86	FAMÍLIAS DESA BRIGADAS VÃO AO PALÁCIO EXIGIR MORADIAS AO GOVERNO DO ESTADO.	Cerca de 80 famílias que estão vivendo nos dois galpões da Fábrica ICOP-Indústria falida do Distrito Industrial - acamparam em frente ao Palácio da Redenção para pressionar o Governo do Estado e FUNSAT; suas reivindicações entre outras são uma casa para morar. Receberam a promessa da primeira dama do Estado que as 44 famílias já cadastradas pelo Órgão irão receber as casas e as restantes teriam o caso estudado em particular.
O NORTE	16.04.86	80 FAMÍLIAS ACAMPAM DIANTE DE PALÁCIO PEDINDO AS CASAS.	Passaram 2 meses sem que a Fundação Social do Trabalho - FUNSAT - efetuassem a distribuição de casas prometidas por ocasião da invasão do Conjunto dos Motoristas no Alto do Mateus; acampados na porta

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			do Palácio da Redenção, as famílias foram convencidas pela FUNSAT a deixar o Conjunto dos Motoristas indo para dois galpões de uma fábrica desativada sem condição mínima.
O NORTE	25.04.86	FAVELADOS VÃO À FUNSAT PEDIR RESIDÊNCIA NO CRISTO REDENTOR.	Uma comissão de 15 pessoas residentes na favela Três Lagoas esteve na FUNSAT para reivindicar preferência das casas que estão sendo construídas pelo Órgão no bairro Cristo Redentor. Ao que parece a preferência das casas é para as famílias cadastradas que estão num galpão no Distrito Industrial.
O NORTE	01.05.86	FAVELADOS GANHAM CASAS NOVAS DO GOVERNO.	A remoção de setenta e três famílias que se encontravam abrigadas no galpão da indústria da ICOP, no Distrito Industrial, construída pelo Órgão do Governo, FUNSAT. Dessas famílias 30 haviam invadido o Conjunto dos Motoristas no Alto do Mateus. O Estado teve que entregar as casas aos verdadeiros donos.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	25.05.86	FAVELADOS VÃO SER INSTALADOS EM GALPÃO.	Os moradores da Favela Saturnino de Brito, com o incidente de maior gravidade uma barreira que ameaça cair, serão removidos para um galpão junto ao Matadouro; ali ficarão enquanto aguardam a construção das casas do Renascer I.
O NORTE	04.06.86	FAMÍLIAS FAZEM PASSEATA REIVINDICANDO SUAS CASAS.	60 pessoas entre homens, mulheres e crianças de diversos bairros da cidade saíram ontem em passeata da Sociedade de Associações de Movimentos Populares e Sindical (SAMOPS) em Jaguaribe com destino ao Palácio da Redenção. São pessoas que foram despejadas dos quartos onde residiam por falta de condições de pagar o aluguel.
O NORTE	07.06.86	CONJUNTO MUTIRÃO RECLAMA DE CONDIÇÕES PRECÁRIAS.	Os moradores do Conjunto Mutirão Mário Andreazza, da Colônia de Hansenianos Getúlio Vargas em Bayeux, reclamam da precariedade da estrada de acesso como também de todas as ruas daquele núcleo habitacional.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	10.06.86	ASSOCIAÇÃO CRITICA O PREFEITO DA CIDADE.	O presidente da Associação dos Moradores João Tota em Mandacaru, o descaço da Prefeitura no atendimento das reivindicações através de abaixo-assinado com 1.500 assinaturas. Os moradores ameaçam a invadir a Prefeitura caso suas reivindicações não sejam atendidas.
O NORTE	15.06.86	DOM JOSÉ NÃO VÊ INTERESSE POLÍTICO NA OCUPAÇÃO DA PRAÇA JOÃO PESSOA.	O Arcebispo da Paraíba garantiu que a Igreja está aberta a colaborar com o Governo do Estado para solução do problema da ocupação da Praça João Pessoa. A praça está ocupada pelas famílias desabrigadas a 15 dias; primeiro, eles invadiram a casa do Conjunto Valentina Figueiredo e foram expulsos pela Polícia Militar.
O NORTE	19.06.86	FAMÍLIAS SEM CASA NÃO CONSEGUEM AUDIÊNCIA PARA REIVINDICAR AJUDA.	60 pessoas de diversos bairros da cidade saíram em passeata da sede da Sociedade de Associações de Movimentos Populares e Sindical com destino ao Palácio da Redenção a fim de reivindicar moradia, mas não foram recebidos pelo governador.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	25.06.86	C.G.T. DENUNCIA AGRESSÕES CONTRA ADVOGADOS E LÍDERES COMUNITÁRIOS.	O Secretário Geral da Central Geral dos Trabalhadores denuncia agressões e ameaças que estão sendo perpetradas contra o advogado e a diretoria da Associação de Moradores do Porto de João Tota e Beira Molhada. Ameaça para não desapropriar a terra onde estão morando 800 pessoas.
O NORTE	01.07.86	FAMÍLIAS INVADEM CASAS NO VALENTINA FIGUEIREDO.	Cerca de 400 famílias invadiram uma parte das casas do Conjunto Valentina II. Os invasores chegaram em grande número em caminhões e automóveis pequenos como relata um dos vigias.
O NORTE	01.07.86	DESABRIGADOS DO TIMBÓ NÃO RECEBEM ASSISTÊNCIA.	As 13 famílias desabrigadas da Favela do Timbó alojadas há dois meses no prédio do Mutirão Escolar Dom Carlos Coelho, no Conjunto dos Bancários, faltam alimentos, assistência médica e casa para morar. Estão habitando as 5 dependências do Mutirão 30 adultos e 32 crianças.



NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	03.07.86	FAMÍLIAS EXPULSAS DE CONJUNTO FAZEM ACAMPAMENTO EM FRENTE AO PALÁCIO.	A polícia desalojou as famílias que invadiram as casas do Valentina II, moradores acusam a polícia de ter usado violência; a medida foi tomada depois de uma reunião entre os secretários da Administração e da Segurança Pública.
O NORTE	05.07.86	DESABRIGADOS INSISTEM EM PERMANECER NA PRAÇA.	As famílias se recusam a ir para qualquer alojamento e permanecem firme no propósito de que não sairão do acampamento sem apresentação de proposta concreta e continuam de frente ao Palácio do Governo.
O NORTE	07.07.86	PRESENÇA INCOMODA.	A confirmação de uma audiência com o presidente da FUNSAT, para as 130 famílias expulsas do Valentina II, que já estão acampados há 5 dias.
O NORTE	08.07.86	DESABRIGADOS ACEITAM PROPOSTA PARA DEIXAR E FAZER CASA EM BAYEUX.	A comissão dos "Sem Casa" aceitou a proposta do governo que doará um terreno próximo ao mutirão em Bayeux e fornecerá material de construção. A mão-de-obra será realizada em regime de Mutirão.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			As famílias estão acampadas há sete dias na praça.
O NORTE	09.07.86	DESABRIGADOS AINDA NÃO SABEM QUANDO PODERÃO DEIXAR A PRAÇA.	Falta o governador dar sua decisão final, aprovando, ou não, a proposta, e a FUNSAT terminar a investigação no sentido de verificar a existência de algumas entre eles que sejam proprietários de casas.
O NORTE	14.07.86	"SEM CASAS" TEM PROBLEMAS AGRAVADOS COM AS CHUVAS.	Os desabrigados que há 15 dias ocupam a Praça João Pessoa, em frente ao Palácio da Redenção, têm a situação agravada com as chuvas que inundam as barracas onde as crianças estão com várias doenças.
O NORTE	17.07.86	DESABRIGADOS RECLAMAM DE CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE ABRIGOS NO MATADOURO.	Os desabrigados das chuvas, instalados em pequenos cubículos num prédio em que funcionava um Matadouro Público Varadouro, há cerca de sete meses quando driblam os surtos de inúmeras gotteiras ficam esperando a construção de suas casas pela FUNSAT.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	19.07.86	ENTIDADE QUER A DESAPROPRIAÇÃO DO BAIIXO MANDACARU.	Uma coordenação de luta pela desapropriação do Baixo Mandacaru foi formada envolvendo sete áreas do bairro para lutar pela desapropriação de terra do Baixo Mandacaru (Porto de João Tota, Beira Molhada, Vem-vem, Alto do Céu, Salina Ribamar, Favela dos Ipês e parte do Padre Zê). Mesmo a terra pertencendo ao Patrimônio Público da União e está arrendada à família Tota. As 35 mil famílias residem na área há mais de 10 anos em precárias condições, pagando taxa de moradia semanalmente a esta família.
O NORTE	23.07.86	DESABRIGADOS JÁ SE ENCONTRAM NO TERRENO EM QUE VÃO CONSTRUIR.	As 136 famílias dos desabrigados que ocuparam a Praça João Pessoa durante 16 dias onde lá permanecem em regime de acampamento. A saída dos desabrigados estava prevista para a semana passada não ocorrendo porque a FUNSAT dispunha de uma relação de nomes de famílias que desocuparam o local, acatando a proposta do Órgão de receber uma ajuda dos aluguéis em atraso.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	29.07.86	MORADORES DO "PORTO DE JOÃO TOTA" DENUNCIAM AMEAÇAS DE PROPRIETÁRIOS.	Uma comissão de moradores do Porto de João Tota e Padre Zé denunciam as ameaças dos proprietários; estas ameaças vêm ocorrendo por conta das manifestações das famílias ali residentes. Os moradores elaboraram um decreto popular pelo qual vão seguir até que a área seja desapropriada.
O NORTE	30.08.86	FAMÍLIAS DESABRIGADAS CONTINUAM A VIVER A COMPLETE PROMISCUIDADE.	27 famílias desabrigadas da Favela do Timbó, instaladas há 3 meses na Escola Estadual de 1º Grau Professora Francisca Assunção Cunha, nos Bancários, dividem 6 salas de aulas, morando 4 famílias em cada sala de aula, sem nenhuma condição básica de vida.
O NORTE	13.09.86	"SEM CASAS" DENUNCIAM QUE O MATERIAL NÃO ESTÁ SENDO DISTRIBUÍDO.	Os "sem casas" que estão acampados em um galpão localizado no Conjunto Mário Andreazza, em Bayeux, para onde foram levados pela FUNSAT até quando sejam construídas suas casas em regime de Mutirão, financiada pelo Órgão, denunciaram que os materiais de

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
----------------	-----------------	-------------------	--------------------

O NORTE	22.09.86	BNH APLICARÁ Cz\$ 20 BILHÕES EM REURBANIZAÇÃO.	construção não estão chegando ao local há bastante tempo. O Banco Nacional de Habitação vai aplicar Cz\$ 20 bilhões de erradicação de subhabitação e reurbanização de favelas através do Programa de Melhorias Habitacionais. A colaboração financeira concedida sob a forma não reembolsável, proveniente do Fundo de Investimento Social, foi aprovada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, órgão vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.
---------	----------	--	--



O NORTE	30.09.86	SITUAÇÃO DE FAMILIAS ABRIGADA EM COLÉGIO PELA FUNSAT É GRAVE.	A fome é o principal problema das famílias, pois os pais são desempregados vivendo de biscates, que contribui para o crescente número de crianças acometidas de doenças, como pneumonia, doença de pele e febre; são cerca de 60 crianças na idade de oito meses a oito anos que estão vivendo neste local há 4 meses.
---------	----------	---	--

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	10.11.86	BEIRA MOLHADA NÃO SABE A QUEM RECLAMAR.	Localizada às margens de uma lagoa, o que deu origem a seu nome, a Favela Beira Molhada, próxima ao Distrito Industrial, se transformou, segundo a presidente da Associação de Moradores de Beira Molhada, Edite de Farias Freire, em local de descarga de caminhões-tanques responsáveis pelos serviços de esgotamento de fossa da cidade.
O NORTE	11.11.86	LIXÃO DO RÔGER: A DURA REALIDADE E A SOBREVIVÊNCIA DIÁRIA COM DETRITOS.	Na Favela do Baixo Rôger, local onde fica o único lixão da cidade, a população está, como por natureza, condenada ao convívio com o lixo e dele sobrevive. Lá, a população já se acostumou a conviver com os ratos que a noite saem de suas tocas no meio do lixo para invadirem as casas.
O NORTE	11.11.86	DESABRIGADOS PASAM FOME NOS GALPÕES DE FÁBRICA.	Setenta e seis famílias estão vivendo em condições subhumanas em dois galpões da ICOP, no Distrito Industrial, são antigos moradores da Favela do Timbó que tiveram suas ca

NOME DO	DATA DA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
JORNAL	NOTÍCIA		
O NORTE	19.11.86	CRIANÇAS NO DISTRITO INDUSTRIAL MORREM À MÍNGUA.	<p>As derrubadas pela chuva no começo do ano, que agora esperam que a FUNSAT cumpra a promessa de construir o conjunto Mutirão II.</p>
O NORTE	18.12.86	FAMÍLIAS DESABRIDAS HÁ CINCO MESES AINDA SEM CASAS QUE FUNSAT PROMETEU.	<p>Após os cinco meses de terem firmado acordo com a Fundação Social do Trabalho para a construção de suas moradias no Conjunto Mário Andreazza, no Município de Bayeux, as 136 famílias só viram até o momento serem iniciadas as paredes de apenas três casas, enquanto aguardam vivendo em meio a promiscuidade num galpão abandonado e em algumas barracas próximas do local. Os trabalhos foram paralisados</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			dos há mais de 3 meses, segundo a FUNSAT falta verba para continuação da obra.
CORREIO DA PARAÍBA	11.02.87	CRECHE ABANDONADA INVADIDA POR SEM CASA.	Cerca de 8 famílias ocuparam ontem a creche construída pelo Governo do Estado no Conjunto Mangabeira I. Muitos sem emprego e outros ganhando pouco, os novos moradores da creche - que dispõe de sete cômodos contando com a cozinha - disseram que não estão dispostos a sair do local. Há dependências para abrigar todos, apesar da falta de um novo despejo, pois eles não têm onde ir. A vizinhança não está acomodada, inclusive, algumas dispuseram ajudar com alimentação e cobertores.
O NORTE	13.02.87	FAVELAS PROLIFERAM NOS BAIRROS DA CAPITAL.	Uma nova favela surge em João Pessoa. Desta vez com o nome "Quilombo" ou "Boa Vida", já concentrando cerca de 200 casebres na sua maioria com paredes de tábuas e cobertas de palhas, no Conjunto Costa e Silva, no espaço destinado a uma área de

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			<p>lazer, conforme denúncia dos moradores do conjunto que estão revoltados com a situação.</p> <p>A favela não apresenta qualquer condição de moradia. No centro da favela corre uma lagoa de lama, normalmente drenada pelos moradores que rezam para não chover, por conta do aumento de insetos e a invasão de sapos em suas casas.</p>
O NORTE	14.03.87	ESCOLAS E FAVELADOS.	<p>A ocupação por favelados do Vale do Timbó, próximo ao Conjunto dos Bancários em João Pessoa, da Escola Estadual Dom Carlos Coelho, fez 243 alunos perderem o ano letivo. Dezenas de outros estudantes também ficaram sem aulas após a invasão do Colégio Estadual Francisca Assunção do mesmo conjunto residencial.</p> <p>O Secretário estava ciente do problema e nada fez porque depende da FUNSAT liberar as casas prometidas aos invasores.</p>

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
O NORTE	15.03.87	FAMÍLIAS DE FAVELA DOS OCUPAM 2 EDUCAN DÁRIOS NO CONJUNTO DOS BANCÁRIOS.	37 famílias (10 no mutirão e 27 na Francisca Assunção). A maioria é desempregada.
O NORTE	17.03.87	APARECE MAIS UMA FAVELA NA GRANDE JOÃO PESSOA.	"Favela dos Inocentes", assim é chamada pelos moradores da mais recente favela surgida em João Pessoa. Situada nas imediações do Conjunto Bela Vista, no Cristo Redentor, embora em sua fase embrionária já concentra 150 casebres, na sua maioria, semiconstruídas. Habitada por 300 moradores a grande maioria crianças, a Favela dos Inocentes é formada por pessoas do interior do Estado, desempregados ou mesmo que moravam em casa alugada nos bairros da cidade e que foram despejadas por lhe faltarem condições de pagar o aluguel.
O NORTE	25.03.87	FAVELADOS FAZEM PASSEATA HOJE E PEDEM CASA, ALIAMENTOS E ESCOLA.	Os favelados que somam hoje mais de 230 famílias iniciaram os preparativos para a passeata com a confecção de faixas e cartazes com frases objetivando sensibilizar o novo Go

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
			vernador do Estado e a sociedade, para as péssimas condições de moradia que enfrentam no momento.
O NORTE	26.03.87	FAVELADOS VÃO A DESPACHOS.	Os favelados foram recebidos pelo chefe da casa civil do governador, Walter Arcoverde, que garantiu enviar hoje duas assistentes sociais para avaliação do problema. De acordo com as circunstâncias verificadas, serão providenciados alimentos e abrigo adequado para o "sem casa", enquanto o Governo resolve definitivamente o problema.
O NORTE	05.04.87	DISTRITO INDUSTRIAL PEDE SOCORRO.	Galpões abandonados são invadidos por cerca de 200 pessoas. 40 famílias aguardam a promessa de casa que lhes foi feita.
O NORTE	09.04.87	LIXO DEPOSITADO EM FAVELA CAUSA DOENÇAS E RECLAMAÇÃO DE MORADOR.	Favela Terceirão, debaixo do viaduto Dorgival Terceiro Neto, abriga 50 famílias num total de 300 pessoas cujas condições ambientais inféticas começam a provocar doenças e reclamações.

NOME DO JORNAL	DATA DA NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SÍNTESE DA NOTÍCIA
CORREIO DA PARAÍBA	16.04.87	FAVELA NO 13 DE MAIO.	Nova favela começa a tomar forma na Rua Maurício de Oliveira no Jardim 13 de Maio, contando já com 100 pessoas.
O NORTE	22.04.87	FAMÍLIAS DESABRIGADAS MORAM HÁ UM ANO NO BALCÃO DA ECONOMIA.	Desabrigados da Favela Beira Molhada, em Oitizeiro, que receberam promessa de casa, ocuparam o Balcão da Economia.



428/90

4.2. O ASSENTAMENTO EM JOÃO PESSOA

O processo de assentamento no espaço urbano está diretamente vinculado à forma (sozinho ou com a família) e motivo que condicionaram a ocorrência da migração.

Desse modo, quando se migra ainda criança, o primeiro local de moradia independe da própria vontade para situar - se no âmbito dos ascendentes, pais ou pessoas que se acompanha. Em alguns casos, o fato de já ter algum parente residindo num determinado ponto da cidade pode influenciar a "preferência" da família que chega:

"... Nesse tempo, meu pai morreu em 52 e meu irmão já trabalhava aqui em João Pessoa, o mais velho. Ele conduziu nós que era tudo pequeno, 7 homens ... não tinha a casa de Dr. ..., ali de frente para o Cabo Branco, aquela casona na Epitácio Pessoa, meu irmão trabalhava numa cocheira de gado ... fui morar lá com toda minha família"... (S.F.B.)

"... Vim com dez anos mais ou menos. Vim com meus pais. Meu pai veio para cá procurar um meio de vida porque lá não dava mais. Eles vieram para o Miramar. Já tinha um tio em Miramar que trabalhava em vacaria ... Ele veio, isso mesmo começou logo em vacaria"...(E.M.S)

O primeiro local de moradia pode aparecer diretamente vinculado à ocupação inicial. Isso ocorre geralmente com aque las pessoas que desempenham atividades econômicas em granjas

e sítios, como vigilantes ou caseiros, entre outros.

Porém, é o trabalho doméstico feminino exercido em ca sas de família. que pode ser considerado como caso limite dessa total articulação do trabalho e da moradia. As ne cessi da des de reprodução são "supridas" pela família para a qual traba lha a doméstica, exercendo-se, sobre seu consumo, uma com ple ta dominação. Assim, supondo a permanência na mesma ativi da de, a cada mudança de emprego corresponde novo local de mora dia.

A persistência desse tipo de ocupação, ainda bastante em voga no Nordeste brasileiro, deve-se não apenas à ausência de um mercado de trabalho mais diversificado no qual se registrem maiores chances de emprego, mas também ao baixo nível de remuneração da doméstica, o que, na grande maioria dos casos, não lhe possibilita a garantia dos meios de reprodução. Por outro lado, as condições de trabalho que se expressam, dentre outras formas, pela extensão da jornada, sem observância de um limite e/ou de uma regularidade para seu término, incluem adap ta ção às exigências da família empregadora, esgotando-lhe, assim, o tempo que poderia se dedicar a sua própria famí lia.

A desvinculação do trabalho doméstico remunerado da moradia ocorre, sobretudo, no caso daquelas mulheres que constituíram família, compartilhando com os demais membros as tare fas domésticas de sua própria casa, como mecanismo de sua manuten ção.

O "canteiro" de obra na construção civil é outro tipo possível de moradia, principalmente, nos primeiros meses de as sentamento, enquanto não se definem as condições de reprodu ção

A casa de parentes ou de pessoas amigas da família é outra forma apontada como primeira residência na capital, embora transitória. Nela, o migrante pode morar algum tempo, "enquanto ajeita a vida". No caso em que venha a permanecer por mais tempo, define-se sua participação como "agregado" nas despesas do grupo familiar.

Considere-se ainda que alguns trabalhadores vieram de cidades circunvizinhas para a indústria de cimento na Ilha do Bispo. Isso faz com que surja oportunidade de procurar casa (com a gerência da empresa) antes mesmo de trazer a família para morar nesta cidade. Ou seja, a ida para a Ilha do Bispo está quase sempre diretamente vinculada ao emprego na fábrica.

4.3. INSERÇÃO NO URBANO: RECOMPONDO ITINERÁRIOS E DIFERENCIAÇÃO DE CLASSE

A inserção da força de trabalho no mercado de trabalho em países ditos "subdesenvolvidos" é marcada pela heterogeneidade, transitoriedade, bem como pela simultaneidade / complementariedade e/ou substituição/alternância no que se refere às diferentes atividades exercidas.

No caso de áreas caracterizadas pela não extensiva industrialização - urbanização, os traços supramencionados aparecem com maior intensidade.

Uma das vias de se estudar essa inserção é a identificação de trajetórias ocupacionais que revelam o grau de transitoriedade da forma como o trabalhador está incorporado ao mercado de trabalho e às diversas atividades por ele exercidas em diferentes momentos, o que, ao mesmo tempo, é a expressão do nível de mobilidade do trabalho.

Por outro lado, em diferentes níveis, há aspectos, tais como - qualificação exigida para o ingresso, segurança, reconhecimento e legalização, salário ou ganho suficiente para cobrir o valor de reprodução da força de trabalho, estabilidade ou possibilidade de permanência, duração - sob as quais são desempenhadas as inúmeras atividades. São tais circunstâncias que favorecem um menor ou maior grau de mobilidade, do mesmo modo que criam as próprias condições que vão definir como se dará a reprodução do indivíduo trabalhador e de sua família.

Isto posto, passa a fazer sentido a reconstituição e análise das trajetórias ocupacionais de trabalhadores da Ilha

do Bispo e da favela Miramar, áreas desta cidade selecionadas para o estudo.

Procurou-se considerar, em cada uma delas, trabalhadores desenvolvendo atividades econômicas diversas ou, ainda, quando na mesma ocupação (o caso de trabalhadores da indústria de cimento, aqueles da construção civil, etc.) que estivessem em diferentes postos ou situações, tentando-se atingir, nos vários momentos de seu percurso, o que existe, no essencial, de comum e de específico.

Nessa perspectiva, em cada trajetória, em cada ocupação e em cada conjunto de trabalhadores que exerciam uma mesma atividade, levou-se mais em conta o que prevalecia: se a venda da força de trabalho ou a busca direta e isolada, às vezes aparentemente "autônoma", de obter o valor correspondente aos custos de reprodução da força de trabalho, no que diz respeito, sobretudo, à questão da moradia.

Cabe salientar, para melhor entendimento, que não houve preocupação em guardar uma unidade de tratamento. Mesmo porque a complexidade das situações - sucessivas entradas e saídas, mudanças de atividades, etc. - não permitiam. Assim, algumas trajetórias foram reconstruídas em todo o seu itinerário (ingresso, qualificação exigida, estabilidade apresentada, nível salarial, etc.). Outras foram analisadas enquanto "momento" ou "passagem" de uma para outra ocupação. Por outro lado, a questão do salário ou ganhos aparece explicitada apenas em termos de insuficiência e precaridade em relação às condições de reprodução, vez que, antes mesmo de dizer qual a renda familiar, resumiam-na assim: "o que se ganha não dá para viver". Em geral, esta não chegava a ultrapassar dois salários.

a) Assalariamento em empresa: garantia de estabilidade?

A presença da fábrica de cimento (atual CIMEPAR) na Ilha do Bispo, emergindo como ponto comum de referência das entradas e saídas no salariado em um determinado momento da vida dos trabalhadores selecionados, apresentou-se como o meio para a reconstituição de seus itinerários: dos dezesseis entrevis-tados, treze declararam ser ou ter sido trabalhador da indústria de cimento.

A partir daí, três momentos foram considerados: um anterior, outro que se passa durante sua permanência na indústria, no processo de trabalho, e o terceiro, já fora, em outras ocupações.

As atividades econômicas exercidas anteriormente ao emprego na CIMEPAR não ocorreram sempre nesta cidade, considerando-se que a maior parte veio de outras localidades. Alguns não se mudaram diretamente para João Pessoa, tendo se fixado, durante certo tempo, em áreas urbanas circunvizinhas, tais como, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo; ou eram daí originários. Apenas dois vieram diretamente da zona rural, o que distingue tal migração daquela por etapa.

A data da primeira ocupação não apresenta um limite mínimo de idade; alguns declararam ter começado aos doze, aos quinze anos ou simplesmente "muito cedo"; o tipo de atividade também se mostrou diversificado: desde o trabalho com os pais, na agricultura ou na cidade, em pequenos serviços, ou ainda no comércio.

... "e eu me criei aqui (Ilha do Bispo) vivia na marê,

pescando com meu pai"... (E.P.S.).

..."O primeiro emprego foi de capotaria (estofamento de carro), na Gameleira, onde fica a rodoviária. Era menor, na faixa de quinze anos"... (G.M.S.).

... "Comecei a trabalhar com 12 anos e, até os 19 anos, trabalhei como ambulante"... (H.V.F.).

Em geral, observa-se que a descontinuidade (alternância do trabalho assalariado com outro "por contra própria" ou vice-versa), a simultaneidade (associação do trabalho assalariado com a pequena produção mercantil urbana, de bens e serviços, como autônomo) são características comuns estruturantes das trajetórias ocupacionais de todos os entrevistados. Por sua vez, essa situação gera, para o trabalhador, uma instabilidade que se reflete nas formas de reprodução, face à insuficiência ou até inexistência, ainda que temporária, de salário.

Um exemplo bastante ilustrativo de trajetória descontínua, em que se alternam momentos de assalariamento e outros de ruptura, é o seguinte

... "Até os 19 anos trabalhei como vendedor ambulante. Com 20 anos fui "fichado" pela FRIPESCAL (Frigorífico de Pesca). Era ajudante de carpinteiro naval. Fabricação de barcos. Passei de 06.04.72 a 30.12.72. Saí por que fechou. A Companhia, por lei, parou. Depois, fui para a ECISA (Engenharia Comércio e Indústria S/A). Passei de 16.02.73 a 04.03.73. Não deu pra mim. Depois, fui trabalhar na Cabedelo Industrial (ajudante de moinho),

de 02.05.73 a 16.01.74. Não dava. Ganhava pouco e o trabalho consistia em pesar farinha. Resolvi ir para o Rio de Janeiro. Pedi as contas. No Rio, trabalhei em diversos lugares. Do Rio, vim para Recife. E, de Recife, para João Pessoa. Vim trabalhar na CIMEPAR, de 22.04.81 até hoje ..." (H.V.F.)

É possível afirmar que, na fase anterior à chegada nesta cidade, ou seja, estabelecendo-se uma divisão e considerando o ciclo de vida produtivo adulto a partir de sua vinda para cá, o primeiro emprego registrado para a grande maioria dos entrevistados foi naquela indústria de cimento. Pode-se inferir que a forte atração exercida pela indústria esteja associada às condições gerais de reprodução que a Ilha oferece (ou oferece) com o trabalho, com possibilidade de garantir moradia, aspecto básico no estabelecimento de outras relações da vida social, como casamento e constituição de família.

As declarações dos entrevistados sobre "como arranjou o emprego" apontam vários canais utilizados com tal objetivo:

a) redes de parentesco:

... "eu tinha irmão que trabalhava na fábrica. Ele saiu e falou com os empregadores para eu trabalhar lá ..." (J.F.S.)

... "eu estava precisando (do emprego) e falei com ele (um dos diretores da indústria) através de um cunhado que trabalhava lá. Aí, ele saiu e eu fiquei..." (A.P.S.).

b) através de "conhecidos" ou de relações inter-pessoais:

...."Arranjei o emprego através de um amigo que conheci em Recife..." (H.V.F.)

E.I. - "... Eu vim de Natal-Rio Grande do Norte, porque eu deixei o grupo Santista e minha área é a área de manutenção mecânica. E, então, eu fui convidado pelo gerente e aqui estou até hoje.

P. - E o senhor conhecia o gerente?

E.I. - Conhecia, porque o gerente geral era gerente no grupo onde eu trabalhei. Ele saiu primeiro. Entrou no grupo que aqui era o grupo Matarazzo. Então, ele me fez o convite. Transferiu-se primeiro e em seguida me convidou"... (A.B.)

P. - Como foi que surgiu o emprego na CIMEPAR?

E.II - Eu já tinha trabalhado no grupo, né? A CIMEPAR hoje pertence ao grupo BRENNAND.

P. - Sei ...

E.II - Em 73 a 81 eu tinha trabalhado em São Miguel dos Campos, na fábrica de cimento ATOL que é do grupo BRENNAND. Trabalhei 5 anos e nessa época a CIMEPAR pertencia ao grupo MATARAZZO. (...) Então, o grupo BRENNAND comprou. Então, eu estou desligado do grupo há uns 5 anos, né? A minha ligação, o contato que eu tive, foi em função de uma coisa que já existia, né? Eu já tinha um certo relacionamento com o grupo. Eu já

trabalhei cinco anos com eles. A ponte foi essa..."(M.)

As duas últimas declarações ainda apontam para a existência de uma mão-de-obra qualificada que se desloca no interior da própria Região. Ao mesmo tempo em que comprova uma mudança no direcionamento desses fluxos, antes voltados para a Região Centro-Sul do país, essa tendência revela a constituição de uma "bacia de mão-de-obra" regional que circula entre empresas de um mesmo ou de diferentes ramos de atividade nos vários Estados do Nordeste. Isso não se aplica a todos os trabalhadores, devido à desqualificação da maioria.

c) através de avisos na porta da fábrica

P. - Quem arranjou o emprego para o Senhor?

E. - Foi ninguém não. Eu tinha uns colegas aqui na Ilha; em 73, arrumei uns colegas aqui sabe? Aí, sempre eu vinha pra cá. Aí, foi no período que eu saí de lá... Parece que foi em abril de 1975 ... aí, eu vim pra casa de umas colegas de dia, aí, quando eu vinha aqui por dentro ... Aqui, quando eu passei na frente da fábrica, aí, tinha uma placa "precisa-se de servente", um bocado ... de mecânico, de eletricista ... aí peguei ... fazia uns dois meses que eu estava parado, desempregado; aí, eu fui lá ... (A.)

... "Estavam chamando pessoal lá ... eu vi uma placa. Um vizinho meu também foi trabalhar lá e me chamou: vamos lá? E eu disse: vamos ... fui lá e ... e consegui..." (F.C.L.)

Com isso, não se pretende negar que a natureza capita lista esteja presente e comande o processo de recrutamento e seleção da força de trabalho que lhe é necessária. Pelo contrá rio, é uma estratégia do capital. Há que se levar em conta que, nes ses casos, redes informais foram utilizadas, porque o assalaria mento enquanto relação contratual, metaforicamente definida co mo venda por uma pessoa do uso de sua força de trabalho a uma outra, é uma abstração.

Aliás, esses exemplos não esgotam as vias de acesso ao emprego industrial, ao mesmo tempo em que respondem por uma lô gica de barateamento de seus custos, dispensando anúncios atra vés dos meios de comunicação, busca em locais que reúnem traba lhadores, como rodoviárias e outros.

Nesse sentido, é a partir de situações reais que se po de verificar, atrás da aparência, que a relação de trabalho, a ca da momento, é objeto de negociações particulares, retornando a determinações econômicas, sociais e culturais múltiplas com as quais os capitalistas internacionais e locais compõem, volunta riamente ou compulsoriamente AGIER (1986) e LAUTIER, (1986).

Observa-se que o início do trabalho na fábrica, para a maior parte dos entrevistados, não pareceu revelar exigência de qualificação e, desse modo, foi, no próprio processo de traba lho, que as competências foram sendo adquiridas:

... "Entrei como auxiliar de serviço. Fazia serviço de limpeza. Passei seis meses. Com seis meses, fui promovi do a auxiliar de moinho de pasta. Tinha um buraco onde ficava o silo com o material. Catucava para o material des cer. Passei três meses. Depois, fui para outra clas sificação: ajudante de balança do forno III. Observa

va o movimento. Quando tinha muita pressão, muita poeira, batia as camisas do filtro. Passei um ano e seis meses . Fui para auxiliar de forneiro. Tem muitas tarefas: arrear as câmaras de resfriamento depois de meia hora, através de botões. Nesse intervalo, fico observando o movimento. Até hoje..." (G.M.S.)

... "Fui trabalhar de servente de limpeza. Trabalhei seis meses. Depois, passei para agente de forneiro. Fazia limpeza das máquinas. Daí, fui para o laboratório. Fui trabalhar como ajudante de tinturador; pegava as amostras de cimento, de pedra calcária e argila para analisar. Passei quatro anos. Agora sou tinturador, faz seis anos..." (I.F.S.)

Uma vez admitidos, eles aguardam ou mesmo solicitam promoções para outros cargos, semi-qualificados, dentro de um intervalo em torno de seis meses a dois anos. Depois, parecem não apresentar mais expectativa de mudança. Alguns declararam estar no atual posto de trabalho há mais de seis anos.

Aqueles que já dispunham de certa qualificação, adquirida em cursos ou através de prática ou de conhecimentos especializados de processos de produção, em empregos industriais anteriores, sendo admitidos, também passam por vários postos de trabalho, através dos quais vão adquirindo uma visão das diversas atividades que depois chegam a controlar.

... "Eu comecei como auxiliar de produção, depois, passei para ajudante de operador, depois, passei para operador do moinho, depois, passei para operador do moinho

grande, este que eu trabalho hoje ..." (F.C.L.)

De fato, não se pode, com esses poucos exemplos, ter a pretensão de extrair conclusões irrefutáveis. Mesmo porque, em cada fábrica, há caminhos próprios de promoção, estratégias específicas, podendo-se, assim, admitir a eventualidade de que um operário não qualificado possa ascender a um teto de qualificado, através de promoções periódicas, de cursos, etc. No entanto, não sendo isso uma necessidade do processo de produção, as linhas de promoção, no mais das vezes, são consideradas meio de reduzir pressões em torno de aumento salarial, de dividir a força de trabalho ou ainda de manter, na fábrica, antigos trabalhadores. Pode-se ainda acrescentar que essa divisão da força de trabalho concorre para a seleção de trabalhadores "gratos" ao patronato, o que politicamente cria entraves ao avanço do movimento sindical.

De um modo geral, poder-se-ia considerar a trajetória desses assalariados como ascendente, tendo em vista alguns aspectos: possibilidade de aquisição de competências, de qualificação, portanto, de progressão no processo de trabalho; "garantias" legais conferidas pelo contrato de trabalho, extensivas à família; defesa de direitos através da legislação sindical; reconhecimento social da condição de assalariado, o que pode garantir o acesso ao consumo de alguns bens duráveis.

No entanto, a heterogeneidade da estrutura produtiva industrial, consequência do desenvolvimento da indústria moderna, produzindo uma diferenciação interna entre esses trabalhadores, seja do ponto de vista das condições de trabalho, das formas de qualificação ou de níveis salariais, pode não ter o mesmo significado para todos.

Os altos salários estão afetos àqueles trabalhadores qualificados que ocupam posições de comando dentro de uma hierarquia técnica na empresa, como o caso dos supervisores de manutenção entrevistados.

Dentre os que atualmente se encontram trabalhando na CIMEPAR ou, mais precisamente, dos nove entrevistados, tais que, dois técnicos de manutenção (um da parte mecânica, outro da elétrica), um lubrificador de máquina, um cabo de fogo, um operador da ponte rolante, um operador de máquina (do moinho), um auxiliar de forneiro, um tinturador de laboratório e um mecânico de manutenção, os salários apresentaram uma variação de um pouco mais de um salário e meio até em torno de vinte salários, à época, o que vai se refletir nos diferentes modos de vida nas diferentes formas de acesso ao consumo.

O fato de ter a indústria cimenteira como referência para a análise das trajetórias de trabalhadores em diferentes ocupações no mercado de trabalho urbano fez com que se agregassem aos que atualmente ocupam postos no interior daquela firma alguns que, após a saída, se encontram exercendo outras atividades. Isso pôde ser feito, considerando-se que as trajetórias desses últimos guardam as características dos demais e foram conjuntamente analisadas no que respeita à descontinuidade das entradas e saídas no mercado de trabalho, as condições de acesso ao emprego, a ausência de qualificação, etc.

Primeiramente, chama a atenção que a dispensa do emprego não ocorreu ao completar o tempo de serviço estipulado em lei. Os motivos da rescisão do contrato estiveram ligados a: proposta de acordo inaceitável pelo trabalhador (fase anterior à criação do F.G.T.S.), a fim de negar-lhe a estabilidade (ia

completar 10 anos de trabalho na firma); invalidez (conseqüência das condições de trabalho); insubordinação à ordem hierárquica, quanto ao cumprimento de tarefas tidas pelo trabalhador como acima de suas capacidades físicas.

Em segundo lugar, vale destacar que a saída do assalariamento capitalista sucederam: o trabalho "por conta própria" - dois retornaram à condição de pescador, atividade da qual nunca se afastaram completamente; um terceiro, a partir da competência adquirida no emprego industrial, trabalha na prestação de serviços - consertos de aparelhos eletrodomésticos. Um quarto desenvolve funções no setor governamental, emprego adquirido através da prática clientelística.

Outro ponto a salientar é que esses trabalhadores acima mencionados também declararam que eram aposentados, desenvolvendo essas atividades por conta da insuficiência do que percebiam para manutenção sua e da família.

A conciliação da aposentadoria com nova ocupação (às vezes até mais de uma) remete às débeis condições em que vivem esses trabalhadores os quais, mesmo com o encerramento do seu ciclo produtivo de vida, não têm assegurados os meios de subsistência, o que os obriga a buscar, no trabalho "autônomo", formas de complementar sua reprodução.

b) Construção Civil: passagem ou permanência?

Embora para alguns dos ajudantes de pedreiro e pedreiros entrevistados, sobretudo migrantes, a construção civil tenha representado a "porta de entrada" no mercado de trabalho urbano, como passagem para futuras ocupações, ela pôde também assumir um caráter permanente para outros.

Essa última afirmativa não deve ser confundida ou traduzida como sinônimo de estabilidade e de segurança. Em qualquer das duas situações a que se fez referência, não se modifica a natureza pelo qual é reconhecido o trabalho na construção civil, ou seja, como sendo extremamente instável e precário.

A complexidade que envolve todo o processo de efetivação de uma obra, passando por suas diversas fases - fundações, estrutura, vedação e acabamento - requer um conjunto de trabalhadores igualmente complexo: desde aqueles sem nenhuma experiência ou qualificação, até os especializados em determinados serviços (eletricistas, encanadores, pintores, etc), o que determina evidentemente uma constante entrada e saída de trabalhadores, de acordo com as exigências do plano geral de construção de uma obra em cada uma de suas fases.

Essa dinâmica favorece múltiplas estratégias utilizadas pelas firmas empregadoras, no sentido de procurar diminuir suas responsabilidades, em termos de despesas com encargos sociais, o que contribui para uma maior precarização desse tipo de emprego. As práticas adotadas vão desde as admissões temporárias, adiamento de assinatura de contrato ou ainda subcontratação de outras firmas que se encarregam de determinados servi

ços, sobretudo, na fase de acabamento.

... "na Universidade, já trabalhei umas quatro vezes, alternando de três em três meses. Terminava o contrato era despedido e recontratado. Assim, já trabalhei mais de dois anos sem documentos. Eles pagam com o dinheiro de verbas. Quando termina a verba, tiram o pessoal" ... (F.C.M.)

O acesso ao emprego na Construção Civil também não obedece a regras formais, podendo ocorrer: a) por iniciativa do próprio trabalhador que procura na cidade aqueles locais onde a realização de obras pressupõe a demanda a ser preenchida; b) ainda, através de amigos, conhecidos (de quem procura ou de quem oferta trabalho); c) por iniciativa da empresa que coloca avisos nos canteiros de obras; d) finalmente, através de organismos oficiais (no caso do Sistema Nacional do Emprego - SINE - que divulga, através da imprensa, as necessidades de mão-de-obra, especializada e requerida, tanto pelo lado da empresa quanto pelo do trabalhador) ou de seitas religiosas (protestantes-adventistas, por exemplo). Dentre os entrevistados, a prática mais comum foi a procura do emprego pelo próprio interessado.

"... arranjo emprego me apresentando nas construções. Eu fazia trabalho braçal: carregava massa, tijolo. Não era fixo, nem tinha carteira assinada. No máximo, trabalhava quatro meses..." (A.A.F.)

"... eu mesmo arranjei o primeiro emprego em construção. Saí procurando, não foi difícil não..." (M.J.S.)

A não exigência de uma qualificação prévia para seu exercício faz com que seja, no campo de trabalho, que se estabeleça a intimidade com um saber e este pode tomar vários direcionamentos no vasto setor da construção; seu reconhecimento pode ocorrer algum tempo depois pelo "fichamento" em carteira de trabalho, como costumam se referir, quando da existência de uma situação profissional definida. Isso também pode assegurar vantagens, como os casos de preferência do contratante por alguém que exhibe referências.

Em geral, é, na condição de ajudante de pedreiro, que se inicia sua trajetória ocupacional para depois ascender a outras posições. No entanto, é possível que, para alguns, isso não aconteça, permanecendo o trabalhador sempre na mesma posição:

"... Não, nunca encontrei classificação; eu já fiz diversos serviços, às vezes, um assentamento de tijolo, fazia um piso, mas, realmente, não tem classificação na minha carteira. Sou servente"... (S.F.B.)

O fato de ser o setor da construção civil uma alternativa de trabalho permanente para certos trabalhadores também está associado à aprendizagem adquirida no exercício da profissão, o que lhes permite desenvolver essa atividade como "autônomo". Assim, arranja serviço através de cadeias de conhecimento que se formam entre companheiros de trabalho ou de clientela com a qual passa a desenvolver laços que guardam uma certa permanência.

"... eu sempre sô trabalho em particular, não sabe? Nunca trabalhei em firma, não. Até hoje, desde 1957.

Às vezes, eu contrato um serviço. Às vezes, eu tenho uns amigos no serviço também, aí, a gente trabalha um mês, dois, para, de novo, né e assim ... Mas em firma mesmo, eu nunca procurei um serviço não, porque ninguém ganha que dê prá viver, né?... (P.S.)

Vale ainda enumerar, como outro fator condicionante de permanência na ocupação, o baixo nível de escolaridade, o que dificulta o acesso a outros postos de trabalho. Aqueles que se mantêm na profissão declaram ter apenas o 1º grau incompleto.

"... estudei uns três anos, mas não aprendi nada. Não consegui de jeito nenhum. No tempo que eu trabalhava no interior, o serviço era trabalhar na enxada; aí, não dava condições de trabalhar ou de estudar, né? Depois, eu vim para João Pessoa, aí, eu fui para a escola. Aí, eu passei uns três anos na escola, mas não teve jeito, não. Sô sei mesmo fazer o nome, somente. Não teve jeito de aprender nada. Não sei porque. Porque vontade eu tinha demais. Mas, não consegui nada"... (P.S.)

Do total de seis entrevistados que iniciaram suas trajetórias pela construção civil, quatro ainda permanecem nesta atividade. Desses, um é aposentado.

Todos eles também declararam o exercício de uma segunda atividade, como forma de complementar sua reprodução, enquanto indivíduo trabalhador. Algumas, de caráter efêmero, temporal, realizadas durante os períodos em que se encontravam "parados"; outras, tomam uma forma mais regular: um ajudante de pedreiro dedicava-se à pesca (mais para o consumo); um segundo

cuja atividade anterior à vinda para João Pessoa era a de trabalhador na agricultura ainda mantém essa atividade.

..."A gente vai prã casa da mãe dela no interior (...)
Eu sempre gosto de trabalhar também na roça, sabe?
(...) Planto feijão, planto milho, planto roça, nê?
A gente chama roça, nê? ..." (P. S.)

Também, nesse caso, o objetivo não é a venda do produto, mas, simplesmente, o consumo familiar. Não se configura uma relação de troca, mas de produção de valores de uso para o consumo.

"... não vendo nada, sô pra casa. (...) Tem a família da gente que precisa, aí a gente ajuda, nê? Porque tudo tem que partir. (...) E a gente tem que ajudar, quando pode"... (P. S.)

Ainda foi encontrada situação de pedreiro que combina essa atividade com o pequeno comércio, em casa.

"... chego a passar até seis meses sem pegar um serviço: aí, quando estou "parado" faço serviço em casa. Tenho uma "barraca". Vendo cachaça, açúcar, bombons, café, etc."... (F.C.M.)

Também o trabalhador da construção civil que é aposentado, tem uma segunda atividade como catador de lixo.

"... eu sou aposentado, minha aposentadoria não dá prã viver. Então eu tenho que "me virar". Saio de quatro horas da manhã, chego de 7. Quando chego tenho meu 1/2 quilo de galinha prã eu comer mais meus filhos.(...)

apanho papel, lata, vidro, alumínio, o que eu encontro dentro do lixo"... (M.).

As freqüentes mudanças de emprego na construção civil também incluem deslocamentos para outros Estados, sobretudo, para os da região Centro-Sul onde vão desenvolver idênticas atividades.

..."trabalhava mais meu irmão. Ele cortava rama e eu ajudava ele a carregar; nesse tempo, eu era pequenininho, ele cortava rama, carregava o animal e chegava na cocheira, descarregava e eu ajudava ele. (...) Fiquei assim até ... numa faixa de 15 anos. Aí, depois, eu me dirigi a trabalhar em construção. Trabalhei em Maceió, trabalhei no Rio de Janeiro, fui para São Paulo. Passei um ano. Em 72, eu estava em São Paulo. Aí, cheguei aqui em 73 e não fui mais para São Paulo. Fiquei por aqui, trabalhando em construção."

Aqueles que deixaram o setor de construção civil, dois dos entrevistados, um ingressou no setor governamental como "varredor de rua", outro é "vendedor de sorvete".

..."eu saí (da construção civil) porque achei que dava melhor aqui (como vendedor de sorvete). Porque eu trabalhava em diversas construções, nada arranjava; eu não tinha condição de trabalhar de servente, lá dependia de salário, né? Então, eu passei a trabalhar por

minha conta. Certo que não é bom; tem dias que a gente ganha, dias que não ganha... (S.F.B.)

..."passei uns quatro meses sem trabalhar, até que arranjei o emprego na prefeitura. Quem arranhou foi um conhecido meu que é da prefeitura que conhecia o apontador..." (M.J.S.).

Os aspectos tratados com relação aos trabalhadores da construção civil entrevistados permitem distinguir dois tipos de trajetória : uma que se identifica com uma relativa continuidade na ocupação e cuja qualificação adquirida permite lhes sempre arranjar emprego (embora este se alterne com períodos em que fica sem trabalho). Resta ainda aqueles que, não conseguindo "classificação", se defrontam com menores chances de trabalho neste setor.

No primeiro caso, mesmo tendo que recorrer a uma outra atividade complementar, observou-se que as saídas para ocupações diferentes foram poucas e por curtos períodos. Um dos entrevistados declarou ter trabalhado apenas na construção.

Dentre os que deixaram este setor, um afirmou ter procurado e exercido, entre uma entrada e outra na construção, diversos tipos de atividade.

c) Trabalho Doméstico: instabilidade, precariedade e dominação

O trabalho doméstico remunerado surge para as entrevistadas como a primeira forma de inserção nesta cidade. Nessa ocupação, predominantemente feminina, ainda que isto esteja associado a padrões culturais, a empregada substitui, seja parcialmente ou em sua totalidade, a dona de casa, nos serviços que lhe são socialmente atribuídos, segundo a divisão sexual do trabalho, tais como, preparação de alimentos, arrumação da casa, lavagem de roupa, cuidado com as crianças e velhos, etc. E é, desse modo, na condição de empregada doméstica em casas de família, que se inicia sua trajetória ocupacional, o que não invalida a possibilidade de que algumas mulheres comecem a trabalhar fora de casa precocemente, mesmo sem remuneração.

..."Comecei a trabalhar com meus 11 anos (...) perto do Hospital Santa Isabel, na casa de D^a Djanira (...) com 11 anos, tomava conta de um nenem ..." (M.H.)

O recrutamento é feito muitas vezes no próprio local de origem, pela intermediação de parentes ou pessoas conhecidas de uma das partes (patroa ou empregada); e, entre essas, vão se estabelecendo relações sociais de trabalho. Isso é verdadeiro, porque, embora a responsabilidade pelo pagamento mensal seja atribuído socialmente ao homem - chefe de família, é a mulher, dona de casa, que transmite e cobra da empregada o cumprimento de determinadas tarefas.

O acesso a esse tipo de ocupação não requer, em princípio, qualquer grau de escolarização ou de qualificação, tendo as entrevistadas declarado-se analfabetas. Quanto à aprendizagem

gem do ofício, esta pode ocorrer inicialmente no próprio exercí-
cio da atividade, sob a orientação da "patroa". O salário é
atribuído arbitrariamente: todas afirmaram perceber abaixo do
salário mínimo à época.

Para complementar o contexto de precariedade do traba-
lho doméstico remunerado, do ponto de vista da legislação tra-
balhista, essas mulheres dispunham apenas de proteção par-
cial, regulamentada pela Lei Nº 5.859, de 11.12.1972, e pelo
Decreto Nº 71.885, de 09.09.1973. (13)

Vale salientar que nem mesmo o mínimo exigido anterior-
mente por Lei era cumprido para com a maioria das mulheres que
trabalhavam como empregada doméstica.

... "Não, ainda não assinaram minha carteira. Assinaram, de-
pois disseram que não ... que atrasou tudo, que tava
um ano muito ruim, não podiam pagar. Que compraram um
apartamento, depois a gente ia acertar e assim eu
vou ... mas ela é muito boa para mim, seu João também,
então, eu vou levando"...(M.H.)

... "apenas uma vez trabalhei com carteira assinada. Foi
na casa de uma argentina. Saí, porque ela foi embora pa-
ra o seu país. Trabalhei, mais ou menos dois anos e
dois meses"... (M.J.S.)

(13) Apenas recentemente, com a nova Constituição, promulgada em outubro de
1988, é que se ampliaram os direitos desses trabalhadores, estando ain-
da em fase de regulamentação.

Esses fatores, associados à questão da ausência de limite de horas de serviço - sobretudo no caso da empregada doméstica residir no local de trabalho, agem no sentido de facilitar ao empregador o exercício de um total controle e dominação sobre a vida pessoal e sobre as condições de reprodução imediata, de sua empregada.

A primeira entrada como empregada doméstica no mercado de trabalho urbano não assume necessariamente caráter definitivo, o que igualmente pode estar ligado às condições de trabalho a que estão submetidas, bem como ao fato de terem deixado no interior parentes próximos:

... "vim com uma família que morava em João Pessoa. Fui para a rua das Trincheiras, no centro. Trabalhei um ano. Saí, porque pedi aumento e não deram. Voltei para o interior. Passei mais ou menos um ano na casa de meus pais e depois voltei"... (M.J.S.)

..."a patroa não deixava eu sair à noite. Eu tinha vinte anos, queria sair à noite. Por isso, deixei o emprego. Adoeci de impaludismo. Fui para o interior, doente. Quando fiquei boa, voltei"... (M.A.)

O móvel do segundo deslocamento espacial para a "cidade grande", em busca de trabalho, é sempre a necessidade de ampliar os níveis de remuneração do grupo familiar cuja reprodução no campo atinge limites mínimos de subsistência.

Nesse sentido, o retorno à cidade e ao mercado de trabalho, ainda na condição de empregada doméstica, é permanente e sua trajetória vai ocorrer no próprio circuito interno que abrange essa ocupação. Melhor explicitando: nesse tipo de tra

balho, o que se verifica é a mudança de uma certa atividade pa
ra outra: de empregada doméstica que faz todo o serviço da ca
sa (limpa, cozinha, passa roupa, etc.) para a execução de ape
nas uma dessas tarefas, na condição de faxineira ou de lavadei
ra/engomadeira, babá, etc. Nesse processo, ela não ascendeu,
podendo o parcelamento de atividades significar até redução de salário.

Essas mudanças aparecem em geral associadas a distin
tas fases da vida da mulher. O casamento, por exemplo, represen
ta o momento de ruptura com o trabalho doméstico remunerado. A
partir desse evento, a mulher passa a assumir as tarefas de
"dona" e encarregada dos afazeres domésticos de sua própria
casa, sendo tais funções apontadas como mediadoras entre a aqui
sição, e o consumo, através da transformação de mercadorias ne
cessárias à sobrevivência do grupo familiar.

Para tanto, é feito, em geral, intuitiva e automática
mente, o cálculo, segundo o qual, a produção doméstica de bens e
serviços, até então, sairia muito mais valorizável do que a bai
xa remuneração obtida com seu trabalho no mercado, não podendo,
conseqüentemente, optar por este último:

... "arranjei um casamento, aí fui para minha casa.

A gente morava antes em casa alugada. Depois, quando
ele (o companheiro) arranjava uma cocheira para traba
lhar, a gente ia morar nas granjas. Eu acompanhava. Mo
rei na Franca Filho, em Manaíra, depois, no bairro Expe
dicionários, depois, em Tambaú. Depois, ele foi ficando ruim
prá mim e tive que me separar (...) aí fui trabalhar
lavando "trouxinha" de roupa. Mas chegava a passar fo
me com as crianças"... (M.A.)

... "não trabalhei não. Quando eu vivi com ele não trabalhei não. Trabalhei depois que nós se separou" ...
(M.H.)

... "saí do emprego porque casei. Fui de novo para o interior. O rapaz era de lã. Fiquei 7 anos. Depois a gente se separou e mais uma vez vim para João Pessoa. Lã não tinha trabalho"... (M.J.S.)

Durante o período em que a mulher permanece envolvida no trabalho doméstico, não reconhecido economicamente como produtivo, é pelo seu silêncio e através da voz do companheiro, conforme ela expressa nos depoimentos, que suas trajetórias de vida no campo do trabalho e da moradia, serão decididas e estruturadas. Nesse processo, está embutida a dependência da mulher, primeiramente aos pais, em seguida, às "patroas", e, finalmente, ao marido.

Sua reintegração ao trabalho remunerado só se dá na maioria das vezes, depois que os filhos atingem uma certa idade. E, nessa nova fase, assumindo parcialmente as tarefas do trabalho doméstico remunerado, ou seja, na condição de cozinheira ou faxineira ou lavadeira/engomadeira, ela vai tentar conciliar suas atividades em casa com o trabalho fora do lar.

Para que isso aconteça, no âmbito familiar, as tarefas são distribuídas entre os outros membros dependentes, principalmente os do sexo feminino.

Desse modo, substituindo a mãe nas tarefas domésticas, ou seja, através da aquisição de competências para o trabalho, da socialização das filhas na família, elas são preparadas para ser "mulher".

O novo ingresso da mulher no mercado de trabalho pode ter o sentido de complementar a "renda" ou mesmo de servir para a própria manutenção e subsistência do grupo familiar. Nesse último caso, os motivos estão afetos, na maioria das vezes, à separação do casal (conforme declarações das entrevistadas) morte ou invalidez do cônjuge.

Ainda nessa ocasião, a mulher trabalhadora também busca exercer uma ocupação remunerada em locais próximos a sua casa. A exceção de apenas uma das entrevistadas que se encontrava temporariamente sem trabalhar - "encostada" - as demais exerciam suas atividades como empregada doméstica, cozinheira ou lavadeira/engomadeira no mesmo bairro, ou seja, o de Miramar ou em outro circunvizinho, o de Tambaú, o que significa diminuir custos de reprodução, por eliminar despesas com transporte:

Nesse tipo de ocupação, encontram-se plenamente presentes tanto a instabilidade quanto a precariedade, exercendo-se sobre o trabalhador, uma completa exploração e dominação, sob forma, seja de extensão da jornada de trabalho, baixa remuneração, etc. Ao mesmo tempo, as trajetórias desses trabalhadores são caracterizadas por uma freqüente mudança de emprego, podendo-se mesmo inferir que, apesar das competências adquiridas ao longo de seu desempenho, isso não lhes assegura nem estabilidade nem promoção na carreira. Donde se pode concluir que se trata de uma ocupação que não apresenta perspectiva de mobilidade social ou profissional.

d) Detentor de Ofício: condição de estabilidade

Há casos em que se mesclam, a partir de determinado instante da trajetória ocupacional, quase sempre com certa constância, diferentes formas de inserção - assalariamento e ou atividades "autônomas" - e situações de produção - micro-unidades próprias - em torno da manutenção de um mesmo ofício.

Auto-denominados de "artesãos", a preparação para o exercício dessa profissão pode ocorrer através de cursos profissionalizantes ou, na prática, freqüentando, como aprendiz, um local onde tal atividade é realizada.

"... depois que terminei o primário, fui para a Escola Industrial. Naquela época, era Escola de Aprendiz de Artífice ... Era curso profissionalizante. Lá, passei sete anos e concluí o curso em marcenaria e desenho técnico-industrial"... (L.D.A.)

"... em idade de 14 anos, eu trabalhava no Quartel da Polícia Militar, como aprendiz de marceneiro, na carpintaria do Quartel"... (J.C.L.)

Historicamente, na passagem do feudalismo para o capitalismo, para a formação do artesão só havia um caminho que era o da oficina do mestre artesão, ali mesmo, onde passava a exercer a profissão.

Nos casos aqui analisados, o início de suas trajetórias está associado à execução de pequenos serviços para firmas. Nelas, foram trabalhar depois, como assalariados, ou, ainda, pa

ra pessoas relacionadas com o lugar onde aprendeu o ofício.

Daí, passam a exercer a atividade para a qual já se encontravam preparados pela qualificação e experiência adquiridas em firmas e/ou em suas oficinas.

A competência - obtida através de curso profissionalizante e/ou estágio de aprendiz - associada ao longo período de prática - favorece a esse tipo de trabalhador a possibilidade de tornar concreta tal situação.

A própria permanência nas firmas, marcadamente duradoura, pode estar associada ao reconhecimento da profissão e da competência profissional daquele "artesão".

..."depois que saí do exército, aí, comecei a trabalhar regularmente. Trabalhei 27 anos sô em uma firma. Depois, a firma não pode continuar, situação financeira ... eu passei para outra"... (L.D.A.)

Mesmo assim, esta não é regra irrefutável, registrando-se casos em que a trajetória do "artesão" inclui mudanças de firmas, até mesmo o trabalho na própria oficina.

No que se refere ao "artesão" assalariado, relativamente a diferentes ocupações exercidas por outros entrevistados, o salário percebido faz com que também prevaleça a necessidade de exercer sua "arte" em diferentes instâncias. Isso geralmente sô ocorre como resultado da insuficiência do que recebem inseridos no mercado sob uma dessas formas.

Convém ressaltar que estes trabalhadores guardam, como característica comum, o fato de manterem o vínculo permanente com a ocupação, bem como com a freguesia.

"... eu tenho muitos fregueses ... e eles me procuram muito ... eu conquistei a simpatia desse pessoal, desde faz uns quinze a vinte anos ... São fregueses que me conhecem das firmas que trabalhei"... (L.D.A.)

As trajetórias desses apresentam, portanto, especificidades, mas, também, semelhanças com a dos demais. No primeiro caso, por conta da estabilidade na ocupação; no segundo, pelas mesmas condições de irregularidade que predominam entre todos.

e) "Ter seu próprio negócio": trabalho "independente" ;

Em alguns momentos da trajetória de vários trabalhadores entrevistados, foi vista a prevalência constante de uma tentativa direta de obter os custos de reprodução de sua força de trabalho através do seu próprio "negócio".

Desse modo, não ocorrendo a venda de sua força de trabalho, sua reprodução não é garantida mediante o assalariamento, através do processo de valorização do capital.

Na maioria dos casos, esse "negócio próprio" não foi a primeira ocupação. Podendo mesmo suceder a uma em que o trabalhador passou grande parte do seu ciclo de vida produtivo.

O depoimento de um dos entrevistados pode comprovar esta realidade:

"... o meu primeiro trabalho foi de faxineiro de panificadora, em 1969. Trabalhei dois anos: "clandestino". Depois mudei de função, passei para auxiliar de padeiro. Trabalhei também dois anos. Aprendi "sô de olhar" e mudei de função. Ganhava mais. Fui trabalhar de forneiro. O forneiro já pegava tudo pronto, sô para assar. Ganhava mais e trabalhava menos. Passei seis anos. Trabalhei sô cinco anos com carteira assinada. Saí porque quiz. Fui trabalhar em casa. Fazia "din-din" e vendia em casa".

De um modo geral, presume-se que não ter "seu próprio negócio" surgindo como primeira ocupação, está no fato de que, para tanto, precisa-se dispor de alguma reserva (poupança,

herança, bens) ou receber ajuda da família ou, ainda, de programas sociais, através de subsídios do governo, tais como, financiamento de carro para motorista de taxi, etc. Mesmo quando alegam "ter vencido" por "esforço próprio", o que pode ter ocorrido é a redução, até níveis mínimos, do consumo familiar. Assim, o fato de morar na favela pode ser tomado como indicativo de busca de diminuição dos custos relativos a aluguel, transporte, etc., que podem variar segundo a estrutura da família.

Também se observa que a efetivação de um "negócio próprio" se faz lentamente: "... de "din-din", fui aumentando e hoje tenho essa "barraca"... (A.G.S.)

Por outro lado, observa-se que a divisão do trabalho ocorre no âmbito familiar. Situando-se a "venda" na própria residência. Embora a responsabilidade direta recaia sobre um dos membros, os demais podem ajudá-lo no atendimento a freguesia ou, mesmo, substituí-lo, nos casos em que precisa sair para reabastecer o estabelecimento de algumas mercadorias e efetuar pagamentos (compras para pagar com o apurado), enfim, mesmo para resolver assuntos familiares. A mulher, quando os filhos ainda são pequenos, é quem participa mais diretamente desse revezamento.

Apesar de todas essas estratégias apontadas para chegar a ter seu "próprio negócio", aqueles entrevistados que o possuem e desenvolvem como atividade principal consideram sua trajetória ocupacional, até esse ponto, como "vitoriosa", qualquer que seja o ramo de atividade econômica.

Para tanto, eles fazem alusão a terem se libertado de uma submissão e se sentirem trabalhando "no que é seu", como um

trabalhador "independente".

Ter "seu próprio negócio" também aparece como forma complementar de renda. Portanto, não faz parte da trajetória principal e assim, aparece analisada no item sobre o "biscate".

f) "Biscate": estratégia de sobrevivência?

O baixo nível de remuneração de grande parte de traba
lhadores, insuficiente para cobrir gastos com sua reprodução,
força-os a buscar outra atividade econômica que lhe sirva para
complementar a renda familiar, portanto, desenvolvida concomi
taneamente. Por sua vez, durante os períodos em que o trabalha
dor se encontra desempregado, ou seja, entre momentos de rup
tura, se dispõe a exercer, e às vezes encontra, uma ocupa
ção temporária e eventual. São os próprios trabalhadores que defi
nem, como "biscate", essas atividades que não comportam parâme
tros rígidos para dimensioná-las.

Na verdade, dentre os entrevistados, foram feitas refe
rências, durante as trajetórias, a esse tipo de ocupação como
forma intersticial e como forma complementar, mas, também, como
ocupação principal, única. Sem entrar numa discussão de nature
za econômica, enfocando o "biscate" como uma alternativa viabili
zável para se obter ganhos monetários que permitam o acesso
a algum tipo de consumo urbano, igualmente monetarizado, é
possível entender seu sentido e reflexos na vida de determina
das famílias que dele sobrevivem.

Como atividade principal, o "biscate" pôde ser identifica
do como parte de trajetórias, após inúmeras tentati
vas de venda de sua força de trabalho no mercado de trabalho
urbano. O depoimento de um dos entrevistados exemplifica essa
situação:

"Quando saí da fábrica, fiquei batendo por todo canto
atrás de serviço; sem ter casa para morar e o homem

querendo que eu saísse do sítio. Aí, com a indenização, inteirei o pouco que tinha e fui morar na Saturnino de Brito, na favela. Ai, fui trabalhar como tirador de coco"...

Note-se que o trabalhador já possui algum conhecimento adquirido em atividades exercidas anteriormente, o que, no entanto, não foi suficiente para o novo ingresso no salarizado.

Nessa ocupação, é o próprio trabalhador que vai procurar estabelecer relações pessoais para conseguir trabalho e formar uma rede de clientela, constituída por um número variável de pessoas ou de "patrões":

"... Saio procurando trabalho nas casas, mas, também, tenho freguesia certa, mas é pouca, são umas três; também faço jardim ..." (A.F.S.)

O fato de ter que associar mais de um tipo de atividade revela a precariedade da ocupação, a necessidade de complementar os ganhos, vez que não há regularidade, quanto à execução de tarefas. Nesse particular, não se pode deixar de lembrar que é, através do julgamento da clientela sobre o desempenho do biscateiro, que ele poderá conseguir novos serviços. Daí, a importância em demonstrar um domínio, uma competência, nas atividades que executa a fim de conseguir seus meios de reprodução.

O biscateiro é, nesses casos, proprietário de seus instrumentos de trabalho, estabelece preços e seu tempo de trabalho não é rígido. A competência tanto pode ser resultado de conhecimento adquirido em ocupação que exercia anterior

mente em firmas, como da experiência atual.

O biscate, como atividade permanente, também pode assumir outra característica e, sob a perspectiva da trajetória, significa a passagem por inúmeras atividades, sem que tenha se especializado em nenhuma delas.

Assim, por exemplo:

"... Já fiz de tudo. Já lavei carro, já vendi lagosta à noite ... tomei conta de uma granja no Cabo Branco ... Atualmente trabalho, juntando papel no lixo" ...
(S.R.E.F.)

Observa-se, neste caso, uma situação bastante diversa da outra, embora se mantenham traços marcantes de precariedade.

Esse tipo de atividade econômica, exercido como forma complementar de renda, aparece em geral associada a outra. Isso pode ser visto, enquanto alternativa de ampliação de ganhos, para integralizar o custo da força de trabalho, vez que o salário se encontra abaixo de seu valor de reprodução individual e, mais reduzido ainda, se for considerado o de sua família.

Nesse sentido, dentre a maior parte dos entrevistados, o recurso ao "biscate", como ocupação secundária exercida de forma eventual ou mesmo duradoura, foi a via mais declarada como forma de garantir a sobrevivência. Essa superou outra que se costuma utilizar para aumentar a renda do grupo familiar, qual seja, a de incluir mais membros no mercado de trabalho.

Esse pode assumir formas as mais diversas: venda de refrigerantes; "din-din" na própria casa; consertos de aparelhos eletrodomésticos; cata de lixo para complementar ganhos de aposentadoria; oficina de conserto de carros, etc.

Analisando os diversos itinerários, podem ser destacados certos aspectos fundamentais à compreensão do que neles existe de essencial. Assim, histórias de vida, apresentando trajetórias ocupacionais variadas nas quais estão embutidas formas de inserção no mercado de trabalho, quando submetidas à análise, permitiram que se chegasse a alguns pontos comuns em direção a uma síntese conclusiva.

Por exemplo, para a grande maioria, o itinerário ocupacional começou muito cedo - em média, situou-se antes dos 15 anos. Isso, sem dúvida, pode ser um reflexo das circunstâncias em que viviam o trabalhador e sua família - e que o impulsionavam à busca de uma ocupação produtiva que lhes assegurasse, no todo ou pelo menos em parte, o valor do custo de reprodução de sua força de trabalho.

Em sua primeira ocupação, nem sempre remunerada, desempenhava atividades, geralmente como auxiliar e/ou aprendiz, as quais não vieram a se revelar requisito fundamental "a posteriori" em sua trajetória, fazendo-se exceção ao caso dos artesãos:

Não há uma única via de inserção no mercado e, mesmo durante a trajetória ocupacional do trabalhador, muitas são as formas de acesso ao exercício de uma ocupação.

Neste particular, é sobretudo através de redes familiares que os contatos são estabelecidos, facilitando-se a entrada. Em alguns casos, é, acompanhando o próprio pai e ajudando-o em suas atividades, que se inicia uma trajetória ocupacional. Outro forte caminho declarado foi o dos amigos, dos "conhecidos". No primeiro caso, desenvolvem-se, laços de amizade du

rante o tempo em que trabalham juntos, surgindo, daí, transmissão de informações sobre novas chances de trabalho.

Ressalte-se, ainda, que o peso da família também se revelou decisivo, quando do início da abertura de seu "próprio negócio".

Vale salientar que a inserção no mercado de trabalho, agora no início do ciclo produtivo de sua vida adulta, não pressupõe a exigência, por parte do empregador, de qualquer nível de qualificação profissional ou de escolaridade. Isto aponta para a forma mais comum de aquisição do saber, indispensável ao desempenho da atividade, de diferentes maneiras, segundo a ocupação, porém, sempre se situando a aprendizagem no próprio processo e/ou local de trabalho, revelando a conjugação de vários fatores e, sobretudo, o interesse do trabalhador em aprender.

A qualificação adquirida mostrou-se fator de estabilidade na ocupação, sem que tenha representado, entretanto, condição de permanência em um mesmo local de trabalho ou melhoria significativa nas condições de remuneração dos entrevistados.

A instabilidade, precariedade e insuficiência de salário foram traços marcantes nas diferentes trajetórias. Há que se fazer uma ressalva aos trabalhadores assalariados ocupando postos hierarquizados e para o fato de que, embora aqueles fatores se apresentem "grosso modo" de forma genérica, é forçoso admitir que há, com relação a cada um destes atributos, uma certa gradação, o que, por sua vez, também, admite mesclagem. Isto é, não se registrou, em nenhuma das trajetórias observadas, a presença desses fatores em termos absolutos, puros.

CAPÍTULO 5 - O "LOCUS" DAS DIFERENTES
FORMAS DE (INSERÇÃO) E REPRODUÇÃO

5.1. FORMAÇÃO DA ILHA E CONSTITUIÇÃO DE UM OPERARIADO FABRIL

a) A Ilha do Bispo até antes da década de 1930

O recurso à memória social e a fontes jornalísticas de 1935 a 1987 permitiu situar o início do processo de mudanças do uso de seu espaço físico, com repercussões nos modos de vida, na década de 1930, durante o governo do então interventor Gra tuliano de Brito, quando as terras onde se situava o Engenho da Graça vão conhecer outra forma de exploração, isto é, o Es tado vai desapropriá-las, para que se implante, naquele local, a indústria de cimento PORTELLA.

Segundo um de seus moradores mais antigos, o Dr. Miran da Freire, prefeito de João Pessoa de 1959 a 1963, a área ter ritorial onde está localizada a Ilha do Bispo pertencia nos primórdios deste século aos domínios da Igreja Católica, mais precisamente, à Diocese. Era a propriedade da Graça onde exis tia um engenho de igual nome, administrado pelo senhor Godofre do de Miranda Henriques, seu tio, e sobrinho do Bispo D. Ada to de Miranda Henriques. Donde se presume, originou-se o nome Ilha do Bispo.

Na década de 1920, o engenho da Graça foi comprado pe lo Senhor Godofredo:

"... meu tio comprou, na época, eu me lembro, por 200 mil cruzeiros, naquele tempo eram 200 contos de reis..."

"... o engenho não era na Ilha não: era emendado. Fica va na Graça. Tinha a Igreja, entendeu? Pois bem, aque la Igreja ficava na casa residencial que era muito grande..."

Para esse engenho, deslocaram-se outros membros da família, dentre os quais o entrevistado que, tendo vindo do município de Alagoa Grande com seus pais, aos onze anos, em 1923, lá permaneceu até 1930.

Outro de seus antigos moradores o Senhor Everaldo Pereira da Silva, assim falou:

"... Nasci na fazenda Graça. Meu pai trabalhava lá. Ele era carpinteiro e era pedreiro e marceneiro. Fazia o serviço do engenho, da fazenda da Graça. Quase tudo era ele que fazia, porque ele era assim um sistema de mestre real..."

"... alcancei ali aquele engenho moendo, a gente tomando caldo de cana à vontade, aquilo tudo era coberto de cana..."

"... a Igreja lá é muito antiga. A Igreja lá desmornou-se e fizeram uma capelinha; mais em cima, tem uma capelinha, mas a Igreja nem mais existe..."¹¹

"... a Ilha era bem menos do que é hoje, não sabe? Tinha umas casinhas aqui e acolá. Essa rua daqui da frente quase não tinha nada... era meia dúzia de gente..."

"... esse pessoal que morava aqui nessa época, tinha agricultura, não sabe? Aqui, em cima dessa casinha, tinha agricultura, outros trabalhavam na cidade, outros pescavam..."

"... sim, antes da fábrica, ali tinha umas caieras de fazer cal. Tinha, ali duas caieras, tinha a de João Francisco e a outra eu não me lembro, tinha outro proprietário. Aí, a companhia comprou essa propriedade e as caieras se acabou, naturalmente idenizou, aí, construiu a fábrica..."

A partir desses instantâneos, chega-se a perceber que, como ocorreu com outras áreas, situadas nas proximidades do centro histórico da cidade, essas terras guardavam características rurais de antigos sítios, posteriormente incorporados à área urbana.

Por outro lado, sua condição de engenho, bem como o fato de terem aquelas terras pertencido ao patrimônio da Igreja Católica não é por acaso, considerando-se a vinculação desta com o poder e a propriedade desde os tempos coloniais. Foi, nessa época, também, que floresceram os engenhos.

No livro História da Paraíba, de autoria da historiadora Carmem Coelho de Miranda Freire, está incluída uma fotografia, entre as páginas 70 e 71, abaixo da qual se pode ler:

"Engenho da Graça, residência de Luiz Inácio de Albuquerque Maranhão; vendida, depois, ao Comerciante Luiz Pereira Lima que, posteriormente, foi transferida por venda ao Senhor Godofredo M. Henriques. Hoje, pertence à CIMEPAR..."

E, em comentário, ela prossegue:

"... um pouco antes das invasões holandesas (a capitania da Paraíba permanece sob o domínio holandês de

1634-45) alguns nobres de Pernambuco vieram residir na Capitania Real da Paraíba. Foram eles: Os Albuquerque Maranhão (coincidentemente o sobrenome do primeiro morador do engenho) os Cadeno de Carvalho e outros na moda "Lusitana", limitando-se suas amizades somente a eles mesmos formando uma roda de etiquetas e luxo."

Essas referências permitem que se enxergue momentos históricos bem anteriores à transformação da área em bairro industrial na gestão do Prefeito Oliveira Lima.

Sua . condição de engenho perduraria até a instalação da fábrica de cimento PORTELLA cuja inauguração só ocorreu em 5 de setembro de 1935, em meio a grandes comemorações, anuncia das pela imprensa (A UNIÃO, 24.08.35 e 06.09.35), às quais com pareceram o Governador do Estado, Dr. Argemiro de Figueiredo , representantes dos Ministros da Viação, do Trabalho e da Marinha, bem como seu presidente, o Conde Dolabella Portella, (A UNIÃO: 07.09.35), numa demonstração da importância atribuída ao evento.

Na verdade, trata-se de um acontecimento singular, vez que, mesmo em nível do país, o desenvolvimento industrial encontrava-se em fase de implantação que vai de 1930 a 1946 e baseava-se na produção interna de bens simples para o consumo, voltada à substituição de importações (POLARI, 1987: 3).

Um processo mais ágil de industrialização só vai acontecer mais tarde, a partir da década de 1960, com a aplicação de medidas de incentivos fiscais e financeiros, através da SUDENE, para o Nordeste, incluindo-se a Paraíba. No entanto,

pretende-se ressaltar que a implantação dessa fábrica de cimento, embora isoladamente, já se faz com capitais sediados na região sudeste, o que seria bastante ~~exacerbado~~ com a vinda de outras indústrias nas fases seguintes, de 1946 a 1956, e ,daí, aos dias atuais. (14)

Ainda que de forma embrionária, restrita, já se esboçam, aí, as vigas mestras que definiriam, posteriormente, o processo de acumulação, arrimado pela intervenção do Estado e com capitais externos à Região.

(14) Seu primeiro proprietário, o Conde Dolabella Portela, tinha residência, bem como empreendimentos industriais no ramo têxtil, na Região Sudeste.

b) Requisitos do processo de trabalho e "urbanização" da Ilha do Bispo

Apesar da existência bastante anterior do Engenho da Graça, o povoamento da Ilha do Bispo somente vai aparecer vinculado estreitamente à instalação da fábrica de cimento PORTELLA que direciona seu crescimento e consolidação, bem como estrutura o mercado de trabalho no bairro e seus arredores.

A partir da exploração de recursos minerais existentes em seu subsolo, aproveitáveis na fabricação do cimento, a direção dessa fábrica passa a concentrar simultaneamente os poderes do capital industrial e da propriedade territorial. Esses dois elementos, combinados, vão agir tanto no sentido de se ter constituído em local de "atração" de uma força de trabalho adequada - quantitativa e qualitativamente - às exigências técnicas e sociais dos processos de trabalho dessa indústria quanto no sentido de condicionar os modos de vida e de reprodução desses trabalhadores.

Mantendo, como limites físico-naturais, sua propriedade (as terras da Ilha do Bispo pertencem à fábrica, à exceção da faixa que margeia o rio Sanhauá - área sob jurisdição da Marinha), essa fábrica vai procurar garantir, sobretudo inicialmente, a presença de uma força de trabalho cada vez mais significativa em suas proximidades, através da moradia. Instaura-se uma dupla gestão patronal sobre a população da Ilha, isto é, sobre o emprego e os meios de reprodução.

Apesar de não recorrer à adoção do sistema, tradicionalmente reconhecido, para imobilização de uma força de trabalho disponível, de construção de grandes vilas operárias

(a existente possui apenas em torno de dez casas), havia consen-
timento para edificação da moradia do trabalhador por parte da
fábrica. Através disto, podia manter o controle sobre a força
de trabalho ali empregada.

Historicamente, a expropriação dos meios de produção e
subsistência, por si só, não garante a incorporação da força de
trabalho à produção capitalista nem tampouco é capaz de assegu-
rar a subordinação das práticas de reprodução às exigências do
processo de valorização do capital. Ao contrário, foi necessá-
rio toda uma gama de medidas no processo de trabalho como
também em nível mais amplo, exterior a seus estreitos limites
- nas condições materiais e sociais de reprodução.

Os fluxos migratórios para esta cidade não respondem,
exclusivamente e de imediato, pela existência de um proletaria
do fabril para a indústria cimenteira. Nesse sentido, a possi-
bilidade de acesso ao emprego e à moradia podem ser vistos co-
mo fatores condicionantes das trajetórias ocupacionais de tra-
balhadores que procuram vender sua força de trabalho no merca-
do de trabalho desta cidade e para aquele bairro se dirigem.

Na verdade, a moradia assegurada pela fábrica contri-
bui não apenas para o rebaixamento dos custos de reprodução des-
sa força de trabalho, mas, também, para a criação de vínculos
que resultam em maior dependência e submissão (a perda do em-
prego pode representar perda da moradia).

Outros mecanismos de controle, utilizados para propi-
ciar a ocupação de seu território e garantir uma força de tra-
balho vigiada e subordinada, constituem-se em ajuda financeira,
isto é, concessão de empréstimo, e ajuda material (doação de

cimento).

Essa forma de endividamento também repercute nas relações dos trabalhadores com seus dirigentes, vez que, não aparecendo explicitamente os reais objetivos, fazem com que se sintam com mais obrigações para com a empresa.

É importante ainda esclarecer que esses benefícios não têm caráter de distribuição aleatória ou indiscriminada, antes, destinam-se a premiar os "bons" operários, caracterizando-se, desse modo, um tipo de dominação que permite a exploração de uma mão de obra dócil e disciplinada.

As estratégias patronais vão igualmente permitir que se implante, pela imobilização dessas famílias de trabalhadores, um "perfil demográfico" e "profissional" adequado às necessidades do processo de trabalho, frente à situação do mercado de trabalho. A criação desse "mercado cativo" expressa o controle da fábrica não apenas sobre o emprego, a moradia (a família), mas, também, indiretamente, sobre a conformação demográfica, os hábitos e o consumo de sua população.

Dentre esses, pode-se citar, o lazer dos operários, proporcionado e incentivado pela empresa, através da criação de Clube Recreativo (ainda existindo até o presente), participação de festas do bairro, etc., o que aparece noticiado em jornais da cidade como por exemplo:

"FESTEJO DE NATAL NA POVOAÇÃO INDIO PYRAGIBE" (Ilha do Bispo)

... a festa terá todo o apoio da fábrica que colaborará com a iluminação, como também, com uma salva de fogos que será queimada na hora da missa ..."(A UNIÃO, 20.12.35).

No decorrer dos anos, a indústria cimenteira passa por transformações, diretamente relacionadas aos processos técnicos de trabalho, com vistas, evidentemente, a alcançar, de modo efetivo e contínuo, uma maior produtividade, o que vai se refletir na composição orgânica do capital, mediante a tecnificação e a automação dos processos industriais.

Um breve histórico dessa fábrica vai permitir, por um lado, demonstrar como vão evoluindo tecnicamente os processos de trabalho, por outro, reestabelecer suas relações com a vida dos moradores do bairro, e as mudanças daí decorrentes:

"A fábrica foi fundada pelo Conde Dolabella Portella, em 1935, com um forno vertical aquecido por Carvão Mineral, mas, devido às dificuldades de importação da época, passou a usar o carvão vegetal. Em 1946, a fábrica incorporou-se ao GRUPO MATARAZZO, sofrendo logo grandes modificações. Em janeiro de 1948, entrava em funcionamento o Forno Rotativo nº I com uma produção de 200 toneladas de Clinquer por dia. Em janeiro de 1953, funcionava o Forno Rotativo nº II com uma produção de 220 toneladas por dia. Dezoito anos depois, era inaugurado, no dia 06 de março de 1971, um dos mais modernos sistemas de fabricação de cimento, com o Forno Rotativo nº III, por via seca, produzindo até 1.200 toneladas de Clinquer por dia. Em junho de 1980, foi iniciada a fabricação de Pozolana artificial" CIMEPAR-Manual de Integração - DRI - Treinamento, 1986). (grifo é do autor).⁽¹⁵⁾

(15) Atualmente, essa indústria pertence ao grupo BRENNAND, sediado na Região Nordeste, em Pernambuco.

Na verdade, essa via da modernização dos processos de trabalho, adotada não apenas nessa indústria cimenteira mas no conjunto do trabalho industrial, torna-se fator de introdução de outras mudanças, em termos de administração e controle dessa força de trabalho.

Tendo em vista a necessidade de adequação a essas novas exigências técnicas e disciplinares de produção industrial, as medidas que, a partir daí, foram tomadas provocaram reformulação nas práticas de reprodução.

Dentro desse novo padrão, ampliam-se os mecanismos patronais, envolvendo também a família do trabalhador. São-lhes assegurados, além da moradia, serviços de proteção à saúde (médico e odontológico); acompanhamento individualizado, através de assistentes sociais; treinamento profissional; refeitório com preços simbólicos; ajuda financeira; seguro em grupo; associação esportiva; convênio com supermercado; bolsas de estudo para os filhos dos empregados. (MANUAL DE INTEGRAÇÃO, 1986 - CIMEPAR).

São inúmeros os elos através dos quais se procura estabilizar o trabalhador no interior da fábrica.

Em seu exterior, as inovações nos processos de trabalho significaram uma diminuição gradual e expressiva da necessidade de manter uma força de trabalho imobilizada em suas imediações.

Interessava muito mais a fábrica - localizada em área de exploração de matéria-prima imprescindível à elaboração de um produto final, o cimento - ter suas terras próximas à fábrica sem moradores, o que permitiria expandir, sempre que fizesse necessário, o uso de parte de seu rico subsolo.

Desde que seja assegurada a manutenção de um "núcleo duro", capaz de garantir o funcionamento normal das máquinas, o que se coloca não é mais a questão do controle de uma força de trabalho nas imediações da empresa, através da moradia. Por sua vez, também não parece interessar à fábrica a conservação dessas casas, o que se reflete em suas precárias condições físicas.

Não se pode deixar de adiantar que essa "liberação" da força de trabalho, anteriormente mantida imobilizada, somente tornou-se possível graças a um projeto de modernização da cidade de João Pessoa, tendo em vista transformá-la em uma sociedade urbana, industrializada. Tudo isso está relacionado a medidas econômicas que resultaram na criação do Distrito Industrial, na ampliação de atividades ligadas ao setor terciário que se modernizou, etc. Do ponto de vista da expansão físico-espacial, abriram-se novas vias de acesso no interior da malha urbana, ligando bairros e conjuntos residenciais cada vez mais distantes do centro da cidade. Um sistema de transporte coletivo fez-se cada vez mais necessário e presente, o que permitia o deslocamento da força de trabalho.

Introduziram-se, desse modo, medidas de reordenamento de seu espaço físico, disciplinamento de seus usos, difundiram-se hábitos de consumo coletivo. Identifica-se, nessa prática, uma convergência quanto aos objetivos de estabelecer novas formas de subordinação e dominação do trabalhador urbano.

Por outro lado, uma presença cada vez mais significativa de mão-de-obra na cidade ⁽¹⁶⁾ vai implicar a criação de um

(16) Esta afirmativa refere-se ao fenômeno de migração que se intensificou nas três últimas décadas, conforme consta no item referente ao desenvolvimento desta cidade, neste trabalho.

mercado consumidor de uma produção em massa de mercadorias.

Redimensionam-se as atribuições da família - célula reprodutora por excelência, vez que muitas responsabilidades de sua competência passam para o âmbito do consumo socializado através da aplicação de políticas públicas ou patronais privadas (abertura de creches, escolas, hospitais, restaurantes, lavanderias, etc.).

Os custos de reprodução da força de trabalho, no que se refere à moradia, deslocam-se do controle da fábrica para se tornar responsabilidade do trabalhador a quem cabe, doravante, supri-la pelo salário.

Nesse particular, as diferenças salariais existentes vão também condicionar novas e diversificadas formas de acesso à moradia.

O exposto permite, no tocante ao processo de urbanização da Ilha do Bispo, que se distinga diferentes momentos: um primeiro estaria vinculado às necessidades/requisitos do processo de trabalho, em termos de uma grande demanda de mão-de-obra, imobilizada em suas proximidades sob controle e vigilância, mantidos pela empresa, através de mecanismos que lhe pareciam adequados ao estágio de desenvolvimento dos processos de trabalho e à submissão da reprodução a esses processos.

A Ilha do Bispo passa, então, por uma fase que se poderia caracterizar de urbanização emergente, quando aquela área conhece um ritmo de crescimento ascendente, não só do ponto de vista demográfico, como também de implantação de equipamentos (escolas, clubes esportivos, postos de saúde, transporte, linhas regulares de trem e de ônibus), conforme depoimentos de seus moradores.

Outra fase estaria ligada à modernização dos processos de trabalho, quando, igualmente, se reestruturam as formas de dominação e controle da fábrica sobre sua força de trabalho, sobre a reprodução no que se refere à moradia.

Nesse sentido, amplia-se a gestão da fábrica sobre seus trabalhadores. Antes limitada aos seus domínios físico-espaciais ou a cidades circunvizinhas, interligadas pelo transporte ferroviário de baixo custo, uma parte da força de trabalho da indústria cimenteira passa a morar também em conjuntos residenciais, tais como, Alto do Mateus (1968), mais recentemente, PROSIND em Mangabeira (1985).

Sob esse fato novo, cabe o comentário de que a saída dos operários industriais para morar em conjuntos habitacionais não caracteriza um simples processo de expulsão territorial. Ele deve ser visto, sobretudo, sob a ótica do movimento histórico de classe. O desfecho das cidades com vilas operárias e demais similares tem sido dificultoso e, às vezes, desgastante para a classe patronal, interessada em manter privilégios. No caso da Ilha do Bispo, teria havido uma antecipação dessa luta, via reconhecimento do papel histórico do sindicato. Este, num acordo dentro do jogo de forças políticas - Estado e sindicato, teria "resolvido" o impasse, utilizando-se dos próprios mecanismos estaduais de controle da força de trabalho.

Na verdade, porém, essas considerações não se aplicam linear e monoliticamente a todos os operários daquela indústria.

Há que se considerar a composição interna, diferenciada, dos trabalhadores da indústria e, neste particular, colocar algumas reflexões sobre o significado dessa diversidade quanto

às articulações produção/reprodução.

Essa diferenciação aparece associada à questão salrial e faz parte do elenco de medidas adotadas pelas empresas como estratégia de estabilização de uma força de trabalho qualificada e detentora de competências acumuladas nos diversos processos de trabalho. Suas trajetórias incluem passagens por outras empresas, situadas em outros Estados da Região. A esses são destinados altos salários⁽¹⁷⁾ e outras vantagens ligadas ao consumo pessoal e familiar. Ocupando posições de comando dentro de uma hierarquia técnica na empresa, alguns empregados podem ser encontrados em residências na Fazenda Graça, área contígua à Ilha do Bispo, pertencente a empresa; ou ainda na Vila CIMEPAR, destinada ao pessoal ligado à parte industrial (supervisor de manutenção elétrica e mecânica); também, ai, residem outros trabalhadores, indiretamente vinculados a essa área técnica, que podem ser requisitados a qualquer momento, para que o funcionamento da fábrica não sofra solução de continuidade.

Na verdade, pode-se assegurar que esses dois locais não são os únicos a abrigar seus empregados qualificados.

Moram, atualmente, em conjuntos residenciais destinados a trabalhadores sindicalizados de diversas categorias, dentre os quais o de Cal e Gesso a que pertencem, outros trabalhadores. Sua competência profissional foi se delineando e se consolidando no próprio processo de trabalho dentro da empresa, ad

(17) A renda familiar declarada foi em torno de 20 salários mínimos e o cargo era de Supervisor de Manutenção.

quirindo, portanto, estabilidade, ainda que relativa, e um salário, acima do mínimo estipulado pela lei trabalhista. Este, por insuficiência estrutural, não satisfaz às necessidades básicas, sendo o acesso à moradia intermediada pelo ESTADO.

A presença do trabalhador industrial, do operário, diluída no espaço urbano, ou seja, não mais imobilizada nas imedições da fábrica, comporta considerações. Sob a ótica do capital - em geral (que historicamente tem encontrado seus próprios meios de controlar a força de trabalho que lhe é necessária, independentemente de distâncias ou barreiras físico-espaciais), refere-se à possibilidade de acesso ao consumo de bens duráveis, no caso, à moradia, que o nível salarial permite e proporciona. Desse modo, exprime a pré-validação do assalariamento, o reconhecimento do fato de que é o salário que lhe propicia o financiamento a longo prazo para aquisição da casa própria. Isso faz com que o trabalhador se inscreva, através do consumo coletivo, no circuito da mercadoria. - A cidade representa, assim, a aglomeração de processos de trabalho e força de trabalho diferenciados.

Todavia há aqueles operários da indústria que ainda continuam residindo na Ilha do Bispo com salário insuficiente para cobrir as despesas ligadas ao consumo básico de subsistência. Apesar de apresentarem uma relativa estabilidade (alguns ultrapassam os dez anos na empresa), exercem atividades que não favorecem nenhuma ascenção na carreira, o que os obriga a permanecer morando em regime de comodato em casas da empresa, embora em condições inadequadas.

Não há dúvida de que o surgimento e o padrão de urbani

zação da Ilha tenham sido determinados pela presença da indústria cimenteira, sempre em expansão. Sem exceção, todos os entrevistados trabalhavam, haviam trabalhado ou tinham algum ascendente que trabalhara ou mesmo algum membro da família, na fábrica.

As trajetórias ocupacionais, analisadas de forma articulada com a reprodução no que respeita à moradia, permitem concluir que, sem considerar os que já ingressam para desempenhar determinados postos de chefia, é, no próprio processo produtivo, que vão se gerar em grande parte as diferenças e as desiguais formas de acesso ao consumo, vez que muitos dos entrevistados começaram pelo mesmo caminho.

Assiste-se, atualmente, a um processo de urbanização em degradação.

Hoje, a Ilha do Bispo guarda, em maior ou menor proporção, todos os traços de bairros operários pobres descritos em outros estudos (FOOT, LEONARDI: 1982; GUZZO DECCA: 1987, FAUSTO NETO: 1982 e muitos outros): ruas inteiras de casas com aspectos semelhantes, habitações em péssimo estado, sistema deficiente de água, inexistência de rede de esgoto e coleta de lixo, ausência quase total de calçamento (apenas uma avenida é pavimentada), ruas esburacadas, permitindo o escoamento de água suja e detritos a céu aberto. O aspecto geral é de decadência: algumas ruas mais próximas à fábrica foram quase ou totalmente destruídas (Frei Herculano, Senhor do Bonfim, Cícero Moura, Alfredo Portella), sendo que apenas algumas casas mais distantes permanecem de pé, em total estado de abandono. Mesmo assim, alguns trabalhadores continuam ocupando suas dependências.

Do lado direito da linha do trem que percorre a exten
são do bairro, misturam-se casas de diferentes tipos. Porém,
mesmo as melhores não chegam a impressionar: possuem exíguos
terraços com grade de ferro e algumas poucas ostentam um pe
queníssimo jardim. Por trás dessa principal, as ruas, como a
Lopo Garro, onde as casas distribuem-se irregularmente, são
cortadas transversalmente por outras nas quais as precárias
condições se acentuam à medida que se aproximam da área de man
gue que existe margeando o bairro.

Nessa parte do bairro, residem seus moradores mais anti
gos. A casa constituindo-se em fator de estabilidade, eles "ga
rantem" a reprodução seja com a aposentadoria associada a outra
ocupação seja na pequena produção de bens e serviços, o que
se pôde observar dentre os entrevistados que não trabalham na
indústria cimenteira.

c) Produção cimenteira e degradação ambiental

Segundo registros, na Ilha do Bispo, a partir da década de 1940, o maior ônus em termos de desgaste da força de trabalho começa a aparecer, refletindo-se, sem dúvida alguma, na reprodução do trabalhador local.

Em abril daquele ano, surgem indícios do que, mais tarde, viria a se constituir num problema agravante das condições de reprodução da população do bairro (A UNIÃO: 28/04/1940), a poluição da Ilha do Bispo, provocada pelo pó de cimento expelido pelas chaminés da fábrica.

Esse problema, na década de 1970, torna-se tão grave que chega a envolver os mais diversos segmentos da sociedade. Notícias de um vespertino local permitem acompanhar, durante todo esse período, alguns desdobramentos dessa questão.

"... A poluição do mar, a poluição da ilha. No caso - a Ilha do Bispo. Até pouco tempo esta era uma questão de que se tinha notícia apenas. Ninguém, pelo menos em toda a João Pessoa, sabia ao certo o que era poluição, não havia experimentado suas consequências. Agora, entretanto, a população da Ilha do Bispo muitas vezes ignorando-lhe o próprio nome não lhe ignora os efeitos sobre os pulmões, os móveis e a tranquilidade em geral. Os que se queixam de sua trágica realidade informam que os filtros da fábrica de cimento são desligados à noite e a fumaça de suas chaminés então cai sobre a povoação, pesada e sufocante, prendendo a respiração e provocando náuseas.

Durante o dia, não. A fábrica é uma das mais modernas do país e dá a impressão de estar parada tal a pureza do ar que a circunda. Durante a noite, no entanto, com os filtros desligados ela volta a sua antiga condição de agente poluidor da atmosfera, dizem seus habitantes da Ilha.

Convenhamos que os habitantes da Ilha não têm nenhuma prevenção contra a fábrica de cimento, elemento dinamizador do processo de industrialização em andamento entre nós. Inclusive a maioria deles trabalha na fábrica e dela retira o indispensável para seu sustento.

Convindo isso, admitimos que eles geralmente pouco informados do que seja poluição fizessem a denúncia se não existisse um motivo. (O NORTE, 13/10/1971).

Mesmo não reconhecendo publicamente a existência de poluição, de forma contraditória, são anunciadas medidas tomadas pela fábrica para extinção do pó de cimento: "CIMEPAR instala torre para acabar a poeira" (O NORTE, 10/01/1973). Na verdade, a declaração da ausência de pó na Ilha do Bispo tinha, como intenção única, diluir conflitos com a sociedade que exigia providências para o problema.

Cinco meses depois, a situação permanecia inalterável. Não sendo mais possível continuar a "contemporizar" com o problema tanto pela "gravidade" quanto pelo "clamor público", o Estado é convocado a interferir na polêmica: Governo exige e Matarazzo vai acabar com a poluição" (O NORTE 03/06/1976).

Por outro lado, as pressões da sociedade resultaram, ainda, instauração de inquéritos e criação de comis

sões para estudar o caso ⁽¹⁸⁾ Através desses meios, foram apresentadas conclusões que em nada contribuíram para modificar a situação, vez que se admitia como solução para o problema da poluição da Ilha que seus moradores fossem deslocados para outras áreas, o que se mostrava inviável.

O diagnóstico da Secretaria de Trabalho e Serviço Social (SETRASS) apontou para a difícil situação econômica dos operários, decorrente do tipo de ocupação exercida que não lhes dava condições de arcar com o pagamento de prestações, correspondentes à construção de imóveis, mesmo em terrenos doados.

Com a quantia correspondente às avaliações das casas era impossível construir em outros locais, considerando o preço médio das avaliações, face às condições de conservação das moradias e o tipo de material empregado.

Sendo o bairro localizado nas proximidades do centro da capital, a população dispndia, em seus deslocamentos, quantidade relativamente pequena em comparação com áreas afastadas.

Pelo que já foi anteriormente exposto, sabe-se que o grau de mecanização da fábrica de cimento já podia prescindir dessa força de trabalho imobilizada em suas imediações, sendo-lhe mais vantajoso: poder dispor da área para exploração da matéria prima existente em seu subsolo. Nesse sentido, o Estado, no interesse do capital industrial, facilitou a remoção de trabalhadores.

Apesar da polêmica tornada pública, não há registro de movimento organizado por parte do Sindicato já existente, pois

(18) O NORTE, 4/10/1973, Sátiro examina poluição; 1/12/1973 - Comissão Divulga relatório; 04/04/1973 - Ilha do Bispo terá diagnóstico hoje.

que fundado em 1939; Tal fato pode estar associado à fase de repressão às lutas sindicais pós-64, quando se agrava o problema da poluição.

Somente na década seguinte, é que se pôde acompanhar uma participação do sindicato, embora muito mais expressiva em termos de reivindicações de melhorias ligadas às situações de trabalho, internamente à fábrica.

Sobre as condições de reprodução no plano da moradia é, através de acordo com o Estado, que se define sua atuação. Essas breves considerações levam a concluir que, somente quando o capital industrial pode prescindir de uma força de trabalho em suas imediações, propiciadas sempre pelo Estado, através de políticas urbanas gerais, é que são encontradas "soluções" para problemas vitais, ligados à própria existência do trabalhador.

5.2. TRABALHO E MORADIA NA FAVELA: PONTO FINAL DE UMA TRAJETÓRIA

As mudanças de local de moradia até a favela constituem-se num processo, envolvendo várias etapas do ciclo produtivo da vida do trabalhador, com passagens por outras áreas da cidade e por ocupações diversas. Apenas dois dos informantes afirmaram ter sempre residido na favela Miramar, embora tenham mudado de casa em seu interior. Um deles nasceu em João Pessoa, o outro veio ainda criança com os pais. As razões para morar na favela, nesses exemplos, revelam uma tradição de precariedade que se reproduz pelo grupo familiar.

O percurso habitacional ocorre de diversas maneiras, podendo-se agrupá-las da seguinte forma: a) mudanças de residência de um bairro para outro*; b) de um bairro para uma favela; c) de uma favela para outra. Não foi registrado nenhum deslocamento no sentido de favela para um bairro. Embora algumas partes desses dois locais se equivalham, quanto a problemas físico-ambientais que apresentam, revelam uma degeneração das condições materiais de vida desses trabalhadores.

A "decisão" de morar na favela aparece, principalmente, a partir da terceira mudança. O casamento inclui-se como um dos motivos.

"Morar no que é seu", não lhes importa por quais meios (invasão, compra, recebimento de doação), significa, para o trabalhador, a grande aspiração.

(*) O 1º bairro pode, em alguns casos, referir-se a um sítio ou granja no qual este se localiza.

A "casa própria" pode significar apenas o ponto de partida de um projeto que vai se "concretizando" ao longo dos anos. Nesse sentido, levantam-se as "quatro paredes" iniciais, de qualquer jeito (de taipa ou de outros materiais: papão, pedaços de madeira, de lona, palhas de coqueiro), garantindo apenas o uso do espaço ou adquire-se a "casa" em precárias condições a baixos preços para melhorá-la.

..."a casa era fraca. Então eu combinei com o vizinho para criar porcos e vender, para ajeitar a casa. Apanhava restos de comida pelo Centro da cidade nos depósitos de lixo de bares e restaurantes. Com esse recurso, construí a casa. De duas vezes: criou os porcos e vendeu fez uma banda da casa; de novo, criou porcos vendeu e fez o resto"...

"... aí, José meu irmão disse: Maria Helena, Antônio, cobrador, quer vender a casa dele, e a gente contando a tua situação, ele disse que te vendia para tu pagar a prestação. Aí eu disse: ô José, não diga nem isso. Eu vim correndo ... Ai, cheguei aqui e essa casa era um buraco tão grande, aqui, nesse meio, que só faltava ... quando a gente descia aqui, parecia ... quando entrava, entrava dentro do buraco ... Eu disse: "ai meu Deus, mas é melhor do que a casa dos outros" ... Ai, fiz negócio: comprei essa casa por Cr\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos cruzeiros). A entrada, eu dei Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros) e fiquei pagando Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) por mês. Antes de um mês, eu mandei fazer o piso. Aí, eu comecei a ajeitar a casa. Gra

ças a Deus, tã arrumadinha. E eu estou satisfeita por
que estou no que é meu"... (M.H.)

A "estabilidade" da moradia é uma das estratégias que utiliza o trabalhador face à insegurança da ocupação. Dentre os entrevistados aí residentes, estavam o ajudante de pedreiro, o pedreiro, a empregada doméstica, o varredor de rua, o cata
dor de lixo, o motorista de taxi, o vendedor de sorvete, etc.

Nesse contexto, a "escolha" do caminho para a favela estaria, sobretudo, ligada à necessidade de se livrar de um alu
guel, vindo a morar em "casa própria", através do processo de in
vasão da terra, com esperança de posterior reconhecimento, pelo Estado, do direito de propriedade; ou, ainda, à possibilidade de compra de uma casa de menor valor que a sua e a aplicação do "lucro" para saldar dívidas, num pequeno negócio, etc.; ou um outro motivo poderia ser o recebimento da casa a título de indenização ou mesmo de ajuda por parte de parentes.

Nesse cálculo, inclui-se não apenas a casa própria, mas, principalmente, a escolha do local passa a assumir uma importância
cia singular no plano da reprodução social. Desse modo, surgem favelas em áreas valorizadas da cidade, ainda que em suas franjas
jas. Prevalece, dentre as razões que se pode enumerar, a possibil
bilidade de acesso a empregos, o que implica, necessariamente, re
dução de gastos com transporte, bem como, em muitos casos, o poder conciliar atividades domésticas no âmbito da família com aquelas realizadas extradomicílio.

A mobilidade intra-urbana, condicionada por formas pre
cárias de inserção no mundo do trabalho, surge, portanto, como um dos elementos estruturantes dessa forma de urbanização a

qual, mais recentemente, vem sendo garantida pela resistência e pela contínua organização de sua população, em defesa do direito ao "chão" e aos serviços e equipamentos urbanos.

Assim, morar na favela significa final de um processo que teria sido iniciado (na maior parte dos casos) com a chegada do migrante, sem que se excluam os nascidos nesta cidade.

Reconstituindo-se o processo de formação da Favela Miramar, observa-se que ele não pode ser visto independentemente da existência do bairro de mesmo nome, já que este último se apresenta como catalizador de uma força de trabalho que vem se deslocando para a favela, continuamente, em busca de trabalho, mas, também, de moradia.

Na verdade, a origem do bairro de Miramar antecedeu à da favela, datando dos anos anteriores à década de 1950. Sua expansão e consolidação aparecem associadas ao crescimento da cidade em direção leste, ou seja, rumo à praia de Tambaú, com as melhorias efetuadas na Av. Epitácio Pessoa, via de escoamento, inicialmente obrigatória, no sentido do bairro.

Sua feição é a de uma área residencial típica da classe média, sendo que, só mais recentemente, em sua parte que delta para o mar, vêm sendo edificadas algumas mansões pertencentes a uma nova burguesia local. Nele, também estão situados, como referências que merecem destaque, o Esporte Clube Cabo Branco e a Granja Santana, residência oficial do Governo. Além desses, a presença do Campus Universitário I e do Espaço Cultural José Lins do Rego em bairros contíguos contribuem para dar-lhe uma posição privilegiada na malha urbana de João Pessoa, enquanto área polarizadora de inúmeras possibilidades de acesso a emprego para determinados segmentos da classe traba

lhadora.

A existência da favela, por sua vez, formada pelo processo de invasão de terras urbanas, comporta pelo menos dois momentos: o primeiro, associado a um tipo de ocupação que se deu com a conivência e mesmo ajuda do poder público. Mais precisamente, ao tempo da fase de implantação do bairro, foram trazidas para suas franjas, algumas famílias pobres que ocupavam áreas inóspitas da cidade, o que é relatado em depoimento de moradores mais antigos; veja-se:

..."eu morava em Tambaú. Depois, chegou um homem e mandou todo mundo sair de lá. Não sei quem era. Acho que foi um homem do governo, pois dizem que foi o governo que botou as famílias no local para onde vieram. Chegou várias famílias aqui para o Miramar a fim de escolher o lugar para suas casas. Ele trouxe as pessoas num caminhão. Aqui era tudo capoeira. Era onde o povo colocava o lixo que se recolhia na rua. Mais para trás, quer dizer, mais antigamente, dizem que por aqui era cheio de roça de macaxeira. As pessoas que vieram construir suas próprias casas. São ganharam o terreno. Depois, a área encheu-se toda de casa com os outros que iam chegando"...

Mais tarde, durante a administração do então Prefeito Dorgival Terceiro Neto (março de 1966 a abril de 1971), os moradores dessa faixa de terra do bairro foram indenizados e removidos para partes de Mandacaru, Jardim Veneza e Alto do Céu. No antigo local onde residiam em Miramar, seria construído um viaduto e uma moderna avenida asfaltada que, saindo praticamen

te do centro da cidade, cortaria o bairro Torre / Expedicionários em direção à praia do Cabo Branco. Já o viaduto permitiria o acesso ao Campus Universitário I, com passagem pelo interior do bairro Miramar. Apenas alguns poucos ~~moradores~~ moradores (em torno de sete famílias), por terem suas casas mais afastadas da área desapropriada, ficaram no local, mesmo tendo recebido indenização.

Supõe-se que a permanência da precariedade da ocupação tenha levado antigos moradores, removidos pelo poder público para Mandacaru, a vender a casa recebida e começar a fazer o caminho de volta, dando início ao segundo momento da ocupação dessa área. Nessa nova fase, foram registrados vários confrontos com a polícia, devendo-se sua existência sobretudo, à obstinação de seus ocupantes.

Com a construção da Avenida denominada José Américo de Almeida, mais conhecida como Beira Rio, a favela gestou-se e expandiu-se dividida em dois pedaços: um deles aparece colado ao bairro de Miramar em sua parte alta. Externamente, margeia a avenida supracitada, enquanto que, internamente, segue os contornos enladeirados do relevo; a outra metade que fica do lado direito da mesma estrada, no sentido cidade / praia do Cabo Branco, começa na boca do viaduto e distribui-se em extensão por uma estreita nesga de terreno entre a escarpa ladeirosa da avenida e as margens do rio Jaguaribe. Calcula-se a existência de cerca de 300 famílias. Alguns dos habitantes que têm suas casas vizinhas ao bairro costumam identificar, como área de favela, apenas aquela que fica às margens do rio, vez que consideram suas condições físico-ambientais plenamente integradas ao bairro. Entretanto, deve-se admitir que, não só

as características de sua formação, como sua situação de precariedade não deixam dúvidas quanto a sua identidade como favela. Também as condições de reprodução de seus moradores não se diferenciam.

Nesse sentido, este trabalho preocupou-se mais em demonstrar seus efeitos sobre a "escolha" do local de moradia do que em enunciar dados sobre os rendimentos dos entrevistados. A razão está no fato de que, para eles, o salário ou ganho se expressa não pela quantia em si, mas pelo que ela representa em termos de poder aquisitivo.

Daí porque, quando interrogados sobre quanto ganhavam, costumavam responder em termos do que podiam obter, sobretudo, quanto ao consumo alimentar (vez que estava "resolvido" o problema da moradia). Depois é que o traduziam em valor nominal.

"... O que ganho dá para enganar a barriga"... (S.R.E.F.)

"... dá, porque só é aquilo mesmo que aparece. A gente tem de viver daquilo que aparece, não tem outra solução. Refúgio não tem mesmo.". (S.F.B.)

"... que jeito eu vou dá, é? Tem que dá. Que nem pobre, mas a gente vai levando a vida". (M.H.)

"... quando ganho muito que dá para fazer uma feira grande, faz, quando não ganho, faço com o que tenho"... (E.M.S.)

A maneira que encontram de resolver essas questões parece refletir o caráter instável, pendular, da inserção e a conseqüente flutuação da renda familiar disponível.

..."quando pinga, eu como, quando não pinga, eu estou numa pior. Eu vivo numa agonia"... (M.A.)

O mesmo se pode dizer em relação a outros aspectos ligados à reprodução, que, entretanto, não se constituem objeto deste estudo.

CONCLUSÃO

Retomando alguns dos principais pontos que se procurou desenvolver neste trabalho, pode-se tecer considerações finais a título de conclusão.

A acumulação de capital requer a concentração de trabalhadores não só em nível das unidades produtivas, como também de aglomerações urbanas.

Crescente massa de trabalhadores afluí aos centros urbanos em busca de ocupação, provocando transformações na composição interna do mercado de trabalho. Também se modifica a configuração espacial da cidade.

A forma de desenvolvimento capitalista contribui para definir novos mecanismos de conformação do espaço urbano e a criação de bens de consumo coletivo.

Do mesmo modo, concorre também para que sejam estabelecidas as possibilidades produtivas e o nível de remuneração dos trabalhadores.

O mercado de trabalho não é homogêneo. Ele se apresenta como um "continuum". E é, nesse espaço, que se conforma a condição dos trabalhadores que também não é homogênea e nem tampouco se resume a uma dualidade.

O mesmo trabalhador, em diferentes momentos de sua trajetória, pode alternar assalariamento com outra atividade na pequena produção de bens e serviços. Ou, ainda, ao mesmo tempo, desenvolver duas atividades. Uma terceira opção possível: na família, vários de seus membros podem se encontrar em diferentes formas de organização da produção.

Nesse "continuum", é que vão sendo definidos não só os diversos itinerários ocupacionais, mas, também, as várias vias de acesso aos meios de reprodução que se expressam nos modos de vida dos trabalhadores.

Como explicativas dessa realidade a teoria neoclássica e as visões dualistas do mercado mostram-se insuficientes.

Para compreender esse "novo", o referencial teórico-metodológico selecionado apresentou-se como o que possibilitou a apreensão do conteúdo da realidade e sua expressão conceitual.

No pós-64, (a par da centralização do "modelo" econômico que se delineava para o país), mudanças ocorreram em diversos níveis econômico-social e político institucional, com reflexos no campo e na cidade. Expulsa da zona rural, a população urbana cresce. Modifica-se a composição do emprego e verifica-se sua maior diversificação interna, o que repercute nos modos de vida do trabalhador e nas transformações físico-espaciais da cidade.

A reprodução desses trabalhadores vai se realizar seja através da conjugação de duas ocupações seja pelo aumento da oferta de força de trabalho, para ampliar a renda monetária da família, seja por outras vias que não exclusivamente a do capital. O Estado assume parte considerável dessa reprodução. Impõe-lhe direcionamento. O trabalhador cria suas "próprias" estratégias de reprodução.

Nessa perspectiva, a formação do espaço urbano não está submetida a uma única racionalidade. Diferenciados processos coexistem e são condicionados, por sua vez, por lógicas também diversas - a do capital, a do Estado e a do trabalhador.

A instabilidade, precariedade, o baixo nível de qualificação e a insuficiência de salário mesclam-se em diferentes combinações, fazendo com que o mercado de trabalho surja não como um espaço dividido, segmentado, porém, como um "continuum" heterogêneo. Neste espaço social, definem-se formas de inserção e a essas associadas, definem-se, também, as formas de reprodução do trabalhador urbano.

Com relação à moradia, item da reprodução da força de trabalho que se analisa, conclui-se que existe uma diversificação de alternativas para resolver tal problema. Estas se situam, por sua vez, na dependência das mesmas diferentes lógicas - do capital, do Estado e do trabalhador, como no caso da inserção deste no mercado produtivo de bens e serviços à qual se articula a reprodução.

Pelo que foi exposto, tem-se que a "solução" para a moradia na Ilha do Bispo coube inicialmente à indústria cimenteira, já que havia necessidade de manter a força de trabalho em suas proximidades, mobilizada e controlada diretamente pela empresa, inferindo-se daí uma forma de atuação da lógica do capital na reprodução.

Mais recentemente, quando essa demanda passou a se mostrar mais reduzida, pelo que se pôde deduzir do estudo feito, o Estado, como agente neutralizador que se antecipa a possíveis conflitos, face à pressão dos trabalhadores sem condições habitacionais nas cercanias da fábrica, providencia, em conjunto e de acordo com o sindicato local, a realocação de trabalhadores da indústria cimenteira em áreas distantes. Isto tanto demonstra uma das maneiras do Estado gestionar a reprodução da força de trabalho, como evidencia o reconhecimento da pre

validação do salário. Por outro lado, o que foi explanado, a pesquisa, permite que se deduza também que, no caso da remoção de trabalhadores da fábrica para outros locais, a escolha, o atendimento e o assentamento dos candidatos à moradia têm ocorrido de forma diferenciada e mais ou menos vinculada à graduação dos níveis salariais do trabalhador. O critério fundamental e pré-requisito de determinada renda familiar mínima contém, embutidas nela, condições de seletividade e o reconhecimento da pré-validação do salário.

Finalmente, tem-se ainda a considerar que os trabalhadores, face à precariedade de seus ganhos, independentemente de que tenham se originado fora do assalariamento, ou seja, mesmo nele, buscam, também, através de racionalidade e estratégias próprias, a aquisição, a posse de uma habitação efetivamente sua, quaisquer que sejam os meios que tenham que empregar para tal fim.

Apesar de acontecer também em bairros "operários" pobres, como a Ilha do Bispo, este é um traço característico prevaiente sobretudo em favelas, como a do Miramar.

Pelos depoimentos tomados e observações efetuadas, é possível concluir que, por meio de invasão, recebimento de doação e mesmo de compra, é que geralmente se obtém um pequeno terreno no qual se vai erguendo lentamente ou de forma mais ágil, quando em mutirão, barracos rústicos de qualquer material disponível ou mais facilmente encontrado, extremamente precários, à espera de alguma possibilidade de melhorá-los posteriormente.

São, portanto, as diferentes trajetórias ocupacionais que desenham, no chão da cidade, a história de suas próprias vidas.

RESUME

En partant d'une vision générale du procès d'accumulation qui s'installa dans le pays, après 1964, et des changements socio-économiques et politico-institutionnels qui en résultèrent, on essaie d'analyser les articulations entre les formes d'insertion dans le marché du travail et les pratiques de reproduction adoptées par des travailleurs urbains, en mettant l'accent sur l'habitation dans le procès d'urbanisation récent. Au niveau "micro", en prenant comme point de repère le quartier de Ilha do Bispo et la "favela" Miramar, on a reconstitué les trajectoires occupationnelles de quelques travailleurs (bonnes, travailleurs de l'industrie, ouvriers du bâtiment, travailleurs autonomes) et les modes concrets de consommation et d'accès aux moyens reproductifs. L'étude s'est basée sur des données aussi bien quantitatives concernant le procès d'urbanisation de João Pessoa, après 1964, que qualitatives, sur l'histoire personnelle de trente et un travailleurs de Ilha do Bispo et de la "favela" Miramar. Les résultats du travail indiquent la coexistence de procès différents quant à la formation de l'espace urbain, ce qui reflète une articulation entre l'hétérogénéité des formes d'insertion dans le marché du travail et des conditions du travailleur.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Lógicas familiares e trabalho: reflexões sobre a família operária. Salvador, ORSTOM/CRH/UFBa, 1986. (mímeo).
- AGUIAR, Gelfa de Maria Costa. O Estado e a seca: intervenção estatal no Nordeste do Brasil. 79/83. João Pessoa, FIPLAN, 1985 (Monografias FIPLAN, 1).
- AGUIAR, Welligton & MELLO, José Octávio de Arruda. Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro. João Pessoa, Governo do Estado da Paraíba, 1985. 279 p.
- ALMEIDA, Fernando Lopes de. Política salarial emprego e sindicalismo. 1964/1981. Petrópolis, Vozes, 1982.
- ASSOULINE, Gérald. La dynamique de l'économie informelle au Brésil: le secteur informel est-il le fruit d'une crise de l'économie et/ou d'une économie de crise? Grenoble. France, 1985. (mímeo).
- AZAIS, Christian. Considerações a respeito do setor informal (reprodução da força de trabalho). João Pessoa, 1987 (mímeo).
- _____. Mercado de trabalho e formação de classe. s.n.t. 1988 (mímeo).
- AZEVEDO, Sérgio de & ANDRADE, Luis Aureliano Gama de. Habitação e poder: da fundação da casa popular ao Banco Nacional da Habitação. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 135 p.

- AZOUVI, A. Théorie et pseudo-théorie: le dualisme du marché du travail. Critiques de l'économie politique (15/16). 53 - 91, Aril/Jun, 1981.
- BOLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. In. MARICATO, Ermínia, org. A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo, Alfa-Omega, 1982.
- BONDUKI, Nabil & ROLNIK, Raquel. Periferia da grande São Paulo reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. MARICATO, Ermínia, org. A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial. São Paulo, Alfa-Omega, 1982.
- BRUNHOF, Suzanne. Estado e Capital, Grenoble, Presse Universitaire, 1976, cap. I (mimeo).
- CANTALICE, Dulce Maria Barbosa. Capital, Estado e Conflito: Questionando Alagamar. João Pessoa. FIPLAN, 1985.
- CARTELIER, Lysiane. Consommations collectives et contrôle social. Revue Informations Sociales: 101-4, 1980.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. Urbanização mercado de trabalho e pauperização no Nordeste brasileiro: uma resenha dos estudos recentes. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. (22): 3 - 25, 1986.
- CIGNOLLI, Alberto. Estado e força de trabalho: introdução à política social no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1985. 119 p.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. 9ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984. 215 p.

_____. Para a questão da habitação. Lisboa, Edições Avante, 1983. 112 p. (Marxismo - Leninismo, 22).

FALEIROS, Vicente de Paula. A política social do estado capitalista: as funções da previdência e da assistência sociais. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1985, 175 p.

FARIAS, Zaíra Ary. Domesticidade e "cativo" feminino. Rio de Janeiro. Achiamé/CMB, 1983.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DA PARAÍBA - FIPLAN - Coordenadoria de Estudos e Pesquisas. Populações de baixa renda: origem e aspirações. João Pessoa, 1983.

GAUDEMAR, Jean-Paul. Mobilité du travail et accumulation du capital. Paris, MASPERO, 1979. (Economie et Socialisme).

GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a política e o estado moderno. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988. 444 p.

HARVEY, David. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. Temas Urbanos e Regionais; 7 - 35.

KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée. et alli. O sexo no trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 193 p.

KRISCHKE, Paulo J. org. Terra de habitação X terra de espoliação. São Paulo, Cortez, 1984. 88 p.

LAUTIER, Bruno. Les "secteurs informels" face a la crise (hypothèses pour un débat). Estrutura do emprego e dinâmica espacial da força de trabalho. Salvador, 11 nov. 1985. Salvador, UFBA, Faculdade de Filosofia, 1985.

_____. Secteur informel et emploi: l'enseignement des pays sous - développés. Critiques de l'économie politique. Paris, (28): 77 - 92, juil/sept 1984.

LAVIERI, João Roberto & LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira. Evolução da estrutura urbana recente de João Pessoa: em direção à seletividade na ocupação do espaço 1960 - 86. João Pessoa, 1987 (mimeo).

LESSA, Carlos. Emprego e uma política econômica alternativa. Curitiba, Fundação PARDES, 1984. p. 49 - 54.

LOPES, José Sérgio Leite. Mudança social no Nordeste: a reprodução da subordinação (estudos sobre trabalhadores urbanos). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 225 p.

LÓPEZ-CASTAÑO, Hugo. Ciclo econômico, ciclo de vida y movilidad laboral. El sector informal como substituto a un sistema de seguridad social en Colombia - Colombia, 1987 (mimeo).

MACHADO, Maximiano Lopes. História da Província da Parahyba. Parahyba, Imprensa Oficial, 1912.

- MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. São Paulo, abril cultural, 1984. v. 1, l. 1, t. 1 - 2.
- MATHIAS, Gilberto & SALAMA, Pierre. O Estado Superdesenvolvido. (ensaios sobre intervenção estatal e sobre as formas de dominação no capitalismo contemporâneo), São Paulo. Brasiliense, 1983.
- MOISÉS, José Álvaro. et alli. Contradições urbanas e movimentos sociais. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, CEDEC, 1978. 86 p.
- MONTERO, Cecilia Casassus. Del modelo neoclásico a las teorías de la segmentación del mercado de trabajo. Sociologia del trabajo. (3/4): 9 - 22, 1980.
- _____. L'espace social de la définition des identités professionnelles; l'emploi dans le bâtiment au Chili. Cahiers des Sciences Humaines. 23 (2): 183 - 96, 1987.
- _____. Le marché du travail comme niveau d'analyse de la structure de classes. Sociologie du Travail. (1): 230 - 8, 1981.
- MOREIRA, Raimundo. O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 170 p.
- MOTTA, Roberto. org. Sobrevivência e fontes de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1983. 162 p. (População e Emprego, 16; Estudos e Pesquisas, 28).

- PAIVA, Paulo. A crise do emprego no Brasil: suas origens e perspectivas. Revista do IPARDES, Curitiba, 55 - 60, 1984.
- PALLOIX, C. Travail et Production. Paris, PCM, 1978. 134 p.
- _____. Les formes contemporaines de la socialisation et la question d'une alternative, Paris, CRMSI, 1983, 251 pp.
- PRZEWORSKI, Adam. O processo de formação das classes. Dados Rio de Janeiro, (16): 3 - 31, 1977.
- RABAY, Glória de Lourdes Freire. Associações de moradores e a formalização do movimento. João Pessoa, 1987 (mimeo).
- RODRIGUES, Janete Lins. Acumulação de capital e produção do espaço: O caso da grande João Pessoa. João Pessoa. ed. Universitária, U.F.P.B., 1980. 124 p.
- RODRIGUES, Janete Lins & DROULERS, Martine. João Pessoa crescimento de uma capital. João Pessoa, Fundação Casa José Américo, 1981.
- SALM, Cláudio. coord. O mercado de trabalho brasileiro: estrutura e conjuntura. Brasília, Ministério do Trabalho - Secretaria de Emprego e Salário; Rio de Janeiro, UFRJ - Instituto de Economia Industrial, 1987. 266 p.
- SCHMIDT, Benício V. & FARRET, Ricardo L. A questão urbana. Rio de Janeiro, Zahar, 1986. 95 p.
- SILVA, Carlos Alberto Apolinário da. Microunidades urbanas de produção - subordinação ao capital. João Pessoa, FIPLAN, 1988. 120p. (Monografias FIPLAN, 3).

SINGER, Paul. Dominação e desigualdade: estrutura de classes e repartição da renda no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 185 p.

_____. Economia política do trabalho. 2 ed. São Paulo, HUCITEC, 1979. 197 p.

_____. Economia política da urbanização. 9. ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SOUZA, Angela Maria Tude de. Disciplina fabril e reprodução operária: elementos históricos sobre as articulações entre o processo de trabalho e as práticas de reprodução do salarizado. In: Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências. Fortaleza, UFC - Mestrado de Sociologia/Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais, 1986. V. 2, p. 283 - 329.

_____. O estado e os movimentos populares na esfera da reprodução: elementos para uma recuperação histórica de sua racionalidade própria. João Pessoa, 1985 (mimeo).

SOUZA, Idamiran Batista de. et alli. Estudo de localização dos Conjuntos Habitacionais em João Pessoa. Trabalho e Graduação submetido ao CAU da UFPb, 1985.

ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO	10
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	14
SIGLAS	15
RESUMO	17
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 - EM BUSCA DO ENTENDIMENTO: PROPOSTA TEÓRICO- METODOLÓGICA	23
1.1. MERCADO DE TRABALHO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	24
1.2. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA: ESBOÇO DE TEORIZAÇÃO SOBRE ARTICULAÇÕES ENTRE TRABALHO E REPRODUÇÃO	29
a) Do artesanato ao sistema fabril	29
b) Da fábrica à indústria moderna	36
CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E MERCADO DE TRABALHO	47
2.1. NO BRASIL: ACUMULAÇÃO E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRA BALHO	48
2.2. EM NÍVEL LOCAL: REFLEXOS SOBRE OS TRABALHADORES	63
CAPÍTULO 3 - URBANIZAÇÃO DE JOÃO PESSOA: HETEROGENEIDADE DE CLASSES E ESTRATÉGIAS HABITACIONAIS	70
3.1. As "SOLUÇÕES" INSTITUCIONAIS AO PROBLEMA DA MORADIA ..	71

ANEXOS

3.2. O AVESSE DA URBANIZAÇÃO PLANEJADA: ALTERNATIVAS DO TRABALHADOR	81
CAPÍTULO 4 - TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO	94
4.1. MIGRAÇÃO: PONTO DE PARTIDA DE UM CAMINHO SEM VOLTA...	96
4.2. O ASSENTAMENTO EM JOÃO PESSOA	103
4.3. NO URBANO: RECOMPONDO ITINERÁRIOS E DIFERENCIAÇÃO DE CLASSES	106
a) Assalariamento em empresa: garantia de estabilidade?..	108
b) A construção civil: passagem ou permanência?.....	118
c) Trabalho doméstico: instabilidade, precaridade e dominação	125
d) Detentor de um ofício: condição de estabilida de	131
e) Ter seu próprio negócio: trabalho "independente"	134
f) "Biscate": estratégia de sobrevivência?	137
CAPÍTULO 5 - O "LOCUS" DAS DIFERENTES FORMAS DE (INSERÇÃO) REPRODUÇÃO	147
5.1. FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA CIMENTEIRA E CONSTITUIÇÃO DO OPERARIADO FABRIL	143
a) A Ilha até o início da década de 1930	143
b) Requisitos do processo de trabalho e a "urbani zação" da Ilha	148
c) Produção cimenteira e degradação ambiental	160
5.2. TRABALHO E MORADIA NA FAVELA: PONTO FINAL DE UMA TRAJETÓRIA	164

CONCLUSÃO	172
RESUME.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
ANEXOS	188

ANEXO: I

POPULAÇÃO, NÚMERO DE DOMICÍLIOS E TAMANHO DA AMOSTRA POR ÁREAS SELECIONADAS DE BAIXA RENDA DE JOÃO PESSOA - 1980

Nº DE ORDEM	BAIRRO OU FAVELA	POPULAÇÃO	Nº DE DOMICÍLIOS	AMOSTRA
01	Adolfo Cirne	433	73	4
02	Alto do Mateus	3.454	759	38
03	Baixo Róger (Central de Lixo)	3.019	592	30
04	Beira Cano	1.703	415	21
05	Beira Rio	3.604	744	37
06	Beira Molhada (Distrito Industrial)	2.319	474	24
07	Beira Molhada (Mandacaru)	581	117	6
08	Brasília de Palha	1.520	258	13
09	Cabo Branco (Favela Nova Brasília)	385	69	3
10	Cidade dos Funcionários	413	73	4
11	Cidade Padre Zé	2.902	554	28
12	Cristo Redentor	3.204	822	41
13	Cruz das Armas	5.818	1.104	55
14	Entre Epiácio Pessoa e Rui Carneiro	250	52	3
15	Ernani Sátiro	772	147	7
16	Gauchinha	529	105	5
17	Ilha do Bispo	4.296	926	46
18	Marés	7.829	1.585	79
19	Mandacaru	9.584	1.862	94
20	Miramar	2.119	299	15
21	Ninho da Perua (Rua da Matinha)	381	84	4
22	Oitizeiro	8.185	1.644	82
23	Padre Hildon	128	27	1
24	Penha	304	58	3
25	Porto do Capim	91	22	1
26	Porto do Tota	1.014	199	10
27	Rangel	738	149	7
28	Rua da Palha (Costa e Silva)	606	108	5
29	Saturnino de Brito, Varadouro e Cordão Encarnado	5.531	1.129	56
30	São Rafael	597	116	6
31	Vila Japonesa	1.482	299	15
T O T A L G E R A L		73.791	14.865	743

FONTE: FIPLAN - Coordenadoria de Estudos e Pesquisas.

NOTA : Tabela Transcrita da Publicação: "Populações de Baixa Renda: origem e aspirações". João Pessoa - 1983.

TEMPO DE RESIDÊNCIA EM JOÃO PESSOA (E NO DOMICÍLIO ATUAL) DA POPULAÇÃO PESQUISADA NATURAL DESTA CIDADE
SEGUNDO SUA DISTRIBUIÇÃO POR BAIRRO OU FAVELA - 1982

BAIRRO OU FAVELA	NATURAIS POR TEMPO DE RESIDÊNCIA						
	TOTAL DE	NESTA CIDADE					
	ENTREVISTADOS	15-16 ANOS	17-18 ANOS	19-20 ANOS	21-25 ANOS	26-30 ANOS	+ 30 ANOS
TOTAL	149	2	3	2	19	27	96
Adolfo Cirne	-	-	-	-	-	-	-
Alto do Mateus	6	-	-	-	3	2	1
Baixo Róger	9	-	-	-	-	1	8
Beira Cano	4	-	-	-	-	-	4
Beira Rio	4	1	-	-	-	2	1
Beira Molhada (Dist. Industrial)	5	-	-	-	-	4	1
Beira Molhada (Mandacaru)	1	-	-	-	-	-	1
Brasília de Palha	5	-	-	-	-	1	4
Cabo Branco	-	-	-	-	-	-	-
Cidade dos Funcionários	-	-	-	-	-	-	-
Cidade Padre Zé	6	-	-	-	-	-	6
Cristo Redentor	8	-	-	-	2	2	4
Cruz das Armas	12	-	-	-	3	2	7
Entre Epitácio Pessoa e Rui Carneiro	1	-	-	-	-	-	1
Ermani Sátiro	-	-	-	-	-	-	-
Gauchinha	-	-	-	-	-	-	-
Ilha do Bispo	14	-	1	-	2	2	9
Marés	9	-	-	1	-	1	7
Mandacaru	23	-	-	1	2	3	17
Miramar (favela)	2	-	-	-	-	1	1
Ninho da Perua	-	-	-	-	-	-	-
Oitizeiro	17	-	-	-	3	2	12
Padre Hildon	-	-	-	-	-	-	-
Penha	2	-	-	-	-	-	2
Porto do Capim	-	-	-	-	-	-	-
Porto do Tota	3	1	-	-	2	-	-
Rangel	1	-	-	-	-	1	-
Rua da Palha	2	-	-	-	-	-	2
São Rafael	-	-	-	-	-	-	-
Varadouro	14	-	1	-	2	3	8
Vila Japonesa	1	-	1	-	-	-	-

FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa - 1983.

NOTA: Tabulação do autor - 1987.

ANEXO III

TEMPO DE RESIDÊNCIA EM JOÃO PESSOA (E NO DOMICÍLIO ATUAL) DA POPULAÇÃO PESQUISADA NÃO NATURAL DESTA CIDADE
SEGUNDO SUA DISTRIBUIÇÃO POR BAIRRO OU FAVELA - 1982

BAIRRO OU FAVELA	NÃO NATURAIS POR TEMPO DE RESIDÊNCIA														
	TOTAL DE	NESTA CIDADE													
	ENTREVISTADOS	- 1 ANO	1-2 ANOS	3-4 ANOS	5-6 ANOS	7-8 ANOS	9-10 ANOS	11-12 ANOS	13-14 ANOS	15-16 ANOS	17-18 ANOS	19-20 ANOS	21-25 ANOS	26-30 ANOS	+30 ANOS
TOTAL	594	14	40	39	42	31	52	41	40	36	30	29	53	40	107
Adolfo Cirne	4	-	-	1	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-
Alto do Mateus	32	3	3	2	1	-	6	6	4	1	-	3	1	1	1
Baixo Róger	21	-	2	1	2	-	4	-	2	-	2	1	1	-	6
Beira Cano	17	-	-	3	2	-	2	-	2	1	2	-	2	-	3
Beira Rio	33	1	4	4	7	3	2	1	2	1	1	1	1	2	3
Beira Molhada (Distrito Industrial)	19	1	1	3	1	1	4	2	-	1	1	1	1	-	2
Beira Molhada (Mandacaru)	5	-	-	1	-	-	-	1	2	1	-	-	-	-	-
Brasília de Palha	8	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	1	1	4
Cabo Branco	3	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-
Cidade dos Funcionários	4	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
Cidade Padre Zé	22	-	1	2	5	-	1	1	-	5	-	2	3	-	2
Cristo Redentor	33	1	4	3	-	3	2	5	1	7	3	1	2	-	1
Cruz das Armas	43	1	1	3	1	1	4	2	1	1	2	3	5	5	13
Entre Epitácio Pessoa e Rui Carneiro	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ermani Sátiro	7	1	2	-	1	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1
Gauchinha	5	1	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-
Ilha do Bispo	32	-	2	-	1	2	3	1	4	-	2	1	1	1	14
Marés	70	1	2	4	3	6	4	5	1	3	5	5	10	8	13
Mandacaru	71	2	8	4	5	4	4	5	4	6	4	3	6	9	7
Miramar	13	-	2	1	1	-	1	-	2	1	-	-	2	1	2
Ninho da Perua	4	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	1
Oitizeiro	65	2	2	3	3	4	4	4	1	-	4	4	10	5	19
Padre Hildon	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Penha	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Porto do Capim	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Porto do Tota	7	-	1	-	1	2	-	-	1	-	-	-	-	1	1
Rangel	6	-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	-	1	1
Rua da Palha	3	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
São Rafael	6	-	1	-	1	-	-	1	2	-	-	-	-	1	-
Varadouro	42	-	1	3	3	2	3	1	8	4	2	1	3	2	9
Vila Japonesa	14	-	-	-	-	1	3	3	1	1	-	2	1	1	1

FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa, 1983.

NOTA: Tabulação do autor - 1987.

TEMPO DE RESIDÊNCIA (EM JOÃO PESSOA E) NO DOMICÍLIO ATUAL DA POPULAÇÃO PESQUISADA NATURAL DESTA CIDADE
SEGUNDO SUA DISTRIBUIÇÃO POR BAIRRO OU FAVELA - 1982

BAIRRO OU FAVELA	NATURAIS POR TEMPO DE RESIDÊNCIA														
	TOTAL DE ENTREVISTADOS	NO DOMICÍLIO ATUAL													
	- 1 ANO	1-2 ANOS	3-4 ANOS	5-6 ANOS	7-8 ANOS	9-10 ANOS	11-12 ANOS	13-14 ANOS	15-16 ANOS	17-18 ANOS	19-20 ANOS	21-25 ANOS	26-30 ANOS	+ 30 ANOS	
TOTAL	149	11	21	11	10	10	9	1	3	5	6	4	13	13	32
Adolfo Cirne	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alto do Mateus	6	1	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Baixo Róger	9	-	1	-	1	-	1	-	-	1	1	-	-	2	2
Beira Cano	4	-	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Beira Rio	4	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Beira Molhada (Dist. Industrial)	5	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	-
Beira Molhada (Mandacaru)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Brasília de Palha	5	1	-	1	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-
Cabo Branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cidade dos Funcionários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cidade Padre Zé	6	1	-	3	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cristo Redentor	3	1	1	-	1	3	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cruz das Armas	12	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	4	3	3
Entre Epitácio Pessoa e Rui Carneiro	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ermani Sátiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gauchinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ilha do Bispo	14	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-	3	1	-	6
Marés	9	1	1	2	-	-	-	-	-	1	-	2	1	-	1
Mandacaru	23	2	2	2	-	-	3	-	1	1	-	1	2	2	7
Miramar (favela)	2	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ninho da Perua	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Oitizeiro	17	1	2	-	2	-	1	-	1	-	1	-	-	3	6
Padre Hildon	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Penha	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Porto do Capim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porto do Tota	3	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Rangel	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rua da Palha	2	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Rafael	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Varadouro	14	1	1	1	1	1	2	-	1	1	1	-	1	-	3
Vila Japonesa	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa - 1983.

NOTA: Tabulação do autor - 1987.

TEMPO DE RESIDÊNCIA (EM JOÃO PESSOA) E NO DOMICÍLIO ATUAL DA POPULAÇÃO PESQUISADA NÃO NATURAL DESTA CIDADE SEGUNDO SUA DISTRIBUIÇÃO POR BAIRRO OU FAVELA - 1982

BAIRRO OU FAVELA	NÃO NATURAIS POR TEMPO DE RESIDÊNCIA															
	TOTAL DE	NO DOMICÍLIO ATUAL														
	ENTREVISTADOS	- 1 ANO	1-2 ANOS	3-4 ANOS	5-6 ANOS	7-8 ANOS	9-10 ANOS	11-12 ANOS	13-14 ANOS	15-16 ANOS	17-18 ANOS	19-20 ANOS	21-25 ANOS	26-30 ANOS	+ 30 ANOS	
TOTAL	594	61	89	76	57	42	45	32	26	30	21	19	30	24	41	1
Adolfo Cirne	4	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alto do Mateus	32	3	7	2	5	-	6	5	1	2	-	1	-	-	-	-
Baixo Róger	21	3	6	1	1	-	2	-	1	2	1	-	-	-	4	-
Beira Cano	17	2	5	5	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Beira Rio	33	4	10	8	5	3	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Beira Molhada (Distrito Industrial)	19	2	1	3	4	1	3	2	-	1	-	-	1	1	-	-
Beira Molhada (Mandacaru)	5	1	1	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-
Brasília de Palha	8	-	1	-	1	-	-	1	-	1	2	1	1	-	-	-
Cabo Branco	3	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Cidade dos Funcionários	4	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Cidade Padre Zé	22	1	6	6	2	5	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Cristo Redentor	33	4	5	3	3	4	-	2	2	7	1	1	1	-	-	-
Cruz das Armas	43	2	2	7	2	2	5	2	3	-	-	3	3	3	9	-
Entre Epitácio Pessoa e Rui Carneiro	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-
Ernani Sátiro	7	5	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gauchinha	5	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ilha do Bispo	32	-	4	3	2	1	4	1	3	2	-	1	2	2	7	-
Marês	70	6	10	10	5	8	3	5	-	1	4	2	5	5	6	-
Mandacaru	71	8	8	7	7	4	5	1	5	7	3	1	4	7	4	-
Miramar	13	1	4	2	1	-	-	1	-	2	1	1	-	-	-	-
Ninho da Perua	4	-	1	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Oitizeiro	65	7	3	2	2	6	4	4	2	-	8	6	6	3	9	1
Padre Hildon	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Penha	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Porto do Capim	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porto do Tota	7	1	2	1	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Rangel	6	-	1	1	1	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-
Rua da Palha	3	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Rafael	6	-	1	1	2	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Varadouro	42	4	3	8	4	2	3	3	3	4	1	-	3	2	2	-
Vila Japonesa	14	2	2	1	1	1	4	1	-	-	-	2	-	-	-	-

FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa - 1983.

NOTA: Tabulação do autor - 1987.

ANEXO VI

TEMPO DE RESIDÊNCIA EM JOÃO PESSOA E NO DOMICÍLIO ATUAL DA POPULAÇÃO PESQUISADA NATURAL E NÃO NATURAL DESTA CIDADE

TEMPO DE RESIDÊNCIA	NATURAIS DE JOÃO PESSOA POR TEMPO DE RESIDÊNCIA				NÃO NATURAIS DE JOÃO PESSOA POR TEMPO DE RESIDÊNCIA			
	Nesta Cidade		No Domicílio Atual		Nesta Cidade		No Domicílio Atual	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Menos de 1 ano	-	-	11	7,4	14	2,4	61	10,3
1 a 4	-	-	32	21,5	79	13,3	165	27,8
5 a 8	-	-	20	13,4	73	12,3	99	16,7
9 a 12	-	-	10	6,7	93	15,7	77	13,0
13 a 16	2	1,3	8	5,4	76	12,8	56	9,4
17 a 20	5	3,4	10	6,7	59	9,9	40	6,7
21 a 25	19	12,8	13	8,7	53	8,9	30	5,0
26 a 30	27	18,1	13	8,7	40	6,7	24	4,0
Mais de 30	96	64,4	32	21,5	107	18,0	41	6,9
Não Sabe	-	-	-	-	-	-	1	0,2
T O T A L	149	100,0	149	100,0	594	100,0	594	100,0

FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa, 1983. (Tabulação do autor)

ANEXO VII

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO O LOCAL DE MORADIA ATUAL E O NÚMERO DE MUDANÇAS - JOÃO PESSOA - 1982

Número de Or dem	BAIRRO OU FAVELA	TOTAL GERAL		POPULAÇÃO SEGUNDO O NÚMERO DE MUDANÇAS							
		DE VISTADOS	ENTRE	Uma Veze	Duas Vezes	Tres Vezes	Quatro Vezes	Cinco Vezes	Seis Vezes	Sete Vezes	Oito Vezes
01	Adolfo Cirne	4	3	3	2	-	-	-	-	-	-
02	Alto do Mateus	38	27	12	6	1	-	-	-	-	-
03	Baixo Róger	30	22	12	5	2	1	-	-	-	-
04	Beira Cano	21	17	9	5	2	-	-	-	-	-
05	Beira Rio	37	30	14	7	4	1	-	-	-	-
06	Beira Molhada(Dist. Industrial)	24	19	13	5	-	-	-	-	-	-
07	Beira Molhada (Mandacaru)	6	6	2	-	-	-	-	-	-	-
08	Brasília de Palha	13	11	7	2	1	1	1	-	-	-
09	Cabo Branco	3	3	1	-	-	-	-	-	-	-
10	Cidade dos Funcionários	4	2	1	1	-	-	-	-	-	-
11	Cidade Padre Zé	28	27	10	4	2	2	-	-	-	-
12	Cristo Redentor	41	27	10	1	1	1	1	1	1	-
13	Cruz das Armas	55	26	9	5	2	-	-	-	-	-
14	Entre Epitácio e Rui Carneiro	3	3	1	1	-	-	-	-	-	-
15	Ermani Sátiro	7	4	2	2	1	1	1	1	1	-
16	Gauchinha	5	4	3	2	1	1	1	-	-	-
17	Ilha do Bispo	46	30	14	3	-	-	-	-	-	-
18	Marés	79	53	21	9	2	2	-	-	-	-
19	Mandacaru	94	53	20	9	2	2	2	2	2	1
20	Miramar	15	12	8	3	-	-	-	-	-	-
21	Ninho da Perua	4	3	2	2	2	1	-	-	-	-
22	Oitizeiro/Bairro dos Novais	82	50	23	8	4	2	1	-	-	-
23	Padre Hildon	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-
24	Penha	3	2	1	1	1	-	-	-	-	-
25	Porto do Capim	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-
26	Porto do Tota	10	9	3	2	-	-	-	-	-	-
27	Rangel	7	6	1	1	-	-	-	-	-	-
28	Rua da Palha	5	5	2	-	-	-	-	-	-	-
29	São Rafael	6	6	2	-	-	-	-	-	-	-
30	Varadouro	56	48	30	16	3	3	1	1	-	-
31	Vila Japonesa	15	11	5	1	-	-	-	-	-	-
TOTAL DE PESSOAS		743	521	242	101	31	18	8	5	1	

FONTE: FIPLAN: Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações - João Pessoa - 1983.

NOTA : Tabulação do autor - João Pessoa - 1987.

ANEXO VIII

NATUREZA DA FIRMA EMPREGADORA E TEMPO DE PERMANÊNCIA NA OCUPAÇÃO ATUAL COM VÍNCULO EMPREGATÍCIO DA POPULAÇÃO PESQUISADA DE JOÃO PESSOA - 1982

NATUREZA DA FIRMA EMPREGADORA	TEMPO DE PERMANÊNCIA NA OCUPAÇÃO ATUAL											MAIS DE 20 ANOS	NÃO DE CLAROU	TOTAL
	MENOS DE 12 MESES	DE 1 A 2 ANOS	DE 3 A 4 ANOS	DE 5 A 6 ANOS	DE 7 A 8 ANOS	DE 9 A 10 ANOS	DE 11 A 12 ANOS	DE 13 A 14 ANOS	DE 15 A 16 ANOS	DE 17 A 18 ANOS	DE 19 A 20 ANOS			
TOTAL	124	127	89	38	26	21	16	10	12	3	9	23	5	503
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	20	26	25	13	10	5	2	-	-	1	-	3	-	105
. Trabalhador Direto da Produção	13	17	17	12	7	3	2	-	-	-	-	2	-	73
. Trabalhador Indireto da Produção	7	9	8	1	3	2	-	-	-	1	-	1	-	32
INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	38	14	1	8	2	2	3	1	1	-	-	-	2	72
COMÉRCIO	29	25	19	1	3	-	1	-	1	1	-	-	1	81
TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES	3	5	4	2	1	1	-	-	-	-	-	-	-	16
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	33	56	39	14	10	12	10	9	10	1	9	20	2	225
. Na Administração Pública	15	27	18	9	6	8	9	7	9	1	8	19	-	136
. Na Administração Particular	18	29	21	5	4	4	1	2	1	-	1	1	2	89
OUTRAS ATIVIDADES E/OU MAL DEFINIDAS	1	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	4

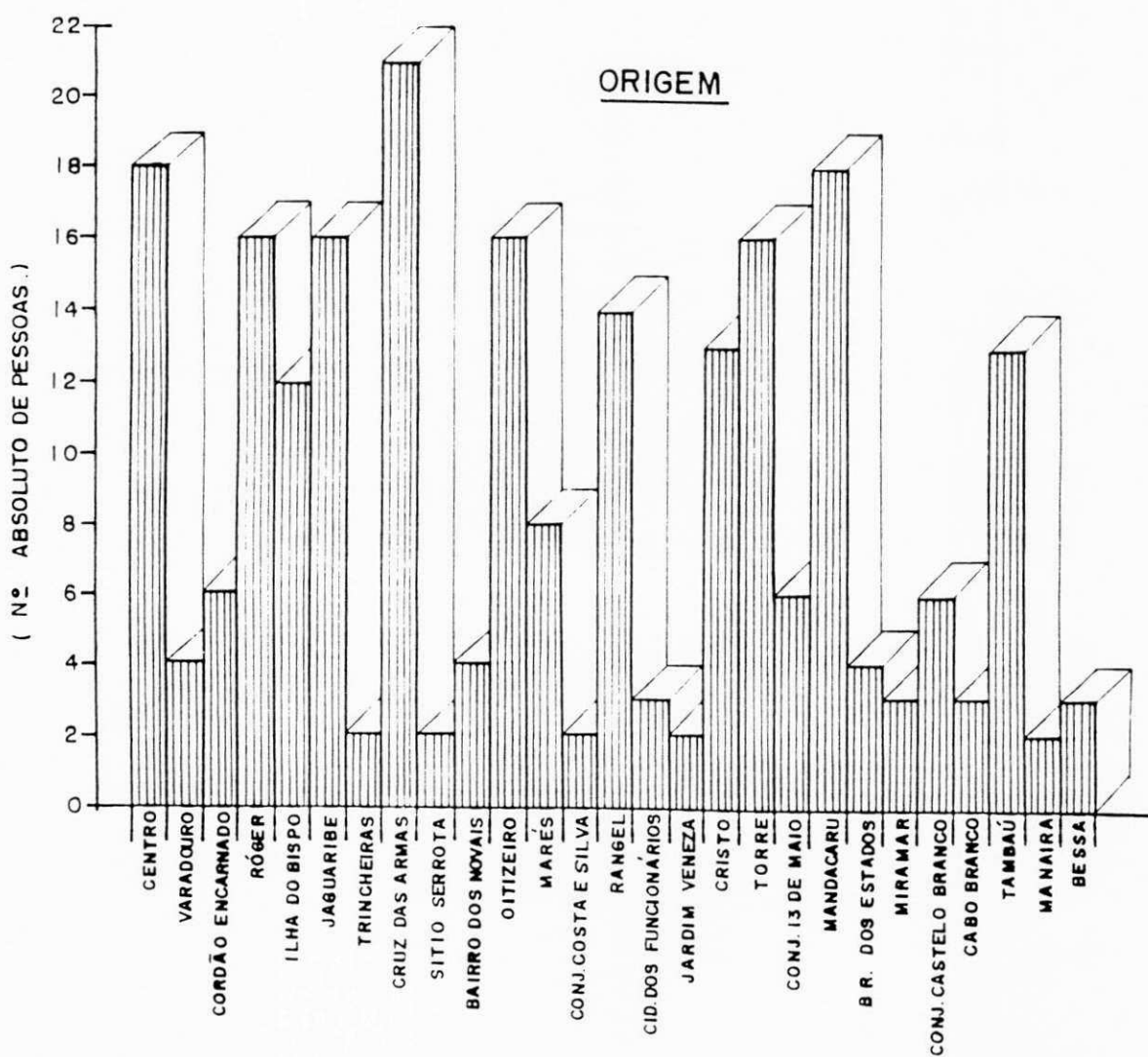
FONTE: FIPLAN. Populações de Baixa Renda: Origem e Aspirações. João Pessoa - 1983.

NOTA: Tabulação do autor - 1987.

OBS: Estão excluídas as pessoas na condição de "Inativo" (246).

GRÁFICOS

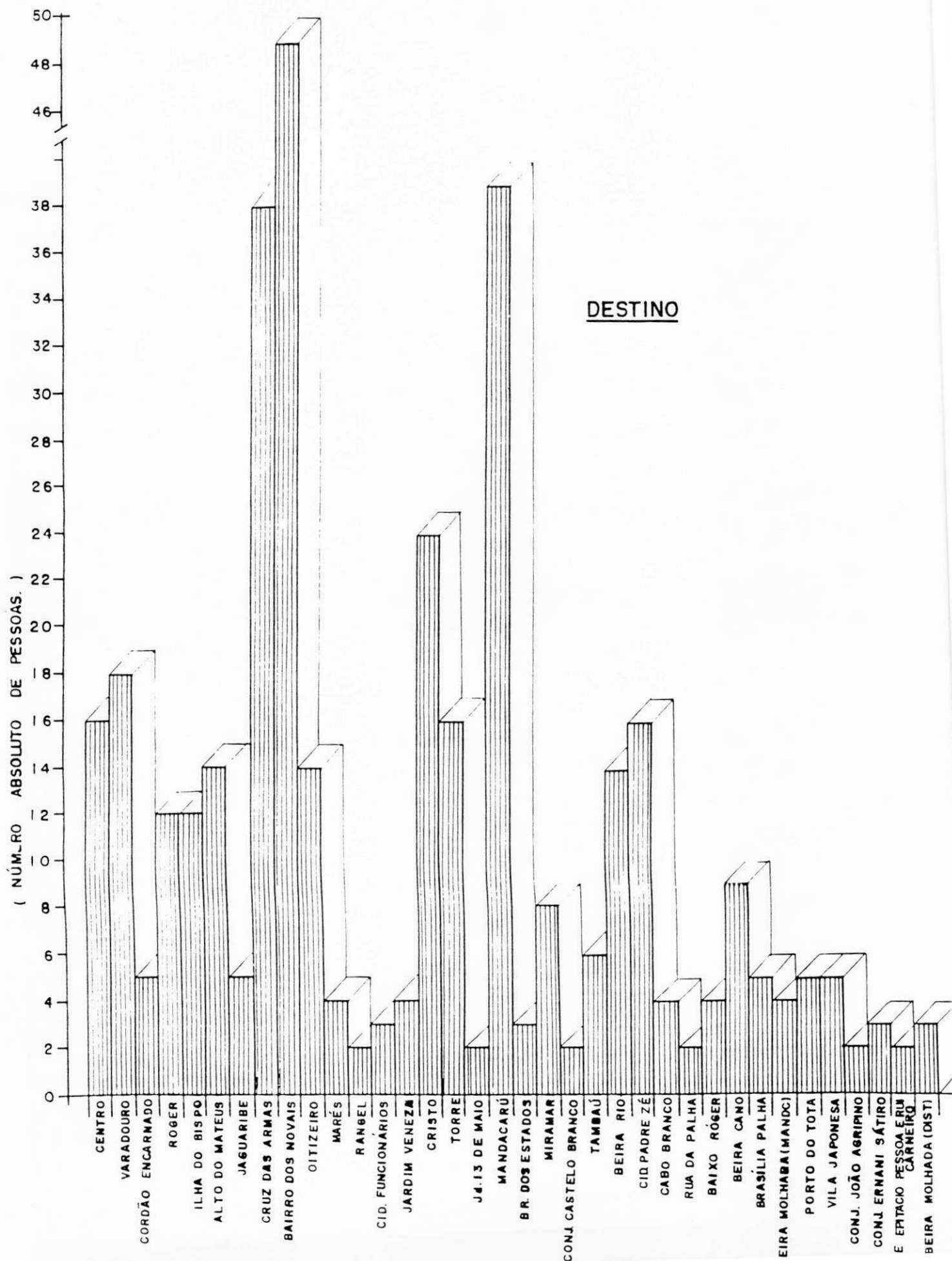
DINÂMICA DOS DESLOCAMENTOS INTRA-URBANOS
1ª MUDANÇA RESIDENCIAL



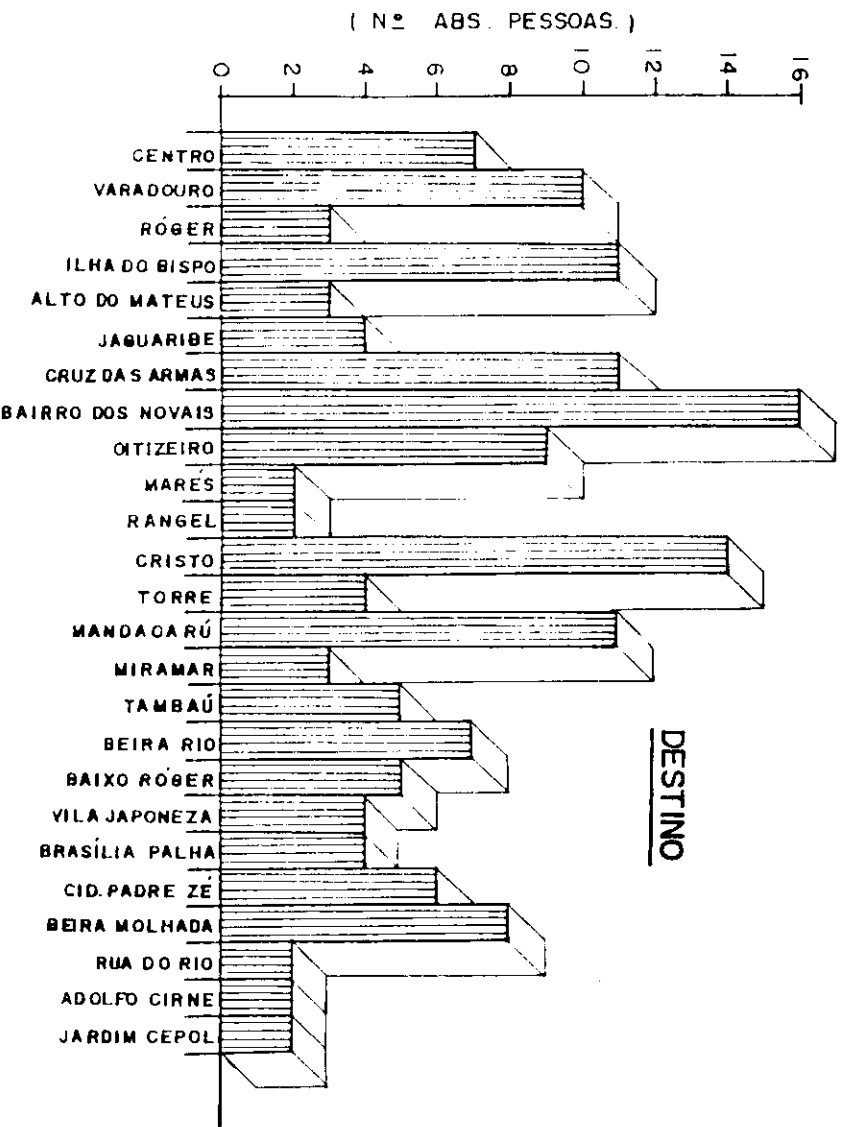
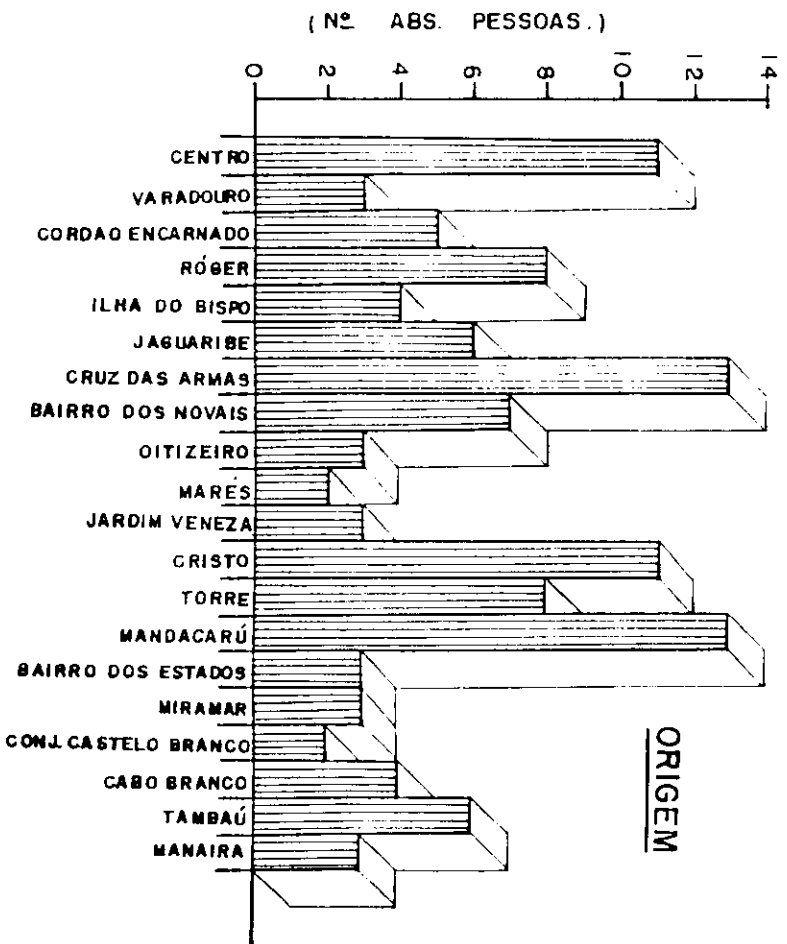
(BAIRROS, CONJUNTOS, RUAS, SÍTIOS E FAVELAS)

1ª MUDANÇA RESIDENCIAL

GRÁFICO Nº - 2

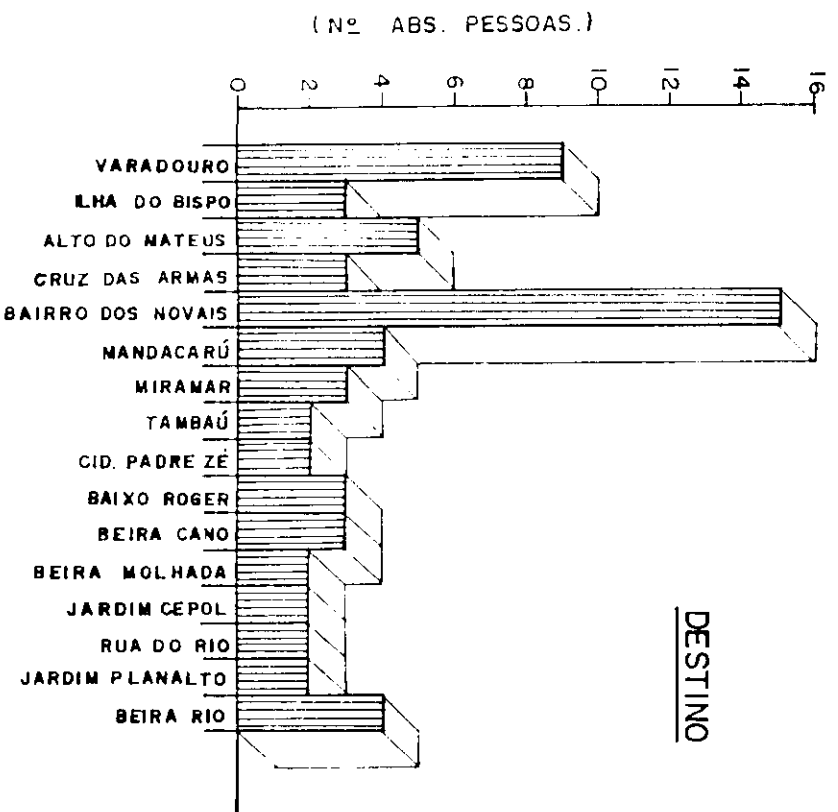
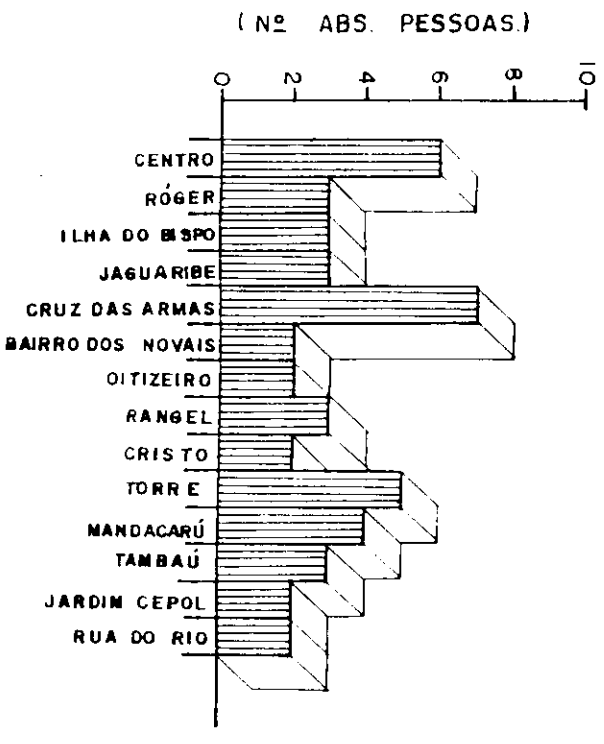


DINÂMICA DOS DESLOCAMENTOS INTRA-URBANOS
2.9 MUDANÇA RESIDENCIAL



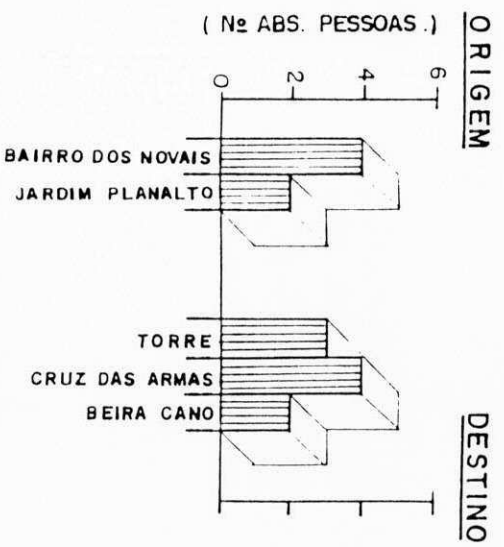
(BAIRRO, CONJUNJOS, RUAS, SÍTIOS E FAVELAS)

DINÂMICA DOS DESLOCAMENTOS INTRA-URBANOS
3.9 MUDANÇA RESIDENCIAL



(BAIRROS, CONJUNTOS, RUAS, SÍTIOS E FAVELAS)

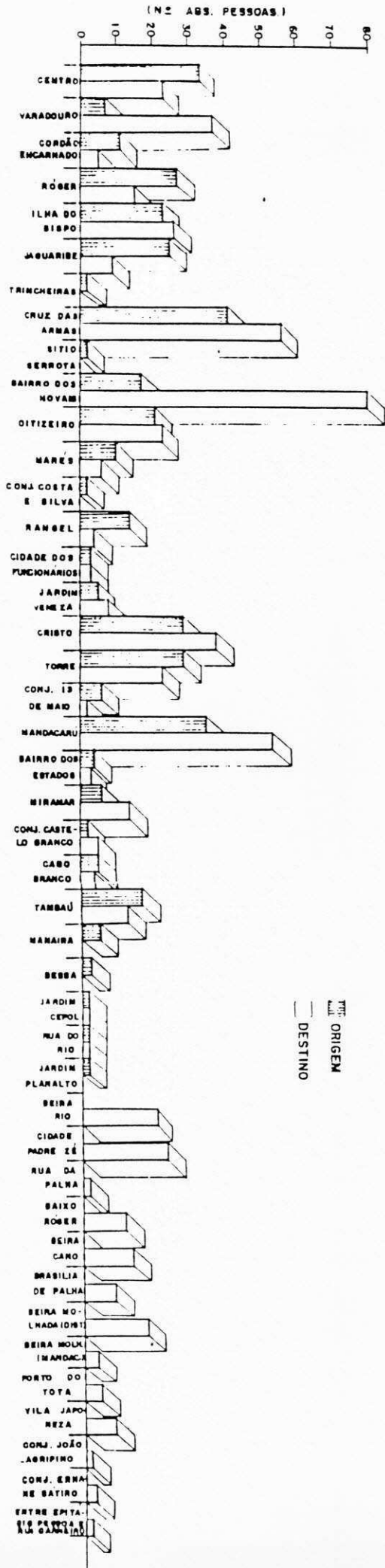
DINÂMICA DOS DESLOCAMENTOS INTRA-URBANOS
 4ª MUDANÇA RESIDENCIAL



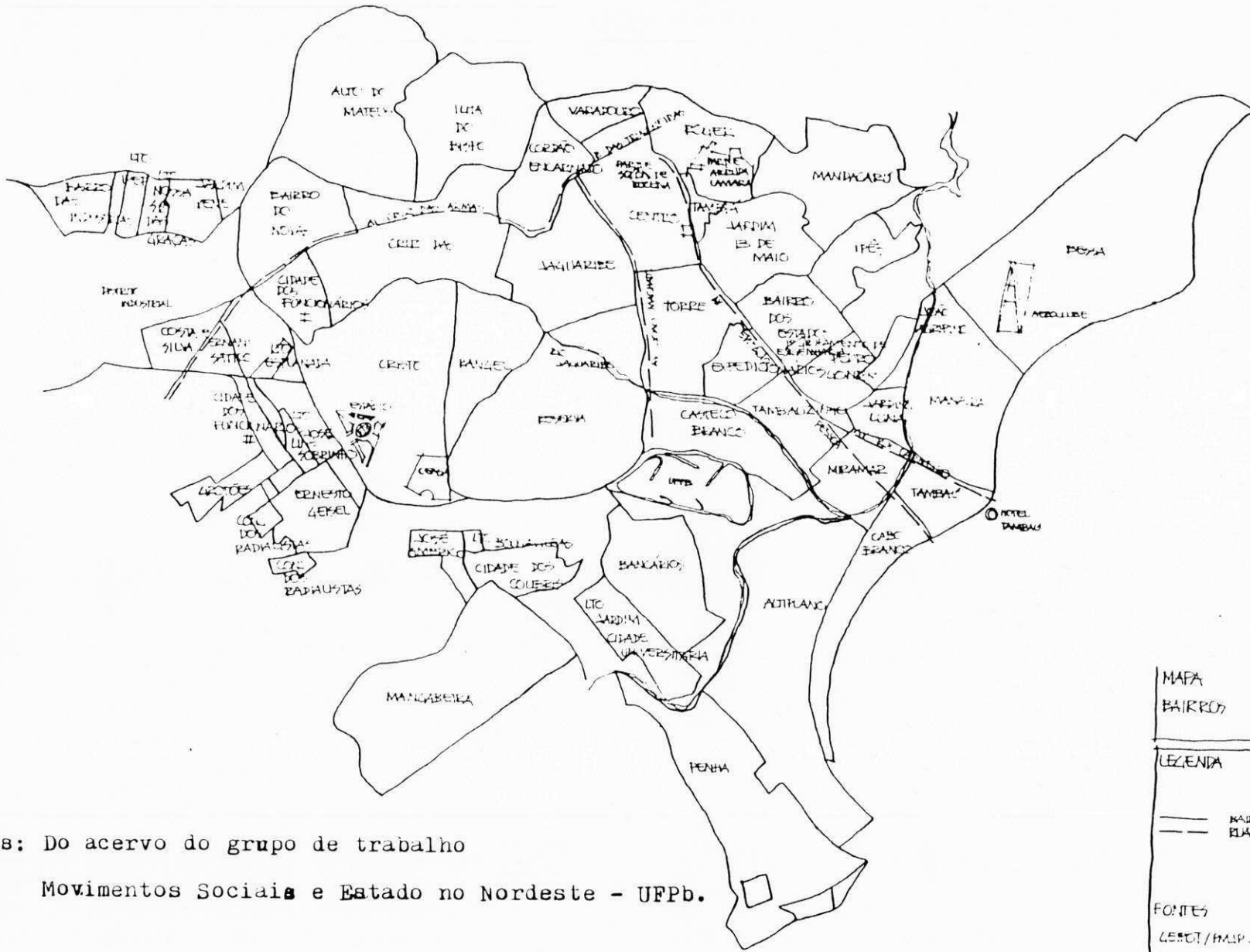
(BAIRROS, CONJUNTOS, RUAS, SÍTIOS E FAVELAS)

RESULTADO FINAL DAS MUDANÇAS RESIDENCIAIS EFETIVADAS
(19, 29, 39, 49)

(BAIRROS, CONJUNTOS, RUAS, SÍTIOS E FAVELAS)



MAPAS



Obs: Do acervo do grupo de trabalho
 Movimentos Sociais e Estado no Nordeste - UFPb.

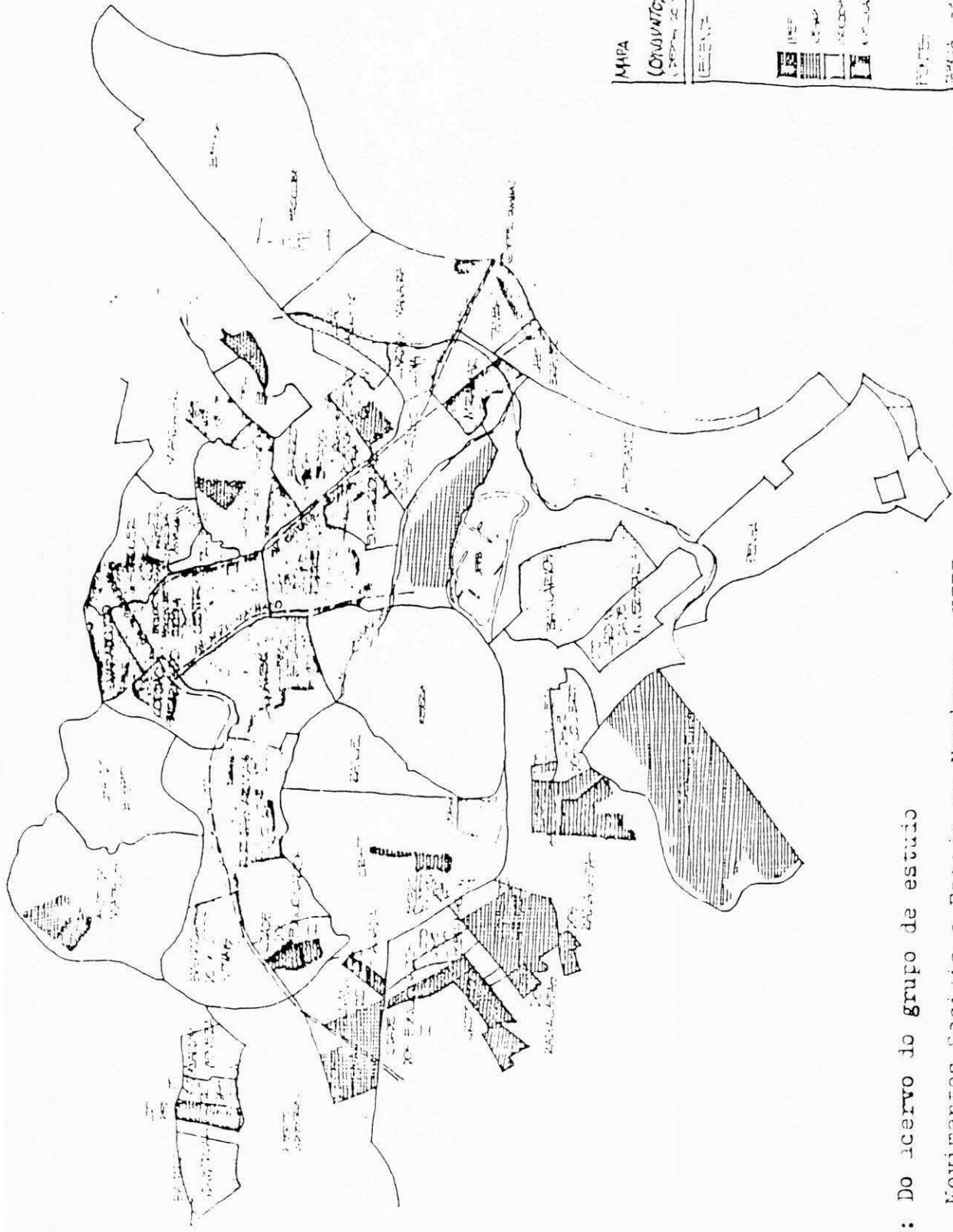
MAPA
 BAIRROS

LEGENDA

—— BAIRROS
 == RUA - AVENIDAS ==

FONTES
 GERICI/HASP. FIER

N
 0 KM 500



6: Do acervo do grupo de estudo
Movimentos Sociais e Estado no Nordeste - UFPE

MAPA
COMUNIDADES HIERÁRQUICAS
(1970-1980)

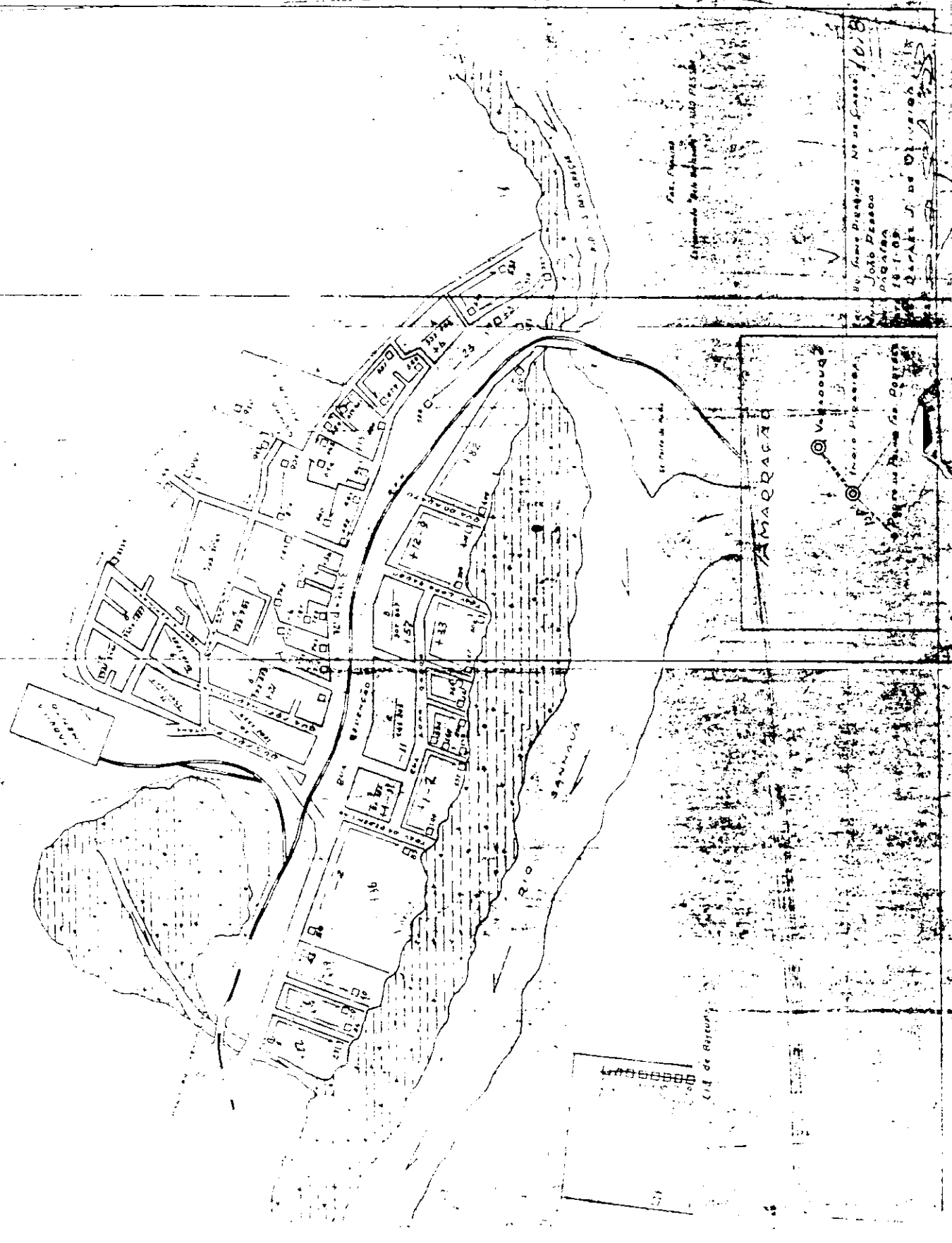


UFPE
1980



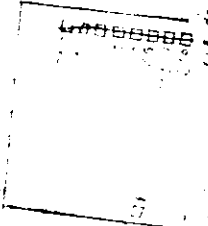
0 100 200 300
M

Sol



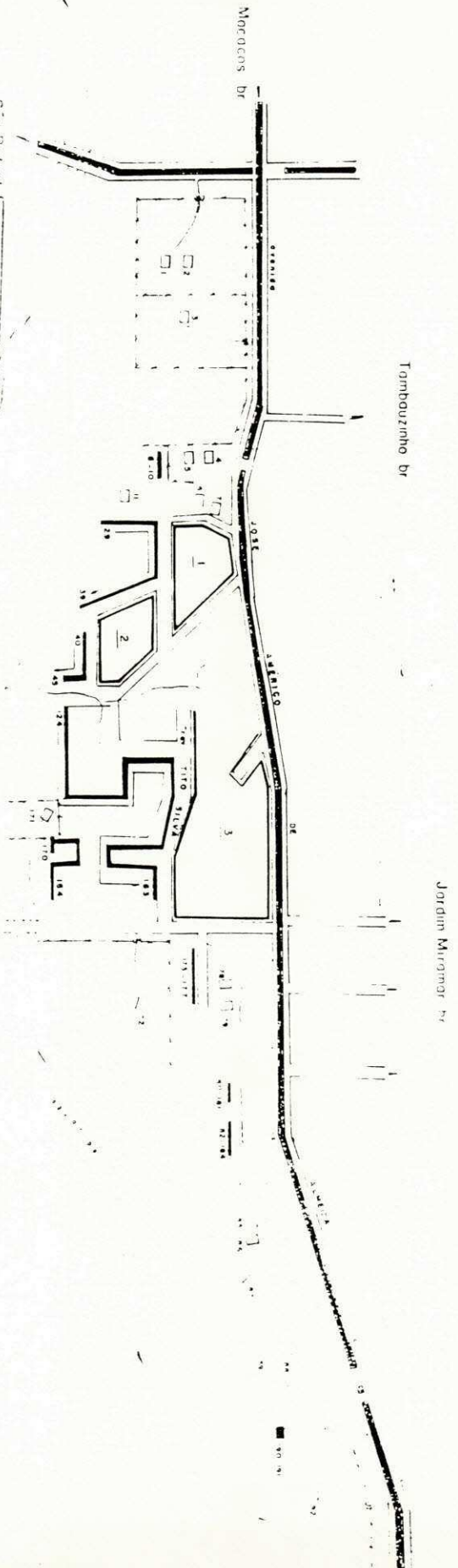
Esc. Arquitecta
 Departamento de Urbanismo - 1940 P. 25. 26

No. Plano: 1018
 J. O. P. 1018
 18-1-55
 D. A. S. de D. V. 1018





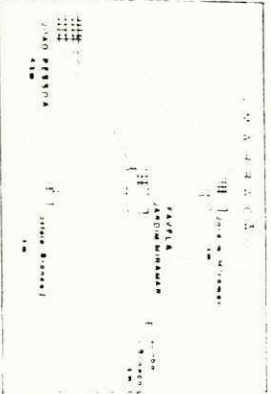
Jordim Miramar Br



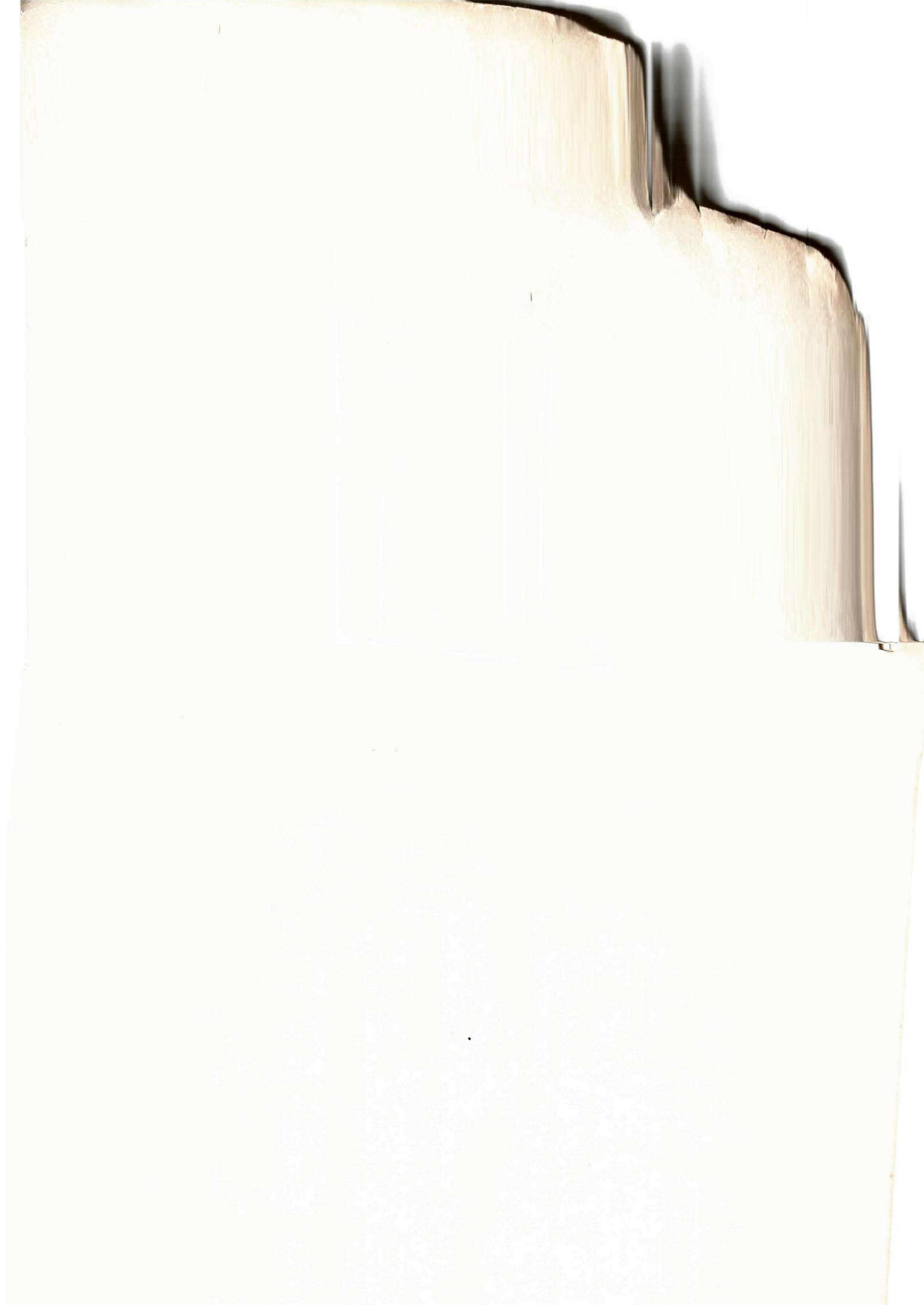
3ºº Rdtel
17

DISCRIMINACAO DOS QUARTILOS			
QUARTIL	NUMERACAO	ATUALIZACAO	CONSTATACAO
01	15-28		
02	46-42		
03	41-03		

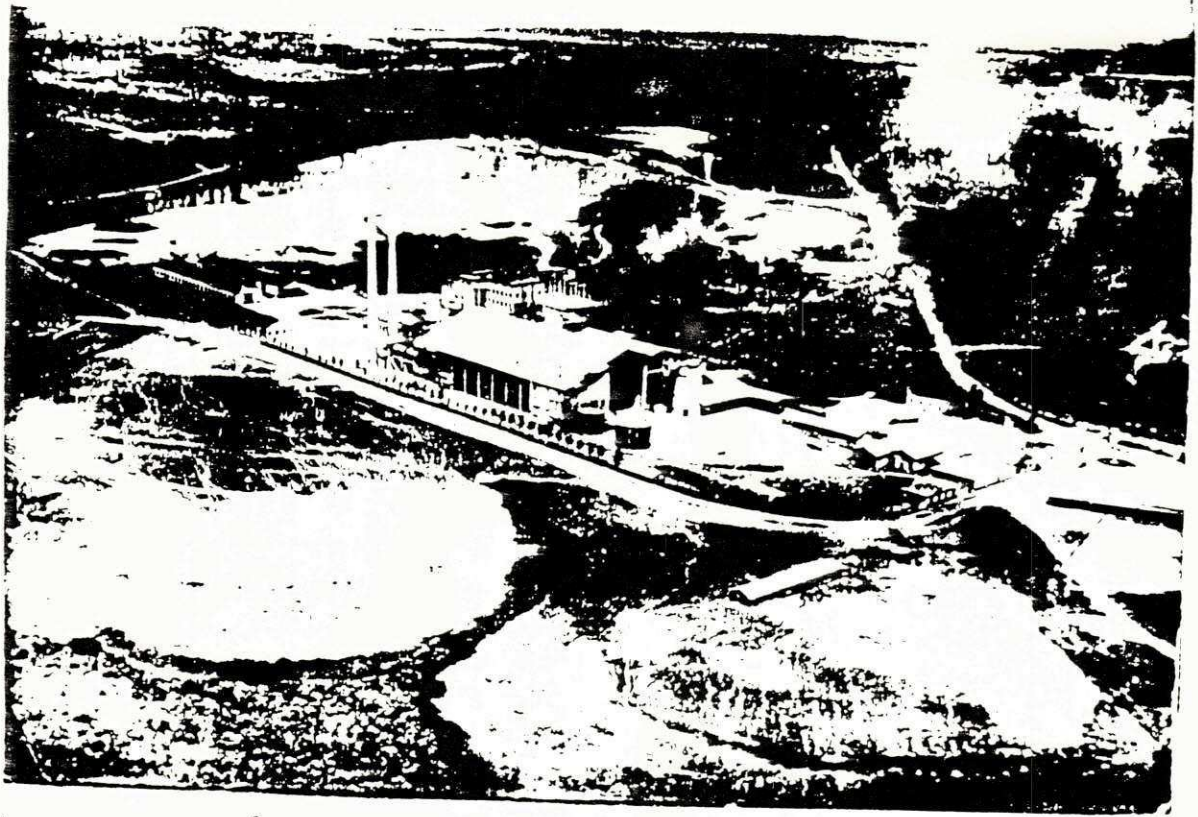
Castelo do Inco I Br



LOG: Favela Jordim Miramar Br
 MUN: J. de Paes
 EST: RJ
 DAT: 1966
 REC: 1966
 CART: 1966

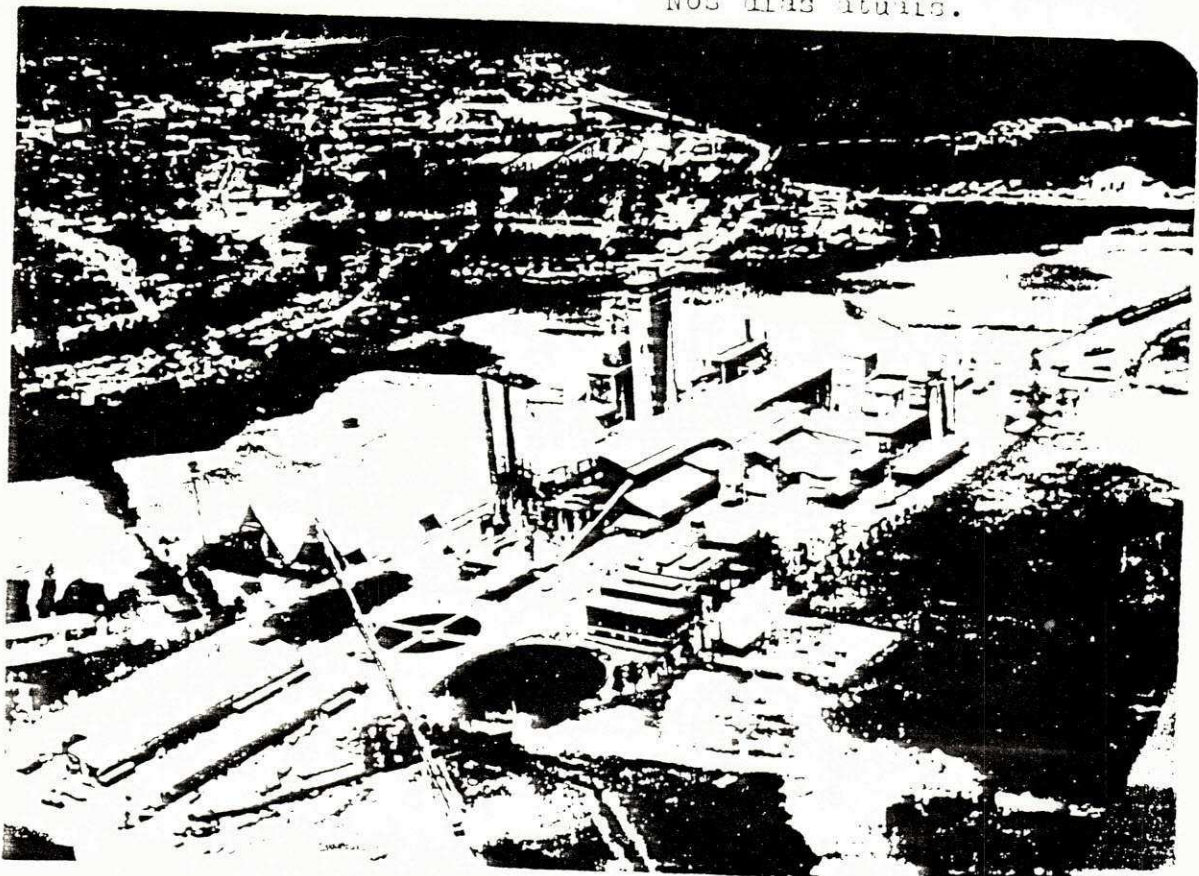


A fábrica de cimento,



nos seus primórdios.

Nos dias atuais.



1976